O Morto

Coelho Neto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

edição
ExiladoLivros

O Morto – Memórias de um Fuzilado (1898)
Coelho Neto (1864-1934)

Fontes digitais:
Ministério da Cultura
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
Departamento Nacional do Livro
www.bn.br
[http://www.bn.br/bibvirtual/acervo/]

Biografia do Autor:
ABL
www.academia.org.br

Copyright
Domínio Público

O MORTO
(Memórias de Um Fuzilado)

Coelho Neto

ÍNDICE

Nota Informativa
O Autor

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo II
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX
Capítulo XXXI
Capítulo XXXII
Capítulo XXXIII
Capítulo XXXIV
Capítulo XXXV
Capítulo XXXVI
Capítulo XXXVII

O Morto
(Coelho Neto)

Nota Informativa

Em *O morto* Coelho Netto desenvolve uma trama que despertará ressonâncias bastante sugestivas em leitores que conservam na lembrança (por terem-na experimentado pessoalmente ou conhecido por depoimentos) a situação vivenciada pelo brasileiro comum nos anos da ditadura militar. Dosando com felicidade suspense e humor, Coelho Netto narra a existência de um burguês pacato, envolvido de repente nas malhas de uma intriga kafkianamente absurda. Como pano de fundo para a ação o autor constrói notável painel do Rio nesses meses da revolta da armada, em que se destacam as cenas do êxodo da população litorânea, apavorada pela ameaça de bombardeamento da cidade pelos rebeldes. Nessas páginas – e não nos duvidosos textos de antologia, que privilegiam a pirotecnia verbal do estilista parnasiano – poderá o leitor constatar o poder expressivo do narrador Coelho Netto. A segunda metade do romance transcorre no meio rural e revela, na fixação dos quadros da natureza e da vida em uma fazenda, elaborados em linguagem límpida e expressiva, o lado lírico do escritor. Visto no seu todo, *O morto* constitui uma obra equilibrada e estilisticamente sóbria, capaz de desacreditar a imagem simplificadora de verbalista vazio a que se tem pretendido reduzir o seu autor.

Mas tal imagem, já de si obstáculo respeitável dificultando o acesso dos leitores ao mundo ficcional de Coelho Netto, não representa a única pedra nessa vereda arriscada: o tecido de equívocos que cerca a obra do escritor maranhense tem urdidura mais cerrada. Um outro estereótipo, esse de natureza temática, começou a articular-se ainda em vida do escritor, na pena ressentida de Lima Barreto. Na visão do criador do Isaías Caminha o romancista de *Turbilhão* exercia uma "ditadura/.../ particularmente nociva" no meio intelectual brasileiro, por reduzir a literatura à produção de frivolidades para leitoras ociosas: "Não posso compreender que a literatura consista no culto do dicionário; não posso compreender que ela se resuma

em elucidações mais ou menos felizes dos estados d'alma das meninas de Botafogo ou de Petrópolis; /.../" – o crítico segue por aí adiante, numa negação raivosa, tingida de ressentimentos pessoais, do valor do seu contemporâneo mais afortunado, detentor na época de invejável (e invejado?) sucesso junto aos leitores. Anos depois, em artigo cujo título já define as intenções do autor – "Histrião ou literato?" –, Lima Barreto volta à carga e, a propósito de um simples discurso de circunstância, pronunciado por Coelho Netto na inauguração de uma dependência do Clube Fluminense, proclama-o "o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual", reduz sumariamente a zero todo o valor do romancista maranhense e, ressumando carga ainda maior de despeito, torna a repisar a velha tecla de que "desde menino, o Senhor Coelho Netto ficou deslumbrado por Botafogo e as suas relativas elegâncias".

Tudo isso é criticamente desprezível, e poderia ser aqui ignorado não fosse o prestígio quase mítico com que toda uma corrente intelectual, a partir dos anos 30, passou a cercar a figura de Lima Barreto. Tal postura acarretava o endosso, sem maior exame, do estereótipo posto em circulação por Lima Barreto, que reduzia Coelho Netto às dimensões de um "romancista de Botafogo e suas elegâncias". Se a crítica se desse ao trabalho de ler a ficção do criador de *O morto*, constataria, surpresa, que tal estereótipo, como costuma suceder com a maior parte dos estereótipos, tem como característica única a sua falsidade; que as "meninas de Botafogo e de Petrópolis" pouco freqüentam essa ficcão; e que, no plano social, o romance de Coelho Netto volta-se de preferência para a classe média (à qual pertencia o escritor), enquanto no tocante à geografia urbana focaliza o centro da cidade e os bairros a ele periféricos – bairros típicos de classe média. Em suma: nem meninas elegantes, nem Botafogo, nem Petrópolis ... Coelho Netto é, acima de tudo, um cronista do viver da pequena e média burguesia carioca na virada do século. Evidentemente, o seu realismo contido, de corte flaubertiano, pouco propenso ao libelo acusatório no gênero das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, detinha um potencial de fascínio bastante moderado para uma geracão marcada pelas lutas ideológicas que dilaceraram o Brasil após a revolução de 30. Mas também sob esse aspecto o momento atual – de crepúsculo das ideologias – pode e deve abrir espaço à reavaliação de numerosos escritores – dentre os quais Coelho Netto – banidos sumariamente da cidade das letras por não se conformarem a um modelo ideológico fixado a priori pela crítica. Quem sabe esteja próximo o momento em que o autor de *O morto* poderá abandonar finalmente o incômodo e excêntrico papel de "escritor maldito" a

que o condenaram, ironicamente, os adversários.

Rosa Gens

O Autor

Coelho Neto (Henrique Maximiano C. N.), professor, político, romancista, contista, crítico, teatrólogo, memorialista e poeta, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. É o fundador da Cadeira n. 2 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono Álvares de Azevedo.

Foram seus pais Antônio da Fonseca Coelho, português, e Ana Silvestre Coelho, índia. Tinha ele seis anos quando seus pais se transferiram para o Rio. Estudou os preparatórios no Externato do Colégio Pedro II. Depois tentou os estudos de Medicina, mas logo desistiu do curso. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Seu espírito revoltado encontrou ali ótimo ambiente para destemidas expansões, e ele se viu envolvido num movimento dos estudantes contra um professor. Prevendo represálias, transferiu-se para Recife, onde fez o 1º ano de Direito, tendo Tobias Barreto como o principal mestre. Regressando a São Paulo, entregou-se ardentemente às idéias abolicionistas e republicanas, numa atitude que o incompatibilizou com certos mestres conservadores. Deu por concluídos os estudos jurídicos, em 1885, e transferiu-se para o Rio. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney. A história dessa geração apareceria depois no seu romance A Conquista (1899). Tornou-se companheiro assíduo de José do Patrocínio, na campanha abolicionista. Ingressou na Gazeta da Tarde, passando depois para a Cidade do Rio, onde chegou a exercer o cargo de secretário. Por essa época começou a publicar seus trabalhos literários.

Em 1890, casou-se com Maria Gabriela Brandão, filha do educador Alberto Olympio Brandão. Do seu casamento teve 14 filhos. Foi nomeado para o cargo de secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, Diretor dos Negócios do Estado. Em 1892, foi nomeado professor de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes e, mais tarde, professor de Literatura do Ginásio Pedro II. Em 1910, foi nomeado professor de História do Teatro e Literatura Dramática da Escola de Arte Dramática, sendo logo depois diretor do estabelecimento.

Eleito deputado federal pelo Maranhão, em 1909, e reeleito em 1917.

Foi também secretário geral da Liga de Defesa Nacional e membro do Conselho Consultivo do Teatro Municipal.

Além de exercer os cargos para os quais era chamado, Coelho Neto multiplicava a sua atividade em revistas e jornais de todos os feitios, no Rio e em outras cidades. Além de assinar trabalhos com seu próprio nome, escrevia sob inúmeros pseudônimos, entre outros: Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N. Puck, Tartarin, Fur-Fur, Manés.

Cultivou praticamente todos os gêneros literários e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil. Apesar dos ataques que sofreu por parte de gerações mais recentes, sua presença na literatura brasileira ficou devidamente marcada. Em 1928, foi eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros, num concurso realizado pelo Malho. João Neves da Fontoura, no discurso de posse, traçou-lhe o justo perfil:

> "As duas grandes forças da obra de Coelho Neto residem na imaginação e no poder verbal. ... Havia no seu cérebro, como nos teatros modernos, palcos móveis para as mutações da mágica. É o exemplo único de repentista da prosa. ... Dotado de um dinamismo muito raro, Neto foi um idólatra da forma."

Principais obras: Rapsódias, contos (1891); A capital federal, romance (1893); Baladilhas, contos (1894); Fruto proibido, contos (1895); Miragem, romance (1895); O rei fantasma, romance (1895); Inverno em flor, romance (1897), Álbum de Caliban, contos (1897); O morto, romance (1898); A descoberta da Índia, narrativa histórica (1898); O rajá do Pendjab, romance (1898); A Conquista, romance (1899); A tormenta, romance (1901); Turbilhão, romance (1906); Vida mundana, contos (1909); Banzo, contos (1913); Rei negro, romance (1914); Mano, Livro da Saudade (1924); O polvo, romance (1924): Imortalidade, romance (1926); Contos da vida e da morte, contos (1927); A cidade maravilhosa, contos (1928); Fogo fátuo, romance (1929). Publicou, ainda, peças de teatro (vários livros), crônicas, críticas, obras didáticas, discursos e conferências.

O MORTO
(Memórias de um Fuzilado)

CAPÍTULO I

MEU VERDADEIRO nome é Josefino Soares. A razão do incógnito que eu trouxe, durante meses, juntamente com uma viçosa barba ruiva, que repontou em meu rosto com a exuberância de sarçal bravio em terras esquecidas, o leitor achará nestas páginas simples, que, vagarosamente, escrevi à sombra de árvores, em remoto desterro, enquanto a metralha arrasava a terra hospitaleira onde, numa tarde tépida de junho de 1863, meu pai celebrou, contente, o natal do seu primeiro filho, que sou eu.

Nasci miúdo e fraco nas mãos de minha tia Manuela, entendida em partos e em compotas, e, tão fino era o fio da minha vida que, para chorar, foi necessário que a solícita senhora me assistisse com a mão direita em certo ponto sensível. Ao meu primeiro grito agudo as lágrimas saltaram dos olhos de minha mãe, de alegria e de pena, por ver-me com vida, mas esperneando, roxo das palmadas cruéis com que me ativaram as energias entorpecidas. Mergulharam-me, em seguida, em banho esperto, no qual meu pai derramou copiosamente meia garrafa de vinho do Porto e minha tia espargiu um papelucho de canela em pó.

Os panos que me envolveram não eram de custo, nem rendas caras embelezaram o berço de vime que mamãe, mesmo do leito onde ficou a caldos durante quarenta dias, embalava, cantando docemente as descidas da Virgem à beira d'água para lavar as fraldas de Jesus, enquanto minha tia ordenhava a cabra que me criou rijo e sadio, tornando-me, em menos de um ano, um rapagão travesso e belo como Júpiter, quando repeliu, saciado, as tetas de Amaltéia.

Minha vida infantil foi como a de todas as crianças: engatinhei, andei, batizei-me (meu padrinho foi Tibério Castro, da alfândega; minha madrinha foi a tia Manuela), tive a coqueluche, o sarampo, esfolei-me várias vezes vindo abaixo de goiabeiras e de muros e, aos sete anos, depois de uma febre que me pôs os olhos fundos e magro como uma quaresma, com um saco de brim a tiracolo onde mamãe, chorosa, metera a lousa, uma carta e um pão de rala barrado de manteiga, segui para o Colégio Mourão, em velho prédio tenebroso e úmido da Rua do Hospício.

Sumido debaixo das abas da rabona paterna, espiei o mestre,

homenzarrão estrábico, de barbas densas, híspidas e negras, como as de um profeta, pulso guedelhudo e forte de campônio. Não ouvi o que disse, mas lembro-me ainda hoje, com pavor, do olhar terrível que lançou de muito alto sobre a humildade da minha pessoa engelhada e trêmula, fazendo-me pensar na história do Pequeno Polegar e do gigante, que mamãe contava para distrair-me nos serões pacatos.

Foi uma luta tremenda para arrancarem-me das abas da rabona paterna: promessas, ameaças, a tudo eu respondia com choro, esperneando, berrando, mas... que havia eu de fazer diante do possante mestre? Agarrou-me e eu apenas ouvi estas frases: "Puxe por ele... Puxe por ele, Sr. Mourão, e, quando for preciso... " e a porta envidraçada bateu. Meu pai partira. Fungando, banhado em lágrimas, quase arrastado pelo mestre, entrei no imenso salão da aula, onde havia um sussurro como o dos bambuais farfalhando ao vento. Era um viveiro de crianças. Sentados em compridos bancos, diante de estiradas carteiras pintadas de negro, os pequenos falavam, cochichavam, riam e, quando entrei, todos os olhos curiosos voltaram-se para ver-me. O mestre recomendou-me a um rapazinho que me levou, por entre a criançada, para um dos primeiros bancos. Sentei-me, abri a carta, mas a minha atenção perdia-se, distraida em exames curiosos. Olhei para todos e para tudo. Nos últimos bancos havia homens, alguns barbados. Um, principalmente, surpreendeu-me: amulatado, bexigoso, feio, usava óculos e, durante toda a aula, esteve a arrepelar o cavaignac; mais tarde vim a saber que se chamava Tinoco e que empacara nos verbos. Os monitores temiam-no porque era forte e entendia de capoeiragem; o próprio mestre, a pretexto de que ele era um homem "de barba na cara", dispensava-o da palmatória, mas, a boca pequena, confessava-se que ele não lhe batia de medo.

Por baixo dos bancos balançavam-se perninhas nuas, mordicadas, escalavradas; pés descalços, sujos da lama das sarjetas, esfregavam-se; e tamanquinhos juntos, aos pares, faziam filas ao longo das carteiras. Mas havia meninos limpos, bem calçados, bem vestidos; um deles trazia, com orgulho, relógio e corrente.

Nas paredes estiravam-se dilatados mapas e sobre a mesa do mestre um globo imenso mostrava as grandes águas e as terras vastas do mundo.

Quando me sentei entre um crioulinho e um rapazola sardento, de cabeça raspada, logo um elástico esticado estalou-me na orelha esquerda. Um grito fugiu-me, cabeças encolheram-se, houve riso, ameaçaram-me; mas o mestre bravejou um brado, batendo com a régua na mesa.

Caiu um grande silêncio, mas espirraram risinhos aqui e ali e, não sei

por que, o forte Mourão ergueu-se pronunciando um nome. Uma vozinha chorosa balbuciou: "Não fui eu! Não fiz nada!" mas o mestre insistiu. Voltaram-se todos, voltei-me também.

Um pequeno, choramingando, passava de esguelha entre os companheiros, esfregando as mãos, resmungando. Eu o vi chegar à mesa e logo um estalo, e um grito partiu do estrado do mestre . Contei seis, mas os gritos agudos do pequeno foram dominados pelo estrídulo vibrante de uma corneta e passos fortes soaram na rua. Dedos rufaram nas carteiras e o crioulo, baixando a carapinha sobre a carta, começou a cantarolar: Ta ra, ta ta tó! to to ro to tó! Depois foi um realejo que veio gemer fanhosamente e com guinchos perto das janelas; em seguida um vendedor de melado, vozeirando, cantarolando, a chamar crianças.

E tudo era pretexto para risadas. Alguns pequenos ficaram de joelhos, outros de pé nos bancos, de braços abertos como crucificados; e o crioulo, dissimulado, arrulhava como pombo, miava como gato ou imitava italianos, em algaravia gemebunda e cômica.

À hora da tabuada foi uma folia. Enquanto cantarolavam com fúria, em diapasão tremendo: "um e um – dois; dois e dois, quatro", beliscões ferviam, estalavam elásticos; outros, no rumor do canto, diziam obscenidades, insultavam o mestre, que ouvia o grande coro de somas carrancudo, a barba nos punhos, virando e revirando os olhos tortos. Eu, atordoado, entoei com os companheiros idiotamente, arrastado pelo ritmo. De quando em quando o cotovelo do sardento, que soprava um pica-pau na unha, batia-me no ventre, ou o elástico vinha estalar-me na orelha, de sorte que foi com inenarrável alegria que me levantei para cantar uma reza com que nos despedimos do mestre.

À saída, o feroz Mourão, de sobrecenho carregado como um juiz que presidisse um grave pleito, distribuía as turmas, primeiro os maiores: abrindo a marcha o Tinoco, que passava gingando, os livros escondidos no bolso amplo do casaco, o cigarro já pronto, entre os dedos.

Na rua, a criançada trêfega, fervilhando, espalhava-se com vozerio atroante: eram gritos, gargalhadas, assobios. Rusgas resolviam-se: os adversários, enfrentando-se, atiravam os chapéus aos portais, miravam-se com fúria e, incitados pelos que os cercavam, arremetiam ferrando-se a murros; às vezes, agarrando-se pelos cabelos, lutavam atirando ponta-pés, até que ambos rolavam engalfinhados, rosto contra rosto, rilhando os dentes.

O vencido, além das bordoadas e das nódoas nas roupas, partia choramingando, perseguido pela vaia dos companheiros, que o levavam até

longe; o vencedor, à frente do grupo, purpúreo e roto, de quando em quando atirava novo desafio, saltando para o meio da rua, com grandes e desempenados gestos, o chapéu derreado à nuca. Às vezes, quando as lutas se travavam perto do colégio, um robusto criado de Mourão acudia, sucedendo irem os brigões aplacar a fúria nas cafuas, onde ratos chiavam como em palheiro.

As quitandeiras, à hora da saida, postavam-se às portas para defender os tabuleiros, e um velho italiano, sapateiro, mal soava em S. Francisco a primeira badalada do meio-dia, arrastava um mocho para o batente e, de tira-pé em punho, defendia botinas, chinelas e tamancos. Formavam-se grupos ameaçadores diante da casa do pobre homem que, um dia, desesperado, para repelir o ataque, pôs-se a atirar formas sobre os sitiantes, ferindo um deles, o que lhe valeu uma dormida no xadrez próximo e, no dia seguinte, tremendo assalto da pequenada, presidida pelo Tinoco que chegou a abrir uma navalha. Felizmente pedestres acudiram e o bando dissolveu-se, sem que o valente Tinoco, impenetrável aos verbos, pudesse raspar as barbas do carcamano, como prometera.

Confesso que tive vontade de sair entre o crioulo e o sardento para a pagodeira da rua mas... a rabona de meu pai lá estava, por trás da porta envidraçada, à minha espera.

Minha mãe recebeu-me com beijos e com um saboroso prato de tapioca e, à tardinha, na soleira da porta do quintal, a cabeça no seu colo, acariciado pelos seus dedos que desembaraçavam os meus cabelos louros, femininamente longos, enquanto meu pai regava a banqueta de cravos e titia preparava as torcidas dos lampiões, fui contando todo o meu dia de estréia colegial: os terrores, a perversidade dos elásticos que me puseram a orelha esquerda escarlate e dorida, o ta, ra, tá do crioulo, os bolos do outro. Descrevi a sala, o mestre, os companheiros, não esquecendo o do relógio e os que sofreram castigos e por último o Tinoco, que apresentei como um forte, capaz de fazer frente a um batalhão. E dormi regaladamente, depois de ter soletrado os nomes da minha lição, rindo muito dos pequeninos pontos luminosos que as grossas lentes dos óculos de minha tia projetavam na página da carta.

Três dias depois da minha entrada, já familiarizado com o crioulo, que se chamava Constâncio (hoje músico num regimento de cavalaria), fui chamado pelo mestre e as mãos ficaram-me altas e vermelhas, ardendo-me como se nelas houvessem aplicado sinapismos. E isso porque, em resposta ao sardento, que usara comigo de linguagem vil, festejando-me indecorosamente por causa das minhas tranças, cravei-lhe com força uma

pena no braço magro, depois de o ter ameaçado com o bengalão pesado de meu pai. Contei, chorando, o caso a Mourão, e o mestre, longe de ser por mim, brandiu a palmatória dizendo enojado:

— Que aquilo mesmo não era decente: andar um homem com um rabicho daqueles, amarrado de fitas.

Mamãe, vendo-me de mãos inchadas, soluçou, excitada de ódio, bramando contra a crueldade:

— Que aquilo não eram modos de se bater numa criança.

Eu ria, pondo em forma na mesa os meus soldadinhos de chumbo e, por entre beijos, pedi à mamãe que me mandasse cortar o cabelo, contando-lhe miudamente, e sem malícia, o escândalo que as minhas tranças haviam provocado. Ela corou, mas ainda assim não teve ânimo de permitir que um cabeleireiro me arranjasse a cabeça de modo que outro menino qualquer não me saisse com a mesma léria com que sardento, a troco de seis penas novas, ousara ofender a minha candura . Do meu leito ouvi os soluços maternos e resmungos de meu pai no quarto próximo, mas o sono venceu-me.

Na manhã seguinte disseram-me que eu não voltaria mais ao Mourão.

CAPÍTULO II

DIAS DEPOIS levaram-me para um colégio de Matacavalos, dirigido por um francês já velho, reumático, que bebia. A casa era pobre e havia ao todo dezoito meninos. Bom homem, M. Deschamps, paternal e brando com todos. Muitas vezes, durante as aulas, na alegria das manhãs de sol, que os canários enchiam de sonoro gorjeio, ele contava guerras, infundia-nos no coração um grande ódio à Alemanha fria e erguendo-se, as farripas alvoroçadas, os olhos fuzilantes, apontava para um cajazeiro que ensombrava o pátio de recreio, dizendo que alí estava a França, a grande França maternal, ensangüentada e faminta, gemendo sob as patas dos cavalos dos ulanos.

E lágrimas sinceras borbulhavam por trás dos óculos, escorrendo-lhe pela face velha, como gotas de chuva por uma muralha em ruína.

Tinha, porém, dias terríveis, quando o vinho o excitava: tornava-se bruto, praguejava, ameaçava matar, expulsava meninos, forçando-os a ficarem de pé, no pátio, a cabeça nua, ao sol, até que um dia um rapazito, duramente insultado, atirou-lhe à cara um dicionário, deitando a fugir, com uma surriada de nomes.

M. Deschamps chorou, queixou-se da ingratidão e suspendeu a aula para aplicar panos de arnica na testa, onde o "Fonseca" deixara uma protuberância denegrida . Deixei também esse colégio, e, em um ano, corri três outros, sendo o último o dos frades de S. Bento.

Foi nesse mosteiro, de sólidas e vetustas arcadas, com uma Igreja resplandecente de ouro, lajeado de lápides sobre cujos epitáfios batiam profanamente, com surdo rumor, os sapatos de trezentos estudantes, que aprendi os primeiros rudimentos da gramática e as orações que sei para retemperança d'alma nas horas de desalento.

Quando havia festas, davam-me uma opa e um círio e eu penetrava no templo, vagaroso, marchando com solenidade, de cabeça alta, acompanhando os frades que salmodiavam ao som cavo e gemente do órgão; e do alto, no côro, iluminado pelo sol, que entrava pelos olhais abertos nas muralhas grossas, em duas fachas polvilhadas de ouro que desciam sobre as cabeças dos fiéis, cantores respondiam em solene e

misterioso uníssono, que parecia vir de muito longe, do céu, que meus olhos infantis buscavam, com ânsia de liberdade e de folga, porque lá fora, no campo fronteiro, murado, como terrapleno de castelo, de onde se olhava a cidade e o mar sereno, rútilo ao sol, a criançada corria, rolava na erva, aos gritos, jogando a barra.

O sino, de espaço a espaço, dobrava com lentidão, e eu ficava ali, amodorrado, de olhos na chama trêmula do meu círio, alheio a tudo, suando, no ambiente abafado onde ardiam centenas de outros círios, enfumado pelos turíbulo cheio do cheiro azedo da multidão que se apinhava, compacta, ondulante, até à portaria.

Ao fim da cerimônia os sinos bimbalhavam em repique festivo, o órgão tronava gloriosamente, em crescendo que enchia todo o mosteiro soturno, passava ao campo e perdia-se; espoucavam foguetes e eu saía lassamente acompanhando os frades. O meu círio pingava no tapete grossas lágrimas e, enquanto a multidão esbaforida ia escoando com burburinho, eu penetrava na sacristia pensando na refeição monástica, farta e apetitosa, na grande sala, de largas janelas abertas sobre o mar por onde, às vezes, andorinhas entravam com ruflo de asas circulando a mesa extensa, assustadas, trissando, até que partiam para o grande azul, rápidas como pelotas brandidas, em rumo aos mares .

Hoje, talvez, fosse eu o médico de mais clínica entre damas, porque o meu grande desejo, em pequeno, era ser parteiro, um grave parteiro, de óculos e barba à inglesa como o Dr. Costa Garcia, da Rua Larga, que tinha no escritório fetos encolhidos, enrugados, como de borracha, dentro de bojudos frascos, se meu pai não tivesse aparecido, uma manhã, duro e frio no leito, a boca aberta escorrendo espuma, a cara manchada de roxo, os olhos opacos, vítreos, parados em fixidez de espanto. Um médico, chamado à pressa, constatou: apoplexia.

Mamãe custou a acreditar na morte e largo tempo, debruçada sobre o corpo amado, tomando-lhe a cabeça nos braços, chamou-o, com gritos desesperados; mas minha tia, com serenidade heróica, buscando palavras de resignação no seu abastecido espírito religioso, arrancou-a do quarto acabrunhada, flácida, numa grande crise de choro.

A vizinhança invadiu a casa, até pessoas desconhecidas entraram curiosamente, indagando. Meu padrinho, chamado, apareceu silencioso, falando baixo, comovido, e, empurrando a porta, penetrou no quarto devagarinho como quem vai surpreender um crime. Mamãe, ao vê-lo, desatou em choro forte e muito tempo, abraçada com ele, falou do grande bem que lhe queria.

Meu padrinho, desconsolado, meneava a cabeça calva, cor de marfim. E quis saber como fora a desgraça e eu então, do meu canto, ouvi de mamãe: "Que nem ela sabia. Ele recolhera-se alegre, sem queixa; fumara e, até 11 horas, tivera a vela acesa, lendo Os Três Mosqueteiros.

A morte fora repentina e serena porque, se ele houvesse feito o mínimo movimento, se tivesse gemido, ela, com o sono que tinha, leve como o de um passarinho, por certo teria despertado; mas... nada! Só de manhã, como o não visse levantar-se para o banho, chamara-o, "até brincando" sacudira-o, dando então com ele já rijo, a boca aberta, cheia daquela espuma". Meu padrinho encarregou-se do enterro.

O cadáver, hirto, esticado, passou o dia e a noite na mesa da sala de visitas, cercado de velas, com um crucifixo entre as mãos cruzadas e engelhadas, como se tivessem saído de prolongado mergulho em água fria. Mamãe, sucumbida, suspirava, sentada no sofá, com os olhos macerados do pranto. Titia e D. Brígida, uma vizinha, iam e vinham, em pontas de pés, com segredos, recebendo as visitas, que abraçavam mamãe, que me abraçavam a mim, sussurrando lástimas.

Andei pela sala, em volta do cadáver, até as 11 e meia da noite. Na minha cama haviam deitado crianças, e eu então, furtivamente, passei ao quarto da titia e, como o seu leito virginal estivesse carregado de capas e de xales, encolhi-me sobre um baú, dormindo profundamente até às 7 da manhã.

O enterro foi às 10 horas. Chovia. Quando começaram a bater os pregos do caixão, mamãe que havia sido levada em braços para o quarto, irrompeu na sala, desgrenhada, aos gritos, forcejando para livrar-se das senhoras que a seguravam. Eu, aterrado diante daquele imenso desespero, recuei para o vão de uma janela, mas quando tomaram o caixão senti angústia estranha, como se me arrancassem alguma coisa do peito, como se o meu coração viesse subindo, subindo e me ficasse na garganta engasgando-me, sufocando-me. Encheram-se-me os olhos d'água e rompi a chorar, procurando os braços de minha tia que também chorava. A porta abriu-se com rangido seco, passos farfalharam e, quando levantei a cabeça do colo de titia já o caixão havia saído.

Rodaram carros e um grande grito agudo atravessou o silêncio fúnebre – era mamãe que havia corrido para a porta e tombara no chão estrebuchando, às gargalhadas .

A casa ficou em tristeza pesada e tresandando à cera como uma sacristia; cotos de velas rolavam pela mesa e, lamentoso e fúnebre, o Palhaço miava farejando os cantos como se procurasse meu pai que costumava tomá-lo ao

colo, afagando-lhe o dorso que ele encurvava voluptuosamente.

Ficamos em completa miséria e com dívidas; eu tinha quatorze anos e três preparatórios. Mamãe e titia, em comum esforço, quiseram que eu levasse a termo os estudos – coseriam para lojas, para o arsenal, fariam doces e eu, logo que pudesse, anunciaria lições, tomaria discípulos, mas repugnava-me viver do trabalho das duas senhoras, mamãe então, coitada! sempre com acessos de asma. Parecia-me covardia, parasitarismo torpe, e recusei, propondo, para consolação de ambas, empregar-me como caixeiro, estudando à noite para concluir o curso .

CAPÍTULO III

INSTARAM COMIGO, mas insisti na recusa e foi meu padrinho quem me arranjou em casa de Luís Farinha & Cia., comissários de café, na Rua dos Pescadores, onde comecei ganhando 30$000 por mês. A não ser José Duarte, um gordo, que fazia romances e epigramas, todos os meus companheiros queriam-me. O próprio Luís Farinha, severo e carrancudo, falava-me com brandura. Um dia até passou-me a mão pela cabeça tratando-me intimamente por "Seu lourinho".

Logo nos primeiros dias fiz amizade com o guarda-livros Figueira que, por interessar-se por mim, sobrecarregava-me de trabalho a pretexto de que o talhe da minha letra era elegante e desembaraçado. Das 8 da manhã às 5 da tarde, debruçado à carteira, eu redigia cartas no estilo sóbrio do comércio: "Acuso o recebimento do vosso estimado favor de tantos" ou "Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Sª...." enquanto José Duarte, gordo e suado, bufando de calor, as mangas da camisa arregaçadas sobre roliços e veludosos braços, decifrava charadas ou ia sub-repticiamente levando por pomares, "virgens de olhos castos, da cor do céu", para entrevistas devassas com Álvaros e Reginaldos.

E tudo isso de idílios e imundos contubérnios era sempre temperado com os gorjeios de uma patativa oportuna que escancelava o bico entre a folhagem do arvoredo, cúmplice dos tais amores langorosos.

À noite, no quarto pobre da nossa casa na Rua da Saúde, eu folheava gramáticas, volumes de história, mas derreado de fadiga, a cabeça atordoada com as cifras, sempre a ouvir, como um eco insípido, as fórmulas: "Acuso o recebimento do vosso estimado favor de tantos" ou "Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Sª... " atirava-me à cama e, às vezes, com a vela acesa à cabeceira, o livro aberto sobre o peito, adormecia profundamente, sem sonhos.

O mar, desde os meus anos mais tenros, foi sempre o grande encanto dos meus olhos. Meu pai costumava levar-me ao Passeio e, do terraço, alongando a vista pelas águas extensas, mostrava-me o caminho por onde havia entrado o paquete que o trouxera do Norte, menino ainda. E falava das lentas viagens entre águas e céus, na solidão melancólica do oceano,

onde só o espirito de Deus acompanha o viajante. Contava-me a vida monótona de bordo, os receios que assaltam os corações quando um rebojo mais forte da onda livre faz o navio jogar como uma rede balançada com força; e nas vizinhanças de terra, quando a aragem morna traz um vago perfume de florestas, as jangadas que passam, de larga vela bojada, o jangadeiro encolhido, o cachimbo nos beiços, sumindo-se, às vezes, como se naufragasse, por trás de um vagalhão grosso que vem rolando, sem bulha, como a onda que o vento faz numa cortina.

Eu ouvia com grande vontade de transpor a barra, de sair para essa vastidão de onde vinham pesados vapores e brigues ligeiros, que, ao cair da tarde, à luz suavíssima e terna do crepúsculo, entravam procurando o calmo abrigo da baía, como o gado, nos campos, chega vagarosamente, mugindo, para as cercanias do curral. E sombras caíam; o céu acetinado, de um brilho de jaspe cerúleo, esbraseava-se todo para os lados do ocaso como uma coivara, e as estrelas que apontavam pareciam fagulhas espirrando do incêndio.

Meu pai, de cotovelos fincados na balaustrada, calava-se; eu calava-me, de olhos nos montes que enegreciam. Em torno de nós crianças brincavam, mocinhas riam, grupos chalravam em viva expansão. Na folhagem chiavam cigarras, e sons de música, em distância, davam o tom jucundo de quermesse àquele perpassar de gente pelas alamedas, à beira dos lagos onde nadavam cisnes alvos. A lua, de inefável brancura, subia no céu, com a lentidão de um brigue que se faz ao largo, e no mar, espelhento e tranqüilo, a sua esteira de claridade alastrava trêmula.

Essa paixão de romântico acentuou-se com a idade. Toda a minha ambição resumia-se num desejo simples e fácil: viajar. Para saciar-me aos poucos, aos domingos vestia-me com apuro, e só, ou com algum companheiro, atravessava a baía no tombadilho das barcas, sorvendo, com avidez, o ar salitrado e fresco que soprava enfunando velas de escaleres, e ia olhando de perto, curiosamente, os formidáveis couraçados, os grandes cruzadores com os seus canhões espichados nas portinholas.

Às vezes soavam toques de corneta, muito finos e tristes no silêncio e na placidez da tarde meiga, e marinheiros subiam pelos cabos, com destreza, como grandes aranhas negras.

Que de pensamentos me nasciam então! O que eu sonhava vendo todos esses navios: naufrágios, batalhas ou pacíficas travessias pelos mares de além, amanhecendo diante de praias alvas, que subiam para cidades maravilhosas, onde elefantes pesados caminhavam carregados de escravas nuas, por entre palácios de mármore e templos cheios de deuses e de

bailadeiras, como nas histórias orientais que ouvira em criança.

À noite íamos aos teatros, às cervejarias, ao bilhar, ou percorriamos as ruas aliciando companheiros para enfezar o mulherio, bradando às janelas, empurrando as portas, em estroinice bulhenta e devassa. Eu ia, mas sem prazer, por camaradagem, imitando os mais.

Nos teatros eram as vaias, as troças de um lado a outro das torrinhas, e, quando entravam as mulheres, eu caia em contemplação voluptuosa, a olhar as formas carnudas que o maillot apertava, e sonhava amores nos braços de quantas princesas e fadas apareciam casquinando canções, sarapintadas e lúbricas.

Mas o meu grande prazer era o bilhar, deixava-me estar, às vezes, até 11 horas carambolando e engolindo copos de cerveja, em mangas de camisa, suado, muito orgulhoso dos meus cálculos e dos efeitos infalíveis do meu taco.

Seduziam-me também os grandes nomes. Um domingo, a convite do guarda-livros Figueira, um exaltado, fui parar à porta do Politeama, onde se apinhava grosso populacho insofrido, a bradar. Entramos e foi então que ouvi, pela primeira vez, os oradores da propaganda abolicionista e aplaudi-os, com entusiasmo, contendo lágrimas quando, já senhores do auditório, eles desciam à narração comovente da vida do escravo, na tristeza continuada da miséria e do suplício. Sentia-me forte e, por certo, teria sido o primeiro a alistar-me na falange dos defensores da raça oprimida, se um dos tribunos, como o frade de Amiens, tivesse chamado às armas, para a campanha santa, os que o ouviam e aplaudiam.

Luís Farinha, a primeira vez que me falou com severidade, foi justamente quando me ouviu gabar, com delírio, um dos oradores do Politeama. Teve uma frase dura e quis saber "se eu também era arruaceiro como essa corja da abolição". José Duarte rompeu a rir, os outros riram, só o Figueira disse-me baixinho, esticando o queixo agudo:

— Que não me importasse com o pança! Deixasse falar o pança!

E, escrevendo, soprou-me:

— Que a abolição havia de fazer-se, custasse o que custasse.

Quatorze anos correram morosamente, monotonamente; a palha do meu banco já havia sido substituída três vezes, quando, com a morte de Figueira, Luís Farinha entregou-me a escrita da casa, dando-me, com uma série de conselhos, pequeno interesse.

José Duarte, sempre lírico, abalara com a filha de um ourives e fora lavrar a terra de S. Paulo. Poucos restavam dos meu antigos companheiros: uns, levados pela ambição, haviam saído estabelecendo-se, como o mirrado

Augusto que abriu uma charutaria, suicidando-se dois anos depois, num sótão de hospedaria, com um tiro. O Salomão fez-se pintor, não podendo viver naquele "meio", sempre a lidar com guias, metido num vale de sacas que tresandavam. Apenas eu e Rodrigues, um ilheuzito pertinaz, continuamos ao lado da firma com tenacidade e esperança. Outros vieram depois.

Mais desembaraçado, fiz cessar em casa o prurido das máquinas de Singer e mamãe e titia repousaram merecidamente, em arejado sítio, com água e árvores em torno, no Andaraí, onde aluguei um chalezinho modesto, mas viçosamente florido, farto de bogaris e de rosas. Aí começou para mim a grande, a regalada paz da fortuna e datam desse admirável canto de verdura e de flôres os meus primeiros namoros. Mas o meu bem-estar perfeito, a segurança do meu futuro calmo e abastado não veio senão em meados de dezembro de 1892, num fim de tarde branda, sob a galhada de uma mangueira, na chácara de Luís Farinha.

CAPÍTULO IV

FOI EM JUNHO DE 91, numa tarde fria de Santo Antônio que, pela primeira vez, penetrei no salão de Luís Farinha. A casa de residência do meu digno patrão, edificada sobre uma altura, tem o aspecto nobre e severo dos antigos solares, com os seus torreões de agulhas, com seteiras, por onde, a todo instante, estão a entrar e a sair inquietas andorinhas; resguarda-a do sol a folhagem altaneira e densa do arvoredo. Cerca-a um parque de côncavos tabuleiros verdes e as rosas que lá florescem são as mais belas que tenho visto.

Luís Farinha, no seu terno de brim branco, os pés molemente calçados em macias chinelas de tapete, familiarmente, com intimidade quase paternal, andou comigo por meandros, em volta d'águas dormentes, mostrando-me espécies raras que o jardineiro nomeava com sabedoria. Já eu era interessado e responsável pela escrita da casa, quando isso foi, e faço derivar desses fatos a bondade amistosa do tratamento que me dispensou o capitalista sisudo.

Do que vi nesse magnífico e sossegado canto, o que mais impressão deixou no meu espírito foram os olhos incomparáveis, os lindos olhos azuis da menina Anália, filha única do casal.

Franzina e loura, de um louro suave como o das santas que vêm nos quadros religiosos, com uma voz flébil e compadecida, tão meiga que, quando falava, parecia sempre que nela havia uma grande pena, doce e humilde misericórdia por mim, pelas flores, pelo céu, pelas águas tristes, por tudo enfim, a que se referisse com a melodiosa lânguida palavra da sua boca pequena e vermelha.

Luís Farinha não ma apresentou, mostrou-ma: "Esta é minha filha, a que me ficou..." E, passando-lhe o braço gordo pela cinta, atraiu-a carinhosamente e beijou-a. "Este é o Josefino", disse, ajuntando, com ironia: "o republicano". Isto foi bastante para que nos apertássemos as mãos. Senti a polpa delicada daquela carne moça e não tive ânimo de apertá-la, com receio de triturar-lhe os dedos frágeis.

A menina Anália andou conosco mostrando-nos flores e foi ela quem se lembrou do viveiro, levando-nos por alfombrado caminho para o lugar das

aves; mas já o passaredo empoleirado dormia, só um casal de pombos, muito junto, mariscava com arrulhos de amor. Eu esfregava as mãos, vexado e, sempre que encontrava os olhos azuis da menina, sorria e corava. Luís Farinha, entretido com os bichos, não dava por nós. Recolhemo-nos.

A senhora, gorda e pesada, tratou-me bondosamente: apresentou-me às visitas, empanturrou-me, pôs-me à vontade... mas tão longe dos olhos azuis que, durante o jantar, só uma vez os fitei e, dessa vez, ambos coramos.

Depois do café palestrou-se na varanda. À noite houve fogos e música. Ao piano sucederam-se senhoras e um cavalheiro flácido cantou, retumbantemente, uma romanza de sentimento. A menina, sempre com os olhos cheios de uma névoa de sonho, interpretou Mendelssohn. Foi essa a minha primeira noite de insônia. No dia seguinte, no escritório, cabeceei sobre os livros e fiz, com alambicados termos, umas quadras apaixonadas.

Dessa noite feliz em diante, era raro o domingo em que eu não subisse para os lados da Gávea, muito perfumado e com uma notícia para comentar entre as árvores veneráveis do parque do patrão. E ficava até tarde, num estado suave de sonho, ouvindo música, trocando olhares abrasados. Um dia, enfim (floriam os jasmineiros) , achamo-nos, por feliz acaso, a sós. Luís Farinha saíra um momento para buscar um álbum de vistas portuguesas; a boa senhora, estirada em uma cadeira de vime, amimava o gato e eu tive a audácia de falar à Anália .

A face, de cútis fina e pálida, ensangüentou-se-lhe e toda ela estremeceu, vibrada, baixando a cabeça, sem uma palavra. Insisti com audácia e ia aventurar uma pergunta, quando o patrão pigarreou no corredor. Encolhi-me disfarçado, cofiando o bigode, os olhos ao longe; e ela, baixinho, disse, num sopro: "Sim!" e corou. Eu, então, sentindo perto Luís Farinha, estirando o braço, mostrei ao longe, no céu, um enxame de andorinhas que fugia, como uma rede de pesca arrastada pelas alturas sobre a espuma alvíssima das nuvens.

Luís Farinha, com uma vista do Bom Jesus de Braga, chamou a minha atenção para o monumento santo e, até à hora do jantar, estivemos na varanda os três, em família: ele ao centro, na sua qualidade de patriarca, nós aos lados, como filhos, discorrendo sobre as velhas coisas do passado. E vi a Batalha, o Palácio das Necessidades, a estátua de D. José, os pedrouços gloriosos da Serra da Estrela e, sempre que levantava os olhos das fotografias, encontrava os outros olhos azuis que me fitavam apaixonadamente.

A mais estreita intimidade estabeleceu-se entre nós. Quando nos encontrávamos, nalgum canto, a furto, era por "tu" que nos tratávamos.

"Hás de ser minha, Anália?" e ela, tomando-me as mãos com um movimento lânguido da cabecinha loura, os olhos nos meus: "Para toda a vida, Josefino!", jurava. A boa senhora, sempre arquejante, não ignorava o nosso amor e protegia-o com a sua mole indolência de criatura farta e repousada, deixando-se ficar na cadeira de vime, de pálpebras cerradas, as mãos descansadas no ventre, onde o gato dormia enroscado.

Luís Farinha aparecia às vezes, sorrateiramente, como para surpreender-nos, e uma tarde, justamente eu falava de casamento à Anália, desvendando o nosso futuro remansoso e amável, de ininterrompida ventura, com muitos beijos, um filhinho a tagarelar em volta do nosso amor, quando o patrão surgiu com um jornal para discutir o stock do café.

Não sei se viu alguma coisa. De óculos dependurados, congesto, vociferou contra o inglês, demonstrando a perfídia que andava comprometendo o mercado. Não sei se viu alguma coisa.

Toda a responsabilidade da casa recaíra sobre mim, porque o outro sócio, Peçanha Neves, retirado entre os olivais da sua quinta, no Douro, liquidara para nunca mais tornar ao Brasil e lá vivia na terra, anafado e gotoso, fazendo azeite e vinho. Luís Farinha, também, só de longe em longe aparecia no "comércio", dava uma vista de olhos, pedia uma informação, tomava distraidamente uma mancheia de café, do monte, sacudia-o, cheirava-o e saía arrastando os pés, apoiado ao grosso bengalão de unicórnio e ouro.

Um domingo Anália veio receber-me ao portão e, excitada, numa alegria louca, contou-me a conversa que tivera com o pai, acerca de casamento. Ele pronunciara o meu nome: "Preferia-me a qualquer pelintra que viesse esbanjar a fortuna tão penosamente acumulada. Eu era um homem de trabalho, filho do meu próprio esforço. Tinha caráter, hábitos de economia e perseverança. Havia de ir longe"; e a boa senhora ajuntara que "eu era um excelente moço, muito respeitador e de bons costumes".

De sorte que, nessa tarde de dezembro, quando Luís Farinha me foi levando para a mangueira copada, estalando as unhas, preocupado, misterioso, uma voz disse dentro em mim, pressaga: que o momento era chegado. Efetivamente, quando, já noitinha, deixamos a galhada verde da árvore veneranda, eu era noivo de Anália.

CAPÍTULO V

IAM ADIANTADOS os preparativos para as minhas núpcias, titia já havia começado a marcar o enxoval com as iniciais do meu nome, a retrós, quando, em manhã de setembro, o meu cozinheiro, de volta das compras, esgazeado, a tremer, anunciou uma medonha revolta da esquadra, afirmando: que inúmeras granadas já haviam estourado em diferentes pontos da cidade, arrasando quarteirões inteiros. Os jornais, que eu lera ainda no leito, nada traziam sobre esse acontecimento, mas alguma coisa havia, e grave, porque o meu jardineiro, homem de poucas palavras, pedindo para falar-me, segredou-me que ouvira a um condutor: "que estavam a fazer fogo do mar para terra; que já havia um mundo de mortos nas ruas".

Estava eu ainda a ouvir o homem quando mamãe, vindo a correr, da cozinha, agarrou-se-me ao pescoço aflita, pedindo "pela memória do meu pai, por ela, por minha noiva, por tudo! que eu não descesse". Titia correu a acender a lamparina do oratório e, da cozinha à sala de visitas, a casa encheu-se de taciturno pavor.

Mostrei os jornais que nada diziam, mas as duas senhoras argumentaram com a verdade: "Que as coisas tinham sido feitas em segredo, à noite". E insistiram: "Que eu não descesse, que mandasse alguém ao telefone pedir noticias. Podia ser verdade e para que havia eu de procurar a morte quando não tinha nada com aquelas coisas"?

Para tranqüilizá-las, certo de que viria da cidade desmentido às atoardas, mandei o jardineiro ao telefone do armazém vizinho e confesso que senti um grande frio quando o avistei, na rua, a correr com grande estridor de tamancos, acenando-me desordenadamente; e, logo do portão, declarou, desolado: "Que não se podia falar: era um zunzum horrível; linhas cruzadas. Não se entendia nada; uma balbúrdia".

Fui eu mesmo ao aparelho. Efetivamente, durante o tempo que lá estive, apenas ouvi zoada e, de quando em quando, vozes finas que passavam como rajada de ventania.

Voltei para casa comovido, prevendo desgraças, morticínios: sangue a correr pelas sarjetas, a cidade em ruínas, corpos mutilados sob escombros e

pelo ar, cruzando-se, com uivos sinistros, granadas estrepitantes.

No banheiro, enquanto a água jorrava, pensei em tudo: na possibilidade de ser apanhado por uma bala ou por um pano de muro, num desmoronamento. Tomei um grande cálice de genebra, vesti-me, aceitei duas orações de virtude que guardei veneradamente no bolso do sobretudo e parti deixando as duas senhoras estarrecidas, chorando diante do oratório aceso.

Quando tomei o bonde lancei um triste olhar de adeus à casa como se nunca mais devesse ali tornar.

Logo que me sentei no banco, interroguei o condutor que me garantiu nada ter havido: "falava-se apenas no levante de marinheiros e que o Aquidabã estava fumegando diante do arsenal de guerra; mas não ouvira estampido algum, nem vira sangue".

Os passageiros que embarcavam vinham pálidos, encolhidos; eu também devia estar pálido, porque todo o meu sangue parecia ter-se concentrado no coração, que eu sentia cheio e oprimido. Senhoras, com olhos inquietos que o terror desvairava, acompanhavam os maridos à porta, despedindo-se com muitas recomendações e "que voltassem se houvesse alguma coisa". E, tristes, ficavam acenando com os lenços, como num grande adeus para o sempre. Falou-se então, vieram comentários desencontrados, opiniões divergentes e disparatadas.

Um homem alto, de pera, metido em espesso sobretudo de felpas negras, bramava contra o crime, contra a falta de patriotismo, jurando ter ouvido o estrondo de uma bomba, de manhã cedo, quando tomava café; outro também ouvira, mas não concordaram na hora e discutiam quando um ruivo, de óculos, disse em tom de gracejo: "Que aquilo fora na pedreira, também ouvira. Que estavam enganados. Nenhuma bomba caíra na cidade".

Mas o da pera ergueu-se irritado, pedindo "perdão!" com azedume, esticando as mangas do sobretudo. "Ele bem conhecia aquelas coisas, estava farto de ouvi-las: fizera toda a campanha do Paraguai. Sabia bem distinguir o estouro de uma broca do estrondo de uma bala; não se enganava. Ouvira e era até capaz de dizer, mais ou menos, o lugar em que ela caíra". E, como o ruivo lhe perguntasse, esgoelou:

— Foi p'r'os lados da Saúde, aí está. P'r'os lados da Saúde. Quer uma aposta?

Entanto os bondes desciam cheios, apinhados, como nos dias comuns.

Como chegássemos ao Mangue, passou por nós, à toda desfilada, um pelotão de cavalaria, e vozes levantaram-se: "É coisa! Começou a coisa!" O ruivo, com uma gargalhada, perguntou: "Que é do Sá? Que é do valente do

Paraguai?" Efetivamente o da pera havia desaparecido. Perguntava-se, com ânsia, aos passageiros dos bondes que subiam: "Há alguma coisa?" "Nada!" respondiam. Outros diziam: "Mais tarde; por ora não". Um velho, interrogado, espichou-se com sofreguidão, afastando a cortina que o chuvisco orvalhava, e falou, apavorado: "Deram um prazo de vinte e quatro horas para romper o fogo".

Houve uma violenta explosão de ódio: "Romper o fogo... romper o fogo. Mas que tem o povo com a política? Então nós é que havemos de ser as vítimas? Isso é uma pouca-vergonha. É um desaforo. Então bombardeia-se assim uma cidade sem mais nem menos?" O ruivo suspirou: "Decididamente isto não endireita mesmo..." Mas à frente, dois homens travavam-se porque um deles dissera "que o governo devia ceder..." e através do vozeirar pude apenas distinguir as palavras: "sangue e prestígio", e, por fim, em tom de desprezo, um "Ora bolas, meu amigo!" E o bonde partiu.

Até a Praça Onze não se ouviu no bonde senão a tosse seca de um velhinho e a gargalhada garota de um rapazola que, agarrado a dois balaústres, balançando o corpo, "jogara tudo na marinha".

A cidade estava como de costume, em calma; eram 8 e meia e chuviscava; apenas à porta dos jornais havia grupos, notava-se, porém, em todas as fisionomias um grande ar de espanto. Passavam senhoras, sem pressa, em toilettes leves de manhã; não sabiam ainda, com certeza. Entrei em diversas casas, indagando e davam-me sempre a mesma resposta, com pequenas variantes:

— Que o Custódio tomara conta dos navios; que estava no Aquidabã; que mandara intimar o vice-presidente a resignar o poder; que tinha munições de guerra e de boca para dois anos e que estava disposto a arrasar a cidade.

José Simas, meu barbeiro, mais informado, disse-me, pedindo o mais absoluto segredo: "Que sabia da coisa desde o começo do mês pelo próprio Melo, que o convidara para o Aquidabã, expondo-lhe todo o plano da trabuzana. Quase que podia dizer que tudo aquilo havia sido combinado ali, na sua casa. Negara-se a acompanhar o almirante, não por medo, que até tinha um fraco por aqueles estrupícios, (já em Portugal andara metido em histórias), mas tinha mulher, filhos e aquele maldito negócio. Fosse ele solteiro que àquela hora outro me havia de estar barbeando, não ele.

E, como eu lhe pedisse informações miúdas, o Simas, com um risinho, ensaboando-me o queixo, disse com segurança:

— Eles levam tudo isso pelos ares em menos de duas horas, Sr. Josefino.

Só o Aquidabã é navio para arrasar, em menos tempo, duas cidades como esta. – E, afiando a navalha: Está feio, Sr. Josefino. Vai-se o nosso Rio! – E derreou-se, segurando, de leve, a ponta do meu nariz, para escanhoar-me o pescoço.

Fiz um rápido almoço e parti para a Rua dos Pescadores. No meu quarteirão a tranqüilidade era a de todos os dias, apenas o Loureiro, da firma Loureiro, Vasques & Cia., disse-me cheio de nojo:

— Vamos às mil maravilhas, meu amigo. Vai ver o trambolhão que leva hoje o câmbio.

À porta da minha casa Rodrigues palitava os dentes e, quando me avistou, teve um sorriso desconsolado:

— Então, Rodrigues?

Ele encolheu os ombros largos, dizendo apenas, com resignação de herói:

— Se vier, que se há de fazer? Paciência! – e pôs-se de novo a escovar os dentes, chuchando os cacos. – Quem está impossível é o Sr. Forjaz; tem dito horrores. Acha que vamos todos pelos ares. Lá está em cima às voltas com o major Amâncio.

CAPÍTULO VI

ANTERO FORJAZ, o novo guarda-livros, homem de boas leituras, entrara para a casa havia um ano, exercendo, com a mais perfeita exatidão, o seu cargo, posto que, por vezes, faltasse ao escritório, a pretexto de moléstia. Era músico, sócio de um clube onde tocava violoncelo, escrevia crônicas para um jornal lisboeta e orgulhava-se de uma brochura que tinha este título vibrante: "A vida de um continental em Quilimane".

Alto, de uma magreza de ossada, tostado pelo sol d'África onde andara em especulações com um inglês, vestia sempre com esmero, caprichando muito na lisura das calças que arregaçava, quando se sentava à banca, deixando ver as ceroulas sempre claras e as meias pretas, pontilhadas de ouro. Usava grandes gravatas fofas, esvoaçantes, e, pendente, a tinir nos botões do colete, um monóculo de cristal imprestável, sem grau.

À mesa era quem se encarregava da palestra. Tinha sempre um fato a contar, uma aventura em África ou simplesmente uma anedota de livro, que repetia com delícia, saboreando as frases. O mundo, sem os prazeres intelectuais dos livros e da música e sem um pouco de paisagem, de quando em quando, parecia-lhe insuportável. Adorava o Brasil; mas preferia a África, com a rudeza das suas aringas, com seus sovas descalços, fardados de alferes, trazendo, com orgulho, chanfalhos de guardas municipais. Aquilo era simples; mas o bomem, à beira daqueles rios, entre aqueles juncos fervilhantes de crocodilos, sentia-te tão longe da civilização banal como os nossos primeiros pais no Paraíso.

Tudo lia, falava correntemente o inglês e conhecia as belezas dos clássicos cujo estilo, sóbrio e forte como os homens do velho Portugal das conquistas, imitava nas suas crônicas, pondo apenas "um pouco do sonoro adjetivo, um pouco do cantante advérbio" para dar ao antigo leve e suave perfume do século.

Quando entrei Antero Forjaz, agarrado à lapela da sobrecasaca do major Amâncio, sacudia-se todo empenhado em renhida discussão sobre os sucessos do dia. O major, gordo e pacato fazendeiro de Valença, ouvia sem ter ocasião de responder ao guarda-livros, que berrava descrevendo os horrores do dia seguinte, vendo a impossibilidade de resistência por parte

do governo. Tinha estado em Almeria, em Espanha, sabia o que era um bombardeio. "Uma só bala podia espatifar todo um quarteirão".

Viu-me e veio logo, com a feição mudada, cheio de apreensões:

— E então, Sr. Josefino? Que me diz a isto? Os homens fizeram-na bonita. Quando, hoje, me falaram da coisa, não imagina a minha surpresa. Se ontem estive no Lírico com o Custódio! Entanto é a verdade: vi ali do Pharoux, fui lá ver porque já me não fio em palavras. – E, com gravidade: Estão todos os navios de fogos acesos, o Aquidabã com os canhões voltados para a cidade. Vai ser um horror! Conheço aquele bruto! É uma arma de guerra de primeira ordem, formidável...! E que artilheria! Com um tiro põe abaixo a Candelária, posso garantir.

O major Amâncio, acolhendo-se junto a mim, exclamou:

— Que aquilo estava cheirando à restauração, isso sim. E Deus permitisse que fosse, ao menos acabavam todas essas patifarias.

O Forjaz encarou-o roxo, d'olhos apertados, bambaleando a perna; mas só lhe saiu do fundo da alma indignada um sorriso de amarga ironia. Deu-lhe as costas, com desprezo e, sentando-se à escrivaninha, abriu o diário com estrépito, folheando nervosamente, a remoer insolências.

Os pequenos cochilavam, voltando, de vez em vez, os olhos para a porta, só o Rodrigues conservara a calma: ia e vinha pachorrentamente, presidindo a arrumação das sacas que dois negros empilhavam, cantando. Eram duas horas da tarde quando um caixeiro de Loureiro, Vasques & Cia. apareceu à porta lívido, gaguejando. E logo espalhou-se a notícia de que o Aquidabã deixara a bóia, seguido de outros navios, formando em linha de batalha. Todo o comércio fechara, o povo fugia espavorido.

Forjaz, que esticava os olhos, ergueu-se curioso:

— Que é? Há alguma coisa? Estão desembarcando, aposto?!

Os pequenos deixaram a escrita, boquiabertos, e o major Amâncio, trêmulo, ia de um a outro pedindo que lhe explicassem "que vinha a ser isso de linha de batalha?" Forjaz sorriu de novo, irônico, e abotoando os punhos, foi dizendo com grandes pausas:

— Linha de bataiha, meu caro senhor major, é uma fila singela, como se diz militarmente. Todos os navios formam na mesma linha, a capitânea à frente, compreende? E num momento dado: brrrú! Começam a disparar os canhões e ... nhum!... – Espichou o pescoço para abotoar o colarinho e meio engasgado: O major vai ver como dentro em pouco o Aquidabã manda-nos para terra um D. Sebastião... das torres.

— Nós aqui estamos muito expostos, – sussurrou o major esfregando as mãos.

Mas o guarda-livros exaltou-se de novo, vestindo o casaco.

— Expostos às balas...? Mas que pensa o senhor que são as balas do Aquidabã ? São do tamanho deste pequeno! – disse, impondo a mão à cabeça de um dos caixeiros. – E há maiores, há as de sua altura... e vão daqui a Jacarepaguá. Nós estamos tão expostos aqui como os que moram em Cupertino. Se elas vierem, meu amigo, é agüentarmo-nos. Não há apelo possível. – E falando-me, com muito mistério: Eu vou até ali ao cais, Sr. Josefino. Quero ver, porque, enfim, se a coisa for séria, não vale a pena ficarmos aqui idiotamente, esperando granadas como quem espera uvas debaixo da latada. Imprudência não é coragem. – E saiu.

O major, em grande agitação, assombrado, subiu para preparar as malas: "Não estava para morrer à-toa. Diabos levassem negocios!" Mas Forjaz, de volta, garantiu que nada havia, tudo estava em calma, apenas lanchas iam e vinham dum navio a outro. Tudo boato.

E, para irritar o major, que acudira pedindo noticias, anunciou que "a guarda nacional ia ser chamada às armas; estava um boletim na Rua do Ouvidor, à porta de um jornal. Ele que se fosse preparando, que mandasse vir da roça a espada e a farda".

Amâncio resmungou, percebendo a ironia:

— Que se fossem ninando. Prestara grandes serviços à patria durante a guerra do Paraguai. Não fosse ele e Valença teria sido saqueada pela corja.

Recrutara muita gente, dera mesmo dois escravos para o Sul. Estava velho, não podia com as pernas, quanto mais com fardas e pistolas. Ia mas era meter-se na fazenda. Não tinha nada com políticas. Que se arranjassem. Tinha mulher e filhos.

Já pronto para sair, fazia as últimas recomendações ao Rodrigues, principalmente que não deixasse de transferir o escritório para o armazém, sempre menos exposto do que o sobrado, quando o copeiro de Luís Farinha apareceu com uma carta e um bilhete. A carta, cheia de conselhos, dizia: Que eu resguardasse os livros, sugeria a idéia de uma trincheira de sacas no armazém para proteger os rapazes e lastimava "todas essas maluqueiras que só traziam males ao comércio". O bilhete, donde se evolava um cheiro suave de amarílis, era de Anália. No egoísmo de seu coração apaixonado ela apenas achava piedade para mim: "Que não me expusesse, que deixasse os outros; havia muita gente para tomar conta da casa, lá estava o Rodrigues. E que seria dela se me sucedesse alguma desgraça?" Havia um beijo, duas violetas já murchas e o seu nome sempre amado.

Escrevi sisudamente a Luís Farinha, e, com ternura, compus duas frases de amor para Anália prometendo ir vê-la no dia seguinte, logo que deixasse

o "café" e rematei com muitos beijos enviando-lhe o meu coração. Saí.

CAPÍTULO VII

A TARDE, nublada e fria, impressionava tristemente como uma ameaça. No comércio falava-se, com terror, do câmbio que baixava pavorosamente. "Nem durante a guerra do Paraguai!" disse-me Loureiro.

A Rua do Ouvidor, atufada de povo, ressoava surdamente, em burburinho perene semelhante ao rolar das águas de uma cachoeira. Era uma multidão densa, negra, que se movia lenta, difìcilmente, abaixo e acima, aos encontrões. Os cafés regurgitavam e, no vozear confuso, de longe em longe, percebia-se um nome, mas o que mais se ouvia era, em todos os cantos: o Aquidabã... o Aquidabã, como um eco soturno.

Enquanto passei a rua, apertado, pisado, espremido, escutei sempre, como se um só homem me seguisse pronunciando, sem descontinuar, em cavo e sinistro de oráculo, o nome do couraçado.

Chamaram-me; voltei-me: era o Forjaz. Veio a mim, esgueirando-se com esforço, suado e purpúreo, e, muito em segredo, soprou-me:

— Que havia muita gente suspeitada, homens de dinheiro; que até bancos estavam comprometidos. Já a polícia andava em campo, varejando casas, espionando. Que eu não falasse, que não aventurasse opinião, porque a cidade estava cheia de secretas, até mulheres. E anunciava:

— Que ia ser declarado o estado de sítio, que o governo estava disposto a resistir, contava com o exército e com a guarda nacional.

Mas um sorriso escarninho transfigurou-o, o ar de assombro que trazia desapareceu num momento e Forjaz convencido, agarrando-se com força ao meu braço, sussurrou:

— Mas que é que vai fazer o marechal contra a esquadra, sor Josefino? Que vai ele fazer? sacrificar um bando de vidas, expor uma cidade como esta à desgraça de um bombardeio. Não é possível. Fala-se já na intervenção do corpo diplomático e quer-me parecer que a solução mais patriótica é a resignação do poder; não acha?

Não tugi. E o Forjaz, que tudo sabia, disse-me com mistério:

— Espera-se alguma coisa para a noite mas não creia. Amanhã é possível; amanhã sim.

Apregoavam jornais. Começou a cair uma chuva miúda como a garoa de

junho; o povo dispersava-se; abriram-se guarda-chuvas e eu despedi-me do Forjaz que se perdeu na multidão, à caça de notícias.

Entrei no Londres e, como todas as mesas estavam ocupadas, dirigi-me a um grupo de rapazes pedindo-lhes que me cedessem um lugar e logo acederam sem, todavia, ligar grande importância ao obséquio. Eram três, um deles robusto, acaboclado, irrequieto, com o chapéu atirado para a nuca, falava assomado:

— Que estava pronto a pegar em armas pela República, se fosse preciso. Não tinha medo das balas do Aquidabã, nem de calhambeque nenhum; era homem, não tinha a vida para negócio. Que lhe podia acontecer? morrer? ora! não era o primeiro nem havia de ser o último; mas, enquanto tivesse forças, havia de repelir aquela súcia. Não tinha medo de caretas. E tu? – perguntou a um dos companheiros.

— Estou contigo. Tenho família...

— Eu também! Ora! por isso não!

— Eu também! – bradou o acaboclado.

— Pois sim, – continuou o interpelado, calmo: — Tenho família, mas vou. Para cuidar da velha, se eu morrer, deixo um irmão.

O menor ouvia sorrindo, com os cotovelos fincados na mesa e, em uma voz que tinha ainda o timbre doce da infância, disse:

— O diabo é que se perde o ano.

— Qual ano! – bramiu o acaboclado; – faz-se o exame em março, ora esta! Ainda você se preocupa com exames. O que eu quero é uma carabina, isso sim! para esperar essa súcia. Que desembarquem! Que venham cá! – E, exaltado, rompeu em impropérios, desafiando. Depois de rosnar em cólera surda, falou: — Também tenho família e estou no quarto ano, perco muito mais do que qualquer de vocês e vou! Estou pronto!

O interpelado afirmou:

— Também eu. Vou ao inferno!

Levantaram-se, o acaboclado à frente gesticulando, indignado.

Foi então que vi, na mesa fronteira, dois homens que me espreitavam: um magro, escaveirado, lívido, cofiava lentamente a barba rala, balançando a perna esguia, de olhos no teto; o outro, um colosso vermelho, de pince-nez, ventrudo, grandes bigodes já grisalhos, caídos em duas pontas até a papada rubra e úmida, olhava-me com insistência, carrancudo, e notei que, de quando em quando, segredava alguma coisa ao tísico. Vieram-me à memória as palavras de Forjaz: "Há muita gente suspeitada. A cidade esta cheia de secretas". Tremi.

Suspeitariam de mim? talvez... por quê? por nada, por tudo, ainda que os

meus sentimentos políticos fossem bem conhecidos desde os tempos das conferências do Politeama onde, uma vez arrojei cadeiras contra uma malta de capangas que invadira a platéia, brandindo cacetes . Olhei de novo e dei com os olhos do colosso relampejando sempre e pareceu-me que pronunciava o meu nome. Efetivamente o tísico voltou-se com lentidão e mirou-me. Senti um arrepio em todo o corpo e levantei-me. Da porta voltei-me dissimuladamente e olhei para o fundo: os dois homens acompanhavam-me com olhar terrível. Saí e, às pressas, atravessei a multidão. Encolhi-me no bonde, impressionado e, quando cheguei à casa, foi um alívio para as pobres senhoras. Haviam passado o dia em ânsias porque lá em cima era um boato por minuto, O jardineiro, de quando em quando, dava um pulo ao armazém da esquina e de uma vez voltou lívido e gago, a dizer que "não se assustassem! que não fora nada!" A casa ficou alarmada, não houve descanso enquanto o jardineiro não explicou: "Que havia caído uma bala no Largo de S. Francisco, perto da igreja, matando um cego", dissera no armazém o condutor do bagageiro. Felizmente eu ali estava, entre elas, com a graça de Deus. Mas... que noite! Os olhos dos dois homens perseguiam-me, principalmente do gordo. E, quando eu ia conciliando o sono, sentia como uma mão de ferro sobre o meu ombro. Sentava-me na mesa, com o coração aos pulos, aterrado. Já capineiros passavam cantarolando, quando consegui adormecer, exausto.

CAPÍTULO VIII

FOI curto o meu sono e, quando saltei da cama, as duas senhoras andavam pela casa, murmurando rezas, aterradas com a leitura dos jornais. Como me vissem passar para o banho, adiantaram-se com lamúrias de desânimo: "Que eu lesse os jornais para ver os horrores. Haviam arrancado trilhos da estrada de ferro, num subúrbio; haviam disparado contra a cidade, à noite; uma lancha rondara o cais tentando atracar sendo, felizmente, repelida, à bala, pela tropa." E lastimavam mortos e feridos e a pobre gente que morava perto das praias. Mamãe receava que os marinheiros desembarcassem... "que eram até capazes de deitar fogo à cidade."

Efetivamente os jornais narravam as principais operações da esquadra: navios apreendidos, tentativas de comunicação com a terra. Nada, porém, do que eu encontrava nos dilatados noticiários interessava à minha curiosidade; o que eu queria achar era a lista dos suspeitos que a polícia procurava com tanto empenho e, subitamente, numa visão, apareceu na grande página do jornal que eu lia, como em uma janela aberta, a caraça vermelha e gordurosa do homem do Londres, sempre a mirar-me, carrancudo, como se me quisesse ler nos olhos todos os meus pensamentos. Atirei para longe o jornal vendo, nessa obsessão, um aviso da Providência.

Se eu dissesse alguma coisa à mamãe ou à titia por certo que me não deixariam sair. Calei o sinistro segredo e, refrescado num banho copioso, comecei a vestir-me lentamente diante do espelho, mirando-me, examinando-me, como a procurar alguma coisa no meu rosto que me tornasse suspeito: traço ou linha indiscreta acusadora dos trabalhos íntimos do meu espírito, mas nada havia. E que podia haver?

Por dentro eu era e sou apenas um homem de comércio: raramente uma idéia alheia ao mercado do café visita o meu espírito e, quando os cálculos e as preocupações de negócio desaparecem, só Anália ocupa minha alma, só ela, com a sua feição mística de santa ou, de longe em longe, nas minhas paradas melancólicas, em rápido clarão de saudade, meu pai que revejo através da reminiscência, morto umas vezes, hirto, entre velas, com o crucifixo no peito, estirado na mesa da sala ou vivo, a regar, cantarolando, a sua banqueta de cravos.

Bem pouco entendo de política e, devo confessar que, antes dos artigos de fundo, quando os leio, procuro, com avidez, a parte comercial porque muito mais me interessa o movimento do porto do que a marcha da nau do Estado.

Um navio que entra, carregado de bacalhau, traz mais animação à praça do que um deputado que vem do sertão com o diploma e gárrula retórica saburrosa de selecismos. Pelas operações da bolsa, sei tudo quanto se faz neste país em política. O câmbio é que nos diz como vão os negócios públicos, se há crise iminente, se a eleição do presidente foi ou não bem recebida no estrangeiro.

Para que hei de perder tempo com leituras se tenho o câmbio para informar-me? Amo com devoção a minha pátria, mas creio que, para dar testemunho desse amor, não é necessário que, todas as manhãs, eu me empanturre de polêmicas em estilo culturano com muitos e ruidosos reclamos de patriotismo e de coragem cívica. Não sou político, porque não me sobra tempo; meu comércio é outro.

Se não voto nas assembléias, pago todos os impostos e contribuo com o meu esforço para a prosperidade comercial da minha pátria. Eu, que assim penso, por que razão hei ser perseguido pelos olhos agudos da polícia? Nunca, que me lembre, tive opinião infensa a este ou àquele governo.

Isto pensava eu quando, de repente, como em sonho, achei-me no café Amorim. Lembrei-me então e sucumbido, convicto da minha culpa, falei ao meu reflexo, no espelho, como se ele me pudesse ouvir e aconselhar: "É verdade! já me manifestei em público. Aí está por que me perseguem." E recompus toda a cena do café.

Éramos cinco, três do comércio, um moço estudante e um tipo moreno, de óculos.

Falava-se do federalismo e dizia-se "que era uma facção de ambiciosos vulgares cujo programa, desconhecido, era roubo ou a restauração. Aquilo não passava de uma horda de perversos sem bandeira, sem crença, que ia esterilizando os campos do Sul sob as patas dos cavalos árdegos do pampa. E quem estava à frente? um caudilho estrangeiro, espécie de condottiere, que aliciava bravi nas pandilhas criando um exército de salteadores."

Mas o estudante, rio-grandense, entusiasta de Silva Tavares, acudiu em defesa dos sublevados, pedindo que não falassem sem conhecer os fatos e classificou de "nobre e santa" a causa dos revolucionários, dizendo que eles podiam arvorar, como pavilhão, uma verônica ensangüentada, porque era essa a única bandeira que devia flutuar nos muros heróicos do Rio Grande, transformado em campo damasceno. E começou a expor miudamente, com

a clareza e a precisão de um livro, todos os horrores da guerra, exaltando-se, às vezes, em reptos, como se falasse de uma tribuna.

Que era o Rio Grande? uma terra gloriosa, o berço tradicional da idéia democrática porque do alto daquelas coxilhas verdes partira o brado altivo dos farrapos. Aquelas campinas, fertilizadas e santificadas pelo sangue dos heróis, não podiam gerar covardes.

A guerra era o resultado da opressão e do crime. E para que fizéssemos idéia dos horrores praticados no Sul, começou a descrever:

Às vezes, ao cair da tarde, quando o gado mugia nos potreiros, via-se, ao longe, uma coluna de fumo que subia, densa e negra, larvada de chamas. Gaúchos montavam às pressas, mas antes de partirem caiam atravessados por bala traiçoeira e a cavalhada dos sicários irrompia com alarido tremendo como devia ser o vozeirar barbaresco da gente de Átila quando calcava, à pata de potros selvagens, as cidades vencidas do ocidente.

O gado tresmalhava espavorido e a família, fortificada na casa, esperava o assalto da farândula com a resignação dos mártires antigos. E que haviam de fazer mulheres e crianças, velhos que mal se arrastavam, enfermos enfraquecidos? Acolhiam-se entre as paredes do lar como os suplicantes nos templos. Mas as balas esboroavam os muros, as portas frágeis fendiam-se às coronhadas e os bandoleiros penetravam nas casas, alguns mesmo a cavalo, assassinando covardemente, com algazarra de gargalhadas e de chufas quando viam um velho trôpego, quase sem vista, agarrado ao mais novo dos netos, brandindo uma velha espada ferrugenta, a mesma com que andara, em moço, pelejando pela República.

Moças virgens eram arrastadas para os campos, nuas, e, nos seus corpos imaculados, cevavam-se lubricamente os brutos, e, saciados, golpeavam-nas aos olhos dos velhos pais que enlouqueciam de horror. Quando se retiravam duma estância, os corvos desciam, crocitando, para o repasto nefando. E o rio-grandense, eloqüente. voltou-se para mim interrogando-me: "Que faria o senhor se visse sua filha duas vezes vitimada: na honra e na vida? Que faria o senhor se tivesse visto correr o sangue de sua mãe e de sua esposa? se ouvisse o rumor fragoroso da queda do seu lar e o mugido do seu gado fugindo, em pânico, através dos campos incendiados? E convicto: Faria o que estão fazendo esses federalistas, meu amigo." E eu afirmei comovido: "Faria mesmo, por certo !" Outros concordaram comigo, só guardou silêncio o moreno que torcia tranqüilamente o arame de uma garrafa de cerveja.

Que seria esse homem taciturno e discreto? Não indaguei e nunca mais o vi. Talvez fosse um fazendeiro, a passeio no Rio; talvez fosse um agente de

polícia. A verdade é que só ele me poderia ter comprometido porque os outros, meus amigos, que interesse teriam em denunciar-me como partidário de Gumercindo? Fora o moreno, sem dúvida, que me acusara e a polícia rastreava-me.

E lembrei-me do estudante: "Que seria feito dele?! Com certeza já estava em algum cárcere, dormindo sobre a laje fria, em trevas." De repente veio-me uma grande coragem; dei de ombros, exclamando:

— Ora! aconteça o que acontecer. Não posso ser condenado sem provas.

E, acendendo um charuto, deixei o quarto. Mamãe procurou no bolso do meu casaco a oração que me dera para que a Virgem me levasse por bom caminho, preservando-me das balas. Beijei-lhe a mão e desci ao jardim para esperar o bonde. Ia diretamente a casa de Luís Farinha expor-lhe as minhas apreensões e aconselhar-me com ele.

Durante a viagem, que foi longa e morosa, recompus duas ou três vezes a cena do café Amorim e as palavras de Forjaz retumbaram dentro em mim ameaçadoras, apavorantes. Quando cheguei à Gávea, Anália, de branco, os cabelos soltos, colhia flores no jardim, como a Margarida do drama. Vendo-me àquela hora da manhã, teve um sobressalto, mas logo tranqüilizei-a com palavras de ternura, e enquanto ela me ornava a botoeira com uma rosa fresca, contando que não dormira toda a noite pensando em mim, estive suavemente enlevado na sua formosura, esquecido dos perigos que me rodeavam, feliz por ver-me amado e festejado por aquela criaturinha frágil e formosa, que tinha tanto aroma nos cabelos como todo aquele jardim com a sua profusão de rosas.

Luís Farinha, repoltreado debaixo da galhada da mangueira, lia os jornais e, logo que me avistou com a filha, ergueu-se de sobrecenho carregado:

— Que há?

— Nada! – fui eu dizendo. – Venho para conversarmos.

Anália sorriu-me, e, compreendendo que desejávamos ficar a sós, deixou-nos.

Falei então, francamente, a Luís Farinha e passeando ao longo da aléia principal não tive uma reticência; disse-lhe tudo com fidelidade; a cena do café Amorim, os olhares suspeitos do homem gordo, as palavras de Forjaz. Ao fim da minha exposição o capitalista sorriu:

— Estás a criar fantasmas, homem! Que tem que um sujeito olhe para o teu lado? Fizeste alguma coisa? Já te meteste em políticas? – Fiz um gesto negativo. – Então, homem? Deixa-te disso. E não te fies em boatos, deixa lá falar o Forjaz; é outro que anda a ver sombras em toda a parte e sabe tudo, e

mete-se em tudo. – Calou-se, mas logo continuou, com mistério: Que andam a prender gente, isso é verdade. Ainda ontem polícias rondavam aqui na vizinhança e levaram um rapaz. – Ergueu a voz: Mas sempre te digo que não prendem à toa, eles lá sabem o que fazem. Então achas possível que o chefe de polícia mande aqui gente, à minha casa, buscar-me, só por que passeio, à fresca, pelo jardim? Histórias, homem; histórias! Deixa lá andar o Forjaz, não te metas com ele: é doido. Não queres que te olhem? Pois não entres em botequins. Vai para o teu escritório e se vires que a coisa pega, então sim... – Mas logo emendou: Que não pega, descansa. Isso é coisa para mais um dia ou dois. Se a gente começa a fugir, isso então é uma desgraça. Olha, eu te digo, não tenho tanto medo das balas que não vêm cá, – e insistiu: que não vêm cá... ! como tenho dos gatunos. Sabem que uma casa está abandonada e então, meu amigo, limpam-na de uma vez. Agora, principalmente, que a tropa está toda ocupada!... – E, esquecido dos meus terrores, só falou da casa: Que eu não deixasse sair o Rodrigues e que descansasse, porque isso de bombardeios não passava de prosa, e mais nada. Ele tinha quarenta anos de Brasil e sabia bem o que eram as revoluções aqui. Nada de abandonar a casa.

Vieram chamar-nos para o almoço. À mesa Luís Farinha contou, sorrindo – que eu estava com medo de ser preso. Anália, pálida de susto, perguntou:

— Para soldado?!

— Qual! como conspirador! – e rompeu a rir.

A boa senhora lançou-me um olhar enternecido e fez: "Ora!" Mas havia tal sentimento de desprezo nessa expressão que me senti humilhado diante de minha noiva e corei dando com os seus olhos que me fitavam. Tive um ímpeto:

— E por que não? sou brasileiro; amo a minha pátria. Se para salvá-la fosse necessário o meu sangue...

Luís Farinha interrompeu-me com a boca cheia:

— Esquece-te disso! Qual sangue! A pátria não quer o sangue de ninguém, o que ela quer é paz, entendes? paz e homens que saibam trabalhar. Qual sangue! Vocês, por qualquer coisa, enchem a boca com sangue. O homem quer-se nas ocasiões. Histórias! Cuida de ti e deixa os outros que se arranjem.

E pediu mais churrasco, mastigando com toda a cara purpúrea e gorda.

Anália perguntou-me baixinho:

— Há alguma coisa contra ti?

— Não; nada.

A boa senhora firmou também:

— Não há nada.

E Luís Farinha, depondo o talher, começou a clamar contra os brasileiros.

— Súcia de tolos, que vivem sempre a pensar em loucuras dando por paus e por pedras. E rouco, em rápidas palavras, repassadas de cólera, fez o histórico do Brasil desde o dia 13 de maio: uma arbitrariedade, até o 15 de Novembro: um crime, uma ingratidão, uma falta de bom senso. Pois um pais que era o modelo da ordem na América, transtornado, de uma hora para outra, pela má cabeça de uns tantos senhores! Isto era para ser a primeira nação do mundo! – E berrou com um dedo hirto: — a primeira! se tivesse homens, mas são todos uns desmiolados. Ali estava a prova do patriotismo – a esquadra revoltada... Por que? Qual ! o que nós queríamos era que o inglês viesse tomar conta disto. Uma pouca-vergonha!

E engoliu, de um trago, meio copo de Colares.

Quando me retirei, com muitos conselhos de Luís Farinha e da boa senhora, Anália veio pedir-me que não me metesse em nada, que me lembrasse dela e de mamãe e, tirando do pescoço um fio de ouro, instou comigo para que o aceitasse.

Era uma santa, lembrança da sua primeira comunhão. E ela mesma, com as suas mãos finas e delicadas, passou-me o cordão em volta do pescoço, fazendo a medalhinha escorregar por dentro do colarinho. Quando levantou os olhos sorrindo, satisfeita, senti como um atordoamento e beijei-a. Foi rápido, tão rápido que ela não teve tempo de corar e nem vi se as faces se lhe tingiram porque um bonde apareceu na volta da rua, embaixo, e deitei a correr ouvindo apenas que ela, de longe, me dizia adeus!

CAPÍTULO IX

LOGO QUE ENTREI no escritório, Rodrigues veio dizer-me que o major não havia dormido em casa.

Saíra à tarde e, até aquela hora, nada de noticias... e era para incomodar por ser a primeira vez que isso sucedia. E lembrou: Que seria prudente mandarmos à polícia, talvez tivesse acontecido alguma coisa ao pobre homem. Com as escaramuças da noite podia muito bem ter havido vítimas e não admirava que os jornais guardassem segredo porque faziam o mesmo, no tempo das epidemias, para não alarmar o povo. Não custava nada mandar um dos pequenos à polícia.

Forjaz também não aparecera: esse, porém, era useiro e vezeiro em faltas; deixava-se ficar em casa ensaiando trechos ou molemente deitado, bebendo grogs com uma inglesa, numa alcova da Rua do Lavradio.

— O major não é homem que se deixe matar, disse eu para acalmar o Rodrigues que parecia profundamente impressionado, a resmungar, indo de vez em vez à janela consultar o céu carregado de nuvens pardacentas.

Não sei por que um grande tédio caiu dentro de mim, pesado e triste como um luto, vendo-me na penumbra do escritório onde só havia o rangido áspero das penas que corriam sôbre o papel e, de longe em longe, a tosse agoniada do Salomão, o velho Salomão, que encanecera em caminhadas pelo interior, desde o tempo em que se fazia a viagem a cavalo, comboiando negros algemados até S. Paulo, até Minas. Lá estava encolhido, resmungando contra as insônias, sempre preocupado com os seus desastres financeiros, impertinente e asmático, chupando grandes fumaças das cigarrilhas medicinais.

Todos pareciam enervados; havia grandes bocejos, e, de quando em quando, um sussurro passava pela fila dos empregados que escreviam de pé. Desusado silêncio entristecia a sala como se todos, em mudez de pânico, esperassem, transidos, o desabamento de uma catástrofe. Um vento frio batia as portas. Desci ao armazém, mas entre as altas pilhas de sacas, no ambiente úmido e sombrio, o meu tédio recrudesceu e estava de braços cruzados, inerte, de olhos perdidos, quando ouvi passos soando forte no asfalto. Voltei-me: era o major.

Antes que eu lhe falasse, explicou-me: "Dormia fora, por prudência. Jantara com um amigo, indo ambos depois ao Recreio. Ao fim do espetáculo, já a caminho de casa, ouvira dizer que estavam atirando para terra, que os marinheiros tentaram desembarque, que um chuveiro de balas caíra no Largo de Santa Rita. Por cautela deixara-se ficar na cidade, dormindo "por aí". Mas, vendo-me sorrir, acentuou, vexado: "Que fizera aquela extravagância somente para não arriscar-se. Teria dormido no hotel, mas não encontrara cômodos no Ravot." E, passando a mão papuda pela calva, lamentou a noite: "Uma coisa horrível! De mais a mais – que ladra! Quase fizera um escândalo. Não fosse um pai de família, homem conhecido e ela teria visto o bom e bonito. Era melhor que saíssem para a estrada." Mastigou injúrias e subiu para mudar a camisa que estava "numa sopa".

Recaí no aborrecimento, de repente, porém, imaginando a figura do major, em ceroulas, com os óculos dependurados na ponta do nariz, a esbravejar contra a exigência, veio-me um grande acesso de riso e a rir encontrou-me o Rodrigues, trazendo um maço de guias.

Mas alguma coisa passou no ar, rolando, reboando como trovão longínquo, e o Rodrigues, sem uma palavra, fitando-me, estendeu o braço como para mostrar-me um ponto além.

Eu, firme, ele na atitude teatral de quem escuta, ficamos longo tempo até que, de novo, ouvimos o mesmo rumor distante de tormenta. Uma voz bradou de cima, pela janela da área: "Estão atirando!" e, no escritório, houve precipitado barulho: o soalho rangia e pela escada, em avalanche, desceram, pálidos, os pequenos, alguns choramingando e, atrás deles, Salomão, curvado, a tossir, blasfemando.

Reunidos em torno de mim como um rebanho junto do pastor, esperavam que eu lhes falasse, quando o major, em mangas de camisa, apareceu assustado: "Estão atirando, Sr. Josefino... ouça! É para longe, mas estão atirando."

E ficamos todos à escuta, em imobilidade marmórea. Efetivamente o rebôo passou de novo como um presságio. Fiz, então, uma fala animadora:

— Que não era nada. Os navios estavam muito longe e, quem os comandava, era um brasileiro que não havia de querer ensangüentar o solo da pátria. Que se deixassem de sustos. Ainda que houvesse alguma coisa, seria lá entre eles. Tivessem calma.

Mas, entre os pequenos, houve um movimento estranho. Rodrigues encarou-os severamente, carrancudo, e justamente eu lhe falava em segredo "que tranferisse o escritório para o armazém", quando o Celestino, um recomendado de minha tia, rapazola de 16 anos, do Norte, nervoso,

irrequieto, adiantou-se do grupo dos companheiros pedindo para falar-me.

Havia no seu olhar estranha luz que irradiava, a sua face pálida contraía-se por vezes; tremiam-lhe os lábios e, esfregando as mãos, de olhos baixos, humilde, falou-me:

— Eu queria pedir-lhe um favor, senhor Josefino... – Olhou-me e, baixando de novo os olhos, disse: Quero alistar-me!

O Rodrigues atirou para o meu rosto um olhar pasmado, o major avançou para ver melhor o rapazola e Salomão cuspiu um risinho d'escárnio por entre dentes.

— Fala, Celestino.

Ele sorriu, tirou a caneta detrás da orelha e pôs-se a brincar com ela, mas, num assomo, encarando-me, repetiu em voz clara e vibrante que ressoou no pátio do armazém como um toque marcial:

— Quero alistar-me!

Tirando, então, do bolso do casaco de brim um jornal, desdobrou-o mostrando-me os primeiros nomes dos voluntários de um corpo patriótico.

Vagamente, fugitivamente, vieram-me à lembrança as palavras de minha tia, quando me recomendou o rapazola: "Ele é o único amparo da pobre mãe viúva..." Ia dissuadi-lo com brandura, mas não sei que vi nos olhos da criança, não sei que singular expressão de energia e de decisão inabalável transpareciam do seu rosto que me senti vencido e apenas pude dizer:

— Tu tens mãe, Celestino. Enfim... faze o que entenderes.

Ele por toda resposta, sorriu.

— Eu só quero que o senhor não se zangue comigo e que guarde o meu lugar ... se eu não morrer.

Senti um grande choque, misto de entusiasmo e de piedade e disse:

— Zangar-me? Não me zango. E quanto ao teu lugar, podes estar tranqüilo. Falo apenas por causa de tua mãe. Não me zango.

E abracei-o comovido.

Os companheiros receberam-no com veneração e espanto, olhando-o como se o vissem pela primeira vez. O Rodrigues , com os olhos rasos d'água, teve uma exclamação, baixinho:

"Que doido!" O major emudecera de assombro; só o Salomão, que o seguiu até o fundo do armazém com um olhar de ódio, murmurou arquejando:

— Vai, mas é p'r'o deboche... Vagabundo!

E curvou-se todo, a tossir, em acesso mais forte.

Esse incidente agitou-me, fiquei abalado e muito tempo andei pela casa remanchando, distraído, em verdadeiro estado de inconsciência até que

resolvi sair. Mamãe e titia acharam que Celestino era um doido: "Mete-se naquilo por gosto sem lembrar-se que tinha mãe doente e só no mundo. E que seria dela coitada se ele morresse?" Titia principalmente, indignada, acusou-me: "Que eu não devia ter consentido, ele era menor e fora-me confiado; era quase um filho que eu tinha."

Expliquei, lembrando-me da atitude decidida do pequeno: "Que se me tivesse oposto, teria sido pior. O Celestino estava resolvido a alistar-se. Lera os jornais e entusiasmara-se; se eu lhe negasse o consentimento, fugiria." Efetivamente, mais tarde, o Rodrigues veio dizer-me que ele jurara aos companheiros que havia de sair "custasse o que custasse."

Luís Farinha, quando soube, vociferou:

— Que o não queria mais em casa! Aquilo não era quartel de soldados. Que se arranjasse por lá. Não havia de pagar ordenados para um pelintra trocar as pernas pela rua, arrotando valentias. Se tinha vontade de ser militar que assentasse praça de uma vez, no "café" não o queria mais, que aquilo até desmoralizava, era um mau exemplo. Amanhã vinha outro com empáfias, depois outro e nós, se quiséssemos, que tomássemos conta do trabalho dos tais patriotas de borra. Não tinha nada com revoluções, não era político. Queria empregados para o serviço e não para estarem de arma ao ombro, montando guarda. Mesmo o senhor Forjaz... era melhor que se despedisse, se queria andar à vontade, escutando pelos cafés os boatos dos vadios.

Forjaz, em verdade, mal aparecia no escritório, andava preocupado, receoso: "Porque sabia de amigos que eram espiados por suspeição de conivência com os revoltosos. Ele mesmo fora seguido uma noite por dois homens simplesmente porque, em conversa, dissera, à porta do Castelões, que o Aquidabã era um navio de primeira ordem e o Custódio um marinheiro valente e forte em manobras."

CAPÍTULO X

E OS DIAS corriam sempre sombrios, nublados, até que, uma tarde, espalhou-se em todo o comércio, com o mistério apavorante de um agouro, a notícia de que a esquadra bombardearia a cidade no dia seguinte.

O clamor subiu em lamentação de desastre. Justamente eu chegava à Rua do Ouvidor quando estrídulos toques de clarim faziam mover a multidão em ondular tumultuoso, como o oceano sob a lufada violenta de um ciclone, e começaram a passar, com estridor de ferragens, os pesados armões da artilharia.

As peças descobertas vinham salpicadas de lama, brancacentas de poeira e os soldados, que as seguiam a pé, de espada nua, enlameados, suados, arquejavam, correndo de quando em quando. Abriam-se claros, mas logo animais a trote avançavam, arrastando com fragor outras carretas, até que a bandeira, desfraldada no punho de um cavaleiro moço passou, palpitando gloriosamente, saudada pelo povo.

Uma banda vinha tocando, como nos dias tranqüilos de festa, mas o estrondo da artilharia mal deixava ouvir a música, já próxima. Erguendo-me nas pontas dos pés, espiei por entre os ombros dos que me apertavam e vi, ao longe, a cintilação das baionetas que um sol triste e pálido brunia; mas ainda vinham lentos canhões rolando e passaram até que a infantaria irrompeu.

Os soldados marchavam curvados ao peso das mochilas; paravam de vez em vez e ficavam marcando passo, em rastejar contínuo como se fossem caminhando sobre a folhagem morta e seca dum campo. Vieram, em seguida, os voluntários; todos moços, animados de entusiasmo que lhes transparecia nos olhos, que se acusava em todos os seus movimentos.

Seguiam para a morte como para uma apoteose, satisfeitos, orgulhosos, sem sentir o peso das armas sobre os ombros desacostumados, marchando com a regularidade dos veteranos longamente exercitados na paz e na guerra. Levavam os olhos altos fitando o povo, buscando, pelas janelas, um rosto venerável de parente ou os olhos perturbados de lágrimas da noiva que os esperava para o adeus, o último talvez. Das sacadas senhoras acenavam agitando lenços, afastando bandeiras de todos os países que

tremulavam à brisa protegendo as casas, como penates santos retirados dos tabernáculos para defenderem o lar ameaçado.

Ao clangor das charangas possantes o entusiasmo subia, comunicando-se ao povo que abria alas à passagem das tropas. Por último, foi um batalhão que desfilou ao rufo dos tambores, ao som vibrante das cornetas e, por muito tempo, ouviu-se o trepidar dos passos dos soldados. Olhando, então, para a rua, tive a impressão de um rio rútilo, a correr, tal era o brilho das baionetas juntas, parecendo um só corpo luminoso, espelhento, que fugia.

Jantei na cidade, querendo esperar as últimas notícias e, convencido da verdade, falei pelo telefone, ao Rodrigues para que fechasse o armazém e saísse com os empregados.

Lentamente, comecei a subir a Rua do Ouvidor e quando cheguei ao Largo de S Francisco, era tal a multidão que me detive um instante.

Grosso tumulto de gente precipitava-se para os bondes, com algazarra; mulheres corriam arrastando crianças que choravam; outras, sobraçando embrulhos, seguiam com lentidão, arfando. Uma velha, que caminhava em passo miúdo e rápido, parou de repente, como assustada, e pôs-se a olhar em vo1ta, indo e vindo, estonteadamente. Veio até junto de mim, mas tornou, de novo, para o largo e, com as mãos ambas na cabeça, em grande desespero, pôs-se a chamar alguém, aos gritos. Os que passavam, surdos, em ânsia de salvação, empurravam-na e ela voltava-se olhando para todos os lados, sempre a gritar, aflita. Desapareceu como se a tivessem pisado os que corriam, mas os seus gritos ainda vibravam, mais longe, perdendo-se, a pouco e pouco, até que apenas ficou o marulho do povo que abalava desordenadamente.

E os bondes eram invadidos; senhoras iam de pé nos estribos, agarradas aos balaústres ou entre os bancos. Pobres mulheres levantavam nos braços criancinhas tenras, embrulhadas em toalhas e pediam, por piedade, que lhes cedessem um lugar, contando que haviam deixado o leito, que mal se podiam suster. Mas ninguém ouvia; o pânico acossava a multidão como as tempestades nos desertos levam as caravanas batidas até a morte.

O povo, no seu egoísmo brutal, batalhava pela vida, surdo a gemidos, atirando-se aos bondes com a sofreguidão dos náufragos que se arrojam em massa à mesma barca frágil. Às vezes os cocheiros declaravam, travando os carros: "que os animais não podiam." Mas o povo irrompia em vozeiro: "Que tocasse! seguisse!" Ameaçavam; e homens vinham impelir os carros, ajudando os muares até que se moviam e, galgando impulso, faziam vagarosamente a volta com um rangido agudo pelos trilhos. E outros

bondes chegavam já apinhados, rumorosos. Carros eram disputados e, de todas as ruas, vinham ondas de gente, a correr, em escoamento ininterrompido.

Entretanto, havia teatros acesos e justamente perto da Praça Tiradentes, onde um foco elétrico projetava o seu raio errante, havia bagagens empilhadas: canastras, malas, leitos como se vêem nas praias à chegada de uma leva de imigrantes; e num carrinho, encolhido, um aleijado gemia.

No céu a lua brilhava de espaço a espaço, libertando-se das nuvens negras, como se quisesse alumiar o caminho do exôdo terrífico.

CAPÍTULO XI

PARA CHEGAR à casa, tive de resignar-me à usura de um cocheiro de tílburi e posso dizer, sem exagero, que subi entre duas alas de povo, verdadeira alameda humana.

A cidade emigrava para os arrabaldes. Os bondes passavam apinhados; e eram carroças cheias, carros vagarosos, fechados, como se levassem enfermos e, nas ruas, não cessava o pávido desfile, ao luar. Às janelas das casas apareciam vultos contemplando a dolorosa héjira dos pobres, que trilhavam os caminhos a pé, levando ao colo crianças adormecidas. Homens, vestidos com decência, sobraçavam pesados embrulhos; pequenos levavam gaiolas, e cães seguiam os bandos como em partida definitiva, no abandono de uma cidade assolada pela peste.

De longe em longe, nos terrenos vagos, aparecia um pequeno acampamento, grupos internavam-se pelos capinzais entendendo-se com os donos dos estábulos para que lhes permitissem pernoitar no meio da erva, onde os bois ruminavam, deitados tranqüilamente. Batiam à porta das casas pedindo "por misericórdia!" um abrigo e, descobrindo embrulhos, mães desoladas mostravam criancinhas.

Entre os andaimes acolhiam-se famílias; mulheres exaustas deixavam-se ficar sentadas nos lajedos com pequeninos ao colo. Era a fuga precipitada, a mobilização de um povo tocado pelo pavor.

Lamentei, comovido, esse triste espetáculo e o cocheiro suspirou:

— Isto não é nada, patrão! – E contou-me que os trens da Central partiam atarracados; que havia diante da estação tal acúmulo de bagagens que mal se podia andar por ali. Nunca imaginara que o Rio tivesse tanta gente. Para a Tijuca eram incontáveis as pessoas que subiam, até em carroças de lixo, caminhando sempre, sem pausa, buscando as alturas, bem longe, onde não pudessem chegar as balas dos navios. E, baixinho, pressagiou: "muita desgraça!"

Quantos doentes, quantas crianças não haviam de pagar com a vida aquela brincadeira! E confessou: "Que antes de mim levara um casal para as bandas de Vila Isabel: a senhora sempre chorando, a pensar na casa, nos animais que lá deixara, nos seus objetos de estima." E aproveitou-se disso

para pedir-me que o desculpasse – "não podia tocar porque o animal estava esgotado."

Quando cheguei à casa, as duas senhoras deram graças a Deus, censurando-me por eu ter ficado na cidade até tão tarde, com risco de sofrer alguma coisa, e, confidencialmente, disseram-me: "Que a casa estava cheia. Não tinham podido negar: era uma pobre família, com crianças, mocinhas solteiras e uma velha que mal podia com as pernas de tão inchadas. Vieram de bonde e, como vissem gente à porta de casa, uma das mocinhas pediu, chorando, que as recebessem por uma noite. Que se havia de fazer? Estavam todos na sala de jantar."

Quando apareci, mamãe apresentou-me uma senhora, ainda moça e simpática, de fisionomia triste, que acusava longos sofrimentos. Amamentava uma criancinha rechonchuda e linda; e apresentou-me às irmãs: duas meninas fortes, coradas, de grandes olhos negros e colo farto, posto que uma usasse ainda o vestido curto, e à mãe uma velha que se sentara a um canto, com as pernas estendidas, gemendo. Dois pequenos dormiam vestidos sobre cadeiras e a um canto havia um monte de embrulhos e uma cesta aberta cheia de roupa branca.

A senhora contou-me que morava para os lados da Saúde, defronte do mar. O marido era embarcadiço, trabalhava em um dos navios da companhia; estava a chegar se o não aprisionassem lá fora, como estavam fazendo. Saíra de casa sem destino, mas certa de encontrar uma boa alma que se compadecesse da sua sorte. Um dos pequenos estava com febre, todas as tardes tiritava de frio e a mãe... nem ela sabia como resistira à caminhada, com a erisipela que lhe tornava as pernas pesadas, como de chumbo. Em casa passava os dias estirada na rede, entretanto, com o medo, andara até a cidade, conseguindo um lugar num bonde apesar do atropelo.

Mamãe contou-me que, desde as cinco horas da tarde, passava gente, sem descontinuar; que os vizinhos haviam agasalhado famílias e que o jardineiro lhe dissera, entrando, à noitinha, que uma pobre mulher dera à luz em plena rua, sendo recolhida pelos polícias.

No céu turvo estendia-se, de instante a instante, como uma via-láctea, o raio do holofote, em direções diferentes, variando com rapidez da frecha de um catavento que um vendaval desorienta.

O jardineiro seguia a claridade mostrando-a ora num ponto, ora noutro, comparando-a à cauda imensa de um cometa; por vezes desaparecia como se houvesse a treva.

As senhoras olhavam aterradas. A velha pedia explicações em voz gemida e amaldiçoava, lamurienta, descobrindo as pernas grossas,

engelhadas em refolhos.

Apesar da noite fria, saímos para o jardim onde as magnólias abertas recendiam e ficamos em contemplação muda, voltando os olhos para acompanhar no céu o palor do raio errante que, por vezes, chegando aos montes, fantasiava um luar efêmero, galvanizando de prata o arvoredo escuro.

Mamãe e titia subiram para acomodar a família. Quando passei pela sala só lá estava a velha, estendida de flanco, com a cabeça sobre a trouxa, as pernas nuas, grossas como duas colunas. Até tarde, da janela do meu quarto, acompanhei com piedoso interesse a passagem do povo.

Noite alta, acordando, ainda ouvi falas na rua, passos que fervilhavam e uma cantilena longínqua. De manhã mamãe veio despertar-me cedo para que eu visse o "mundo de gente" que passava.

O terror havia estabelecido uma estreita solidariedade humana: não era um desfilar de grupos indiferentes, era a marcha assombrosa de uma grande família, que o terror reunira. Todas as fisionomias tinham a mesma expressão característica, em todos os olhares havia o irradiar do espanto, a mesma angústia, a mesma ansiedade; seguiam em comunhão de amparo recíproco, de encorajamento mútuo.

Todavia, numa carroça que passou solavancando, ia um grupo de senhoras e de crianças, com lenços pela cabeça, amparando-se às oscilações, entre bagagens, rindo, como em folia campestre, enquanto um papagaio, dançando na gaiola, em pleno sol, diante da extensa verdura dos campos, abria as asas, chalrando.

O sol subia, sol ardente, de estio, e o calor já era intenso: entanto pequenitos, com as cabecinhas louras descobertas, dormiam sobre os ombros dos pais ou aninhados ao colo das mães. Os mais fortes seguiam a pé, explorando os matos, arrancando flores aos cercados; alguns comiam, babujando-se, e a marcha seguia em derivar perene, ora compacta, nos caminhos estreitos, ora derramando-se pelos campos como as águas que, fugindo a apertada garganta, espraiam-se ganhando a vastidão folgada de um estuário.

Diante da minha casa uma família arranchou-se debaixo da ramaria densa de uma mangueira: o homem, em mangas de camisa, parecia contente da boa sombra e cantarolava afundando na erva com a volúpia de animal que se espoja. Pequenos corriam com algazarra e duas mulheres fortes, nutridas, sentindo-se bem no fresco verdor da paisagem que lhes recordava, talvez, o campo natal, desembrulhavam pacotes e comiam às gargalhadas, por verem o homem beber pela garrafa, deitado de costas na erva macia,

sacudindo as pernas como um clown. Havia a alegria ruidosa de um piquenique debaixo da velha árvore de sombra e um boi, espantado, rondava por ali, mugindo, olhando para a mangueira junto à qual costumava ruminar, à sesta.

Estávamos à mesa do almoço quando minha tia, depondo o talher, ergueu os olhos espantados; as duas mocinhas empalideceram e foi o jardineiro quem nos veio anunciar, com a precipitação contente de quem traz boa nova:

— Que a coisa começara!

A velha pôs-se a gemer lamentosamente e um dos pequenos, agarrando-se às saias da mãe, abriu em choro nervoso, esperneando. Levantamo-nos todos e saímos para a varanda. Nos ramos, à luz fulgurante do sol, havia festivo concerto de pássaros e de cigarras; os jasmineiros carregados salpicavam a grama de flores que recendiam, as árvores tinham um viço exuberante, todas verdes, vistosamente enfolhadas; os flamboyants floridos pareciam sangrar rorejando os caminhos de gotas purpúreas que lhes caíam dos ramos irrequietos, e tudo em volta, por onde os olhos chegavam, atestava o viço da primavera com a sua pompa florida.

A natureza operava pacificamente, desdobrando a sua força imortal como para responder aos desastres com a alegria infindável do seu viver. O ar atroava surdamente, longamente, em gemido – era o canhoneio ao longe. A morte passava, além! uivando pelos ares.

O sol, do alto céu azul, entornava o seu fluido cálido sobre o seio fecundo da terra criadora e, como uma nota singela de paz bucólica, num campo vizinho, rinchavam carros, mugia o gado, cantavam capinadores ceifando, indiferentes à morte, mergulhados na doçura da vida campestre, entre os verdes capins que as brisas ondulavam, diante da casa de tábuas coberta de palha, onde a mulher saloia tinha o berço do filho e a imagem venerada da Senhora, benzida na pátria, na capelinha branca da aldeia, pelo mesmo vigário que a havia casado.

Os ribombos tornavam-se mais distintos, com uma repercussão soturna no ar puro e translúcido. Amiudavam-se os tiros e leves frêmitos passavam pela casa com um tinir brando de cristais. Eu sentia-me oprimido e, ao mesmo tempo, uma grande curiosidade crescia no meu espírito.

Dos bondes que subiam, os passageiros gesticulavam, gritavam para os que desciam: "Que voltassem! que a cidade estava sendo varrida à metralha. Que o Aquidabã e os frigoríficos faziam fogo vivo para terra, respondendo às baterias legais. Que já havia mortos."

Para a tarde os ecos recrudesceram como se o canhoneio se tivesse

tornado mais renhido, de parte a parte. A velha desatou em pranto lastimoso, atirando-se, de bruços, sobre a trouxa, cercada dos pequenos que olhavam idiotamente com os olhos rasos d'água. Titia procurou consolá-la; ela, porém, irrompeu em sentida queixa:

— Que havia de ser delas? Tudo que tinham estava na casa pobre, à beira do mar e, àquela hora, com certeza, já não lhes restava um caco, nem a sua cama, nem os seus objetos, nem os seus trapos. Era uma crueldade! E aquele homem tinha família... era pai! Não podia compreender que se fizesse tanto mal à terra onde se nascera. Se fosse um estrangeiro... mas um filho daqui! Não podia compreender. E os outros? tantos pobrezinhos! tanta gente como elas que só tinham os cacaréus, como haviam de ficar? Isso era lá possível?! Haviam de pedir esmolas?

A filha animou-a, sorrindo tristemente:

— Seria o que Deus quisesse. Não valia a pena estar com amofinações. Ainda se fossem só elas, mas todo o mundo havia de sofrer; outros perderiam mais. Tivesse paciência.

Um dos pequenos começou a queixar-se de frio, tiritando; era o acesso febril. Mamãe, compadecida, levou-o para um quarto e uma das mocinhas acompanhou-o com o remédio.

E, cheio de apreensões e de lágrimas, passou esse dia fúnebre e veio uma noite sem astros, fechada em pesado luto de trevas, laivada, de longe em longe, pelo raio sinistro do holofote, pálido como o Pavor, desfraldando-se no céu à maneira de um pavilhão de morte.

CAPÍTULO XII

NO DIA SEGUINTE, cedo, a família despediu-se, com muitos agradecimentos. A velha, arrastando as pesadas pernas, saiu abençoando-nos:

— Que Deus nos desse todas as felicidades!

Mamãe colheu um ramo de rosas para as mocinhas e, com pena de ver partir a linda criança que se havia familiarizado com ela, teve-a ao colo até que o bonde chegasse, falando-lhe, animando-a, sacudindo-a nos braços. Titia lembrou receitas para febres malignas e houve uma dádiva discreta, porque as senhoras agradeceram e eu vi a velha guardar na bolsa que levava alguma coisa que lhe dera mamãe.

Confesso que senti a partida tão rápida dessa gente desconhecida que se havia abrigado sob o nosso teto, enchendo a casa de uma garrulice desusada, tão rara nesse concentrado lar de morosas sestas, de serões pacatos. Os úmidos olhos dessa formosa mulher humilde haviam deixado em mim (por que negá-lo?) um fluido forte de sentimentalismo.

Se fossem culpas os nossos pensamentos, o mundo seria um triste presídio de criminosos. Bem culpado seria eu, então, porque, desde a primeira vez que me encontrei diante dessa criatura simples, uma força estranha impeliu-me a querê-la, nasceu em mim uma grande vontade de possuí-la, de arrebatá-la para bem longe, podendo saciar-me na polpa vermelha da sua boca, revendo-me nos seus olhos profundos, tão grandes, tão lânguidos que ela parecia sentir dificuldade em voltá-los entre as franjas longas das pestanas pretas.

Quando ela andava, eu seguia-a com olhar guloso e lúbrico, analisando-a com o instinto cobiçoso de um sibarita, farejando-a como um carnívoro; e a sua voz, cansada e branda, amortecida como a de um enfermo, enternecia-me, sensibilizava-me irritando-me, ao mesmo tempo, como uma carícia sensual.

Mesmo à noite, no meu quarto, muita vez pensei naquele corpo sadio e robusto de mulher do povo, criada ao pleno ar, no trabalho e na miséria, tressuando leve almíscar selvagem que entontecia – era como um resto do aroma dos campos em que nascera que ela guardava na carne, expandindo-o

como um lírio agreste trescala o seu perfume.

Bem diferente de Anália, mimosa flor de estufa, pálida, franzina, essa outra tinha a beleza inculta, espontânea da natureza, com o seu colo alto, os seus quadris possantes, toda a construção rija das mulheres fortes, nascidas para a procriação e para a luta. Mas, ao mesmo tempo, aquela criança e a idéia de que um homem andava sobre as águas, com o espírito sobressaltado, mas cheio de suave confiança no lar onde devia repousar, entre as blandícias do filho e o afago da esposa, compensando-se largamente das agruras da vida errante, enchiam-me de torturante remorso, de um grande nojo de mim mesmo como se, apenas com o pensamento, eu tivesse maculado uma honra e sacrificado uma vida.

Que espírito privilegiado é esse que pode sustar a imaginação quando ela desvaira? A glória principal do homem está justamente em saber triunfar dos instintos da besta que nele vive.

Levei-a ao portão e, posto que no meu espírito se debatessem idéias tais, despedi-me respeitosamente, sem um olhar ao menos. Partiram. Fiquei, muito tempo, errando pela casa, profundamente ressentido, sofrendo como se tivesse sido abandonado e acompanhei-a até onde me levou a imaginação excitada, vendo-a, sentindo-a e desejando-a.

A casa reentrou na antiga monotonia e no antigo silêncio.

CAPÍTULO XIII

OS JORNAIS, descrevendo minuciosamente os sucessos do dia anterior, alarmaram o espírito das senhoras. Mamãe opôs-se à minha saída, zangando-se:

— Que era uma temeridade. Até parecia que eu a queria ver morta porque, não ignorando que ela sofria do coração, provocava aqueles choques. Uma loucura! meter-me na cidade quando tinha ali, nas folhas, a descrição dos horrores da véspera: gente nas ruas espatifada pela metralha, casas esboroadas... Que me deixasse de negócios, tinha muito tempo; primeiro a vida. Não era com a cidade bombardeada que eu havia de arranjar fregueses.

Titia também resmungou:

— Que eu parecia uma criança; não tomava juizo. Aquilo era imprudência. Que fizesse como Luís Farinha que lá estava muito tranqüilo na Gávea, com a família, comendo e bebendo. Se eu morresse, o dinheiro ficava para ali e outro havia de gozá-lo. Também nem tanto assim.

Calei-me e recolhi-me ao quarto para vestir-me. Mamãe veio soluçar junto à porta; tive pena e saí, jurando que voltaria do Mangue caso houvesse alguma coisa na cidade e disse-lhe em segredo: que tinha negócios urgentes, questão de letras, transações inadiáveis num banco que só por mim podiam ser resolvidas. Mostrei-lhe a carteira, desembrulhei papéis, menti, convencendo-a a muito custo. E com muitos e repetidos conselhos, deixei-as debruçadas à varanda, enxugando os olhos.

Descia gente para a cidade – era o refluxo do oceano popular, a onda tornava ao seu leito. Mulheres desfiguradas, pálidas, em desalinho, caminhavam vagarosamente como se voltassem de uma peregrinação; e riam, todavia. Algumas contavam, como aventuras pitorescas, a noite passada em claro, ao relento, sobre a muralha de uma ponte, ouvindo a água correr; outras, implacáveis, furiosas com o abandono forçado do conforto doméstico, pediam aos céus castigos tremendos, deixando aos cuidados de Deus a vingança cruel, mas, subitamente, rompiam a rir, a um segredo cochichado lembrando um episódio, recordando uma peripécia cômica da fuga. E a cólera dissipava-se como uma nuvem que o vento esgarça.

No bonde cochichava-se em mistério, ombro a ombro, com desconfiança. A cidade, entanto, parecia nada ter sofrido; as ruas fervilhavam de gente, como nos dias calmos de trabalho e paz.

Rodrigues friccionava os braços musculosos no lavabo quando entrei no escritório. Voltou o rosto, de bochechas túmidas. Vendo-me, bufou um jorro d'água para a área e, arregalando os olhos, esfregando os braços com uma toalha, disse-me:

— Ah! senhor Josefino... foi uma lição! – E balançou a cabeça desconsoladamente: — Nunca vi a morte tão perto como ontem. Que diazinho! – E contou-me: — Ficara em casa apenas com o cozinheiro, tendo mandado os pequenos para a Gávea com o major. Deixara-se estar porque, com franqueza, não acreditava naquelas histórias de bombardeio. Ainda de manhã, à porta, caçoara de alguns que por ali passaram, fugindo. A rua ficara abandonada, nem uma casa aberta, mas nada de disparos, pelo contrário: um silêncio de morte, como aos domingos.

Às 11 e meia da manhã, depois do almoço, folheava um livro, quando ouviu o primeiro tiro surdo, longínquo – um barulho como o que faz um carro rolando por uma ponte, mas, pouco depois, foi como um raio, uma estralada medonha e a clarabóia partiu-se, houve um pavoroso estrépito de vidros quebrados en toda a casa como se uma bomba tivesse estourado ali dentro e, ia levantar-se quando viu o cozinheiro aterrado, tartamudeando: que estavam a cair balas na cozinha, e nas telhas havia um trepidar estranho como de granizo em borrasca.

Desceram ambos para o armazém. E, durante todo o dia, não descansaram um momento, sempre à escuta, sem uma gota de sangue. Felizmente lembrara-se da recomendação prudente de Luís Farinha e sentara-se entre as pilhas de sacas numa ansiedade de sitiado esperando, a todo instante, a queda de um projetil. E caíram.

Em cima, além da clarabóia atingida, uma bala penetrara pela janela da cozinha e lá estava cravada no umbral de uma porta; via-se apenas um ponto preto como a cabeça de uma tacha. Na área havia outra que viera em ricochete arrancando a caliça das paredes e, até a noite, já deitado sobre as sacas, com todo o gás aceso, ouvira o canhoneio sinistro, ora perto ora longe, com um rebôo que gelava o sangue nas veias.

Os jornais pouco diziam. Era impossível que só houvesse aquilo que eles mencionavam... morrera muito mais gente, com certeza. Um horror! Estava arrependido, mas noutra não o apanhavam... nunca mais!

Ao cabo da narração, suspirou aliviado como se saísse de um cárcere sem ar e, de novo, arregalando os olhos, jurou com firmeza: Nunca mais!

Justamente encaminhava-se para a porta resmungando contra os pequenos quando eles apareceram receosos, entrando pela casa como ovelhas em pátio de matadouro, mirando os muros com desconfiança e medo. Rodrigues, olhando-os do alto, carrancudo, falou com severidade:

— Era melhor que se tivessem deixado ficar por lá! ele ali estava para cuidar de tudo. Só ele não tinha medo da morte, era de ferro.

Mas um dos pequenos desculpou-se com Luís Farinha que os havia retido para o almoço; e vieram falar-me humildemente, dando-me lembranças de Anália e da boa senhora.

Vendo-os, notei a ausência do Celestino e, esquecido do incidente, perguntei por ele.

— Já está de farda às costas, disse o Rodrigues tranqüilamente. Meteu-se no batalhão Tiradentes, viram-no ontem de manhã Maciel e o Nobre, muito lampeiro, num bando.

— E rindo: Mais dia, menos dia aparece-nos por aqui, arrependido. Deus queira que não seja hoje mesmo. Eu conheço os tais valentes.

O trabalho começou silenciosamente e, em todo o armazém, ouvia-se apenas o gorjeio dos canários e o canto monótono e tristonho de um mina que repousava, estirado no chão encostado à parede, entre pilhas de sacas.

CAPÍTULO XIV

ERAM DUAS HORAS da tarde quando um menino apareceu no escritório, com uma carta, procurando-me. Rodrigues mostrou-me, ele avançou, pressuroso, limpando o rosto e disse que já me havia procurado em casa, chegando minutos depois de eu ter saído e, baixinho, com muito mistério, explicou-me: que a carta era do senhor Forjaz.

Mirei-o vagarosamente e, antes de abrir o envelope, perguntei:

— Está doente? e ele, por toda resposta, teve um gesto negativo, mas havia tal expressão de espanto nos seus olhos espertos de criança, que insisti em perguntar: Aconteceu alguma coisa?

O pequeno baixou os olhos sorrindo, a enrolar o lenço. Abri a carta: eram poucas linhas, em letra cheia e firme e diziam: "Que ele estava em casa de miss Mary, na Rua do Lavradio. Tinha necessidade urgente de falar-me. Perseguiam-no, estava ameaçado de prisão, talvez de morte."

Uma voz íntima avisou-me: "Que não fosse!" sugerindo-me a idéia de uma traição, e logo ressurgiu na minha reminiscência a figura do homem do Londres, sempre com os olhos faiscantes cravados no meu rosto.

Reli a carta e, deixando o menino junto à secretária, chamei o Rodrigues a um canto, pondo-lhe diante dos olhos a folha de papel marcada com um ramo de miosótis:

— Que diz você?

Rodrigues leu atentamente e, logo às primeiras linhas, se lhe abriu o rosto em riso:

— Histórias! é mais uma das dele. – E, entre carrancudo e risonho: Mas quem faz caso do Forjaz? Há lá alguém que o tome a sério? já não o conhecem? O que ele quer justamente é passar por suspeito para não vir aqui. Ora! perseguido!

Mas quando expus o meu pensamento, em estreita intimidade confidencia1, Rodrigues dissipou-o com agudeza e lógica:

— Só se o traidor fosse ele mesmo, Forjaz, porque a letra era dele; podiam conferir, os livros estavam ali à mão. Demais, que tinha a polícia que ver comigo se eu nunca me metera em política? Não! ficasse tranquilo: não havia nada contra mim, – afirmou. E logo ajuntou: — podia ir à tal casa

sem receio, certo de encontrar o homem muito a gosto com a inglesa, cantando-lhe coisas ao piano. – E lastimou: Que se não fosse aquela maldita mulher, Forjaz seria o primeiro guarda-livros do Rio. Mas era aquilo: volta e meia lá estava a derriçar, baboso e ridículo, rolando pelos tapetes como um cão delambido. Era uma desgraça!

Releu a carta e rompeu em hilaridade ruidosa a exclamar: Que pândego! ora o homem! Com a resposta: "que eu iria", o menino, sempre a sorrir, despediu-se partindo apressadamente. Rodrigues, ao ver-me pronto, veio aconselhar-se comigo sobre a conveniência de dormirem todos embaixo, no armazém: trariam os colchões apenas, mas sempre lhe parecia que ali ficariam mais ao abrigo das balas, caso atirassem à noite. E quando saí confirmou:

— Que eu havia de ver o perseguido muito à fresca, mais a inglesa, na tal casa dos deboches.

CAPITULO XV

A TARDE, suavemente morna, afagava. Pelo céu, esbranquiçado e estriado d'ouro, nuvens pandas, alvíssimas, subiam com a lentidão dos cisnes quando nadam.

No comércio havia a mesma animação: carroças desciam as ruas, carregadas, rangendo; homens curvavam-se, azafamados; até me pareceu maior o movimento nesse dia do que de ordinário àquela hora da tarde, pelo fato, talvez, de eu ter passado a véspera recolhido, na tranqüilidade e no silêncio da casa, entre os meus canteiros floridos.

Caminhava a passo, com o espírito disperso, quando ouvi retumbante ribombo, outro logo em seguida e outros sucessivamente. Era o canhoneio no mar, eram os fortes que atiravam respondendo à artilharia possante do couraçado; e houve como um pasmo entre todos: homens paravam, procurando orientar-se na direção dos tiros, outros amiudavam os passos, e os disparos continuavam, ora distanciados, ora próximos, às vezes com estrépito seco como o de canhão que estalasse rebentando em estilhas.

Pouco a pouco o povo foi-se tornando indiferente, as fisionomias readquiriram a serenidade calma; e os estampidos reboavam sem descontinuar, vivíssimos, formidáveis. Havia trepidações como se o solo tremesse e a vida corria alegremente, tranqüilamente, na preocupação ambiciosa da fortuna com o ruído do enxame que trabalha e zumbe. E eu, animado, subi sem pressa, em direção ao bonde que me devia levar ao ninho de amor onde Forjaz se asilara.

Era além da polícia e, justamente diante dessa casa, o bonde parou, despejando mais de metade dos passageiros. Fiquei em evidência comprometedora, isolado num banco, sob o olhar vago da sentinela.

O saguão burburinhava como pátio de mercado com o entrar e sair de homens que se empurravam; reluziam armas e botões de fardas e, por um largo corredor, profundo e sombrio como um túnel, vinha um soldado lentamente, puxando um cavalo pela rédea.

Felizmente rodamos e, com uma pancada forte no coração, apeei diante da casa que tinha o número indicado na carta de Forjaz. Subi. Uma cadelinha branca, felpuda, como um desses carneirinhos de pau feitos em

Nuremberg, apareceu no alto, ladrando. Mas o menino que me levara a carta ao escritório, veio receber-me, seguindo diante de mim para afastar o pesado reposteiro do salão.

Era quase noite ali dentro e só quando o menino abriu de par em par as janelas, arejando, iluminando o interior, pude olhar e ver. Era pequena a sala e tão acumulada estava de ornamentos que mal se podia andar, de um para outro lado, sem esbarrar em cadeiras, em pufes e almofadas.

Ao centro, uma grande ave, de bronze escuro, esticava o pescoço comprido e esguio. Pelas paredes era grande e bizarra a profusão de leques e de ventarolas. Quadros, em molduras caras, mostravam campos verdes, malhados de rebanhos, mares por onde fugiam barcos e uma gravura triste representava, sobre fundo negro, o corpo branco e nu da Magdalena, deitada, com os cabelos esparsos pelos ombros, lendo, com aflição, um grande livro aberto ao lado de uma caveira.

O chão era um só tapete, alto e verde, florido como um gramado. Ia-se por ele maciamente, em passos moles e abafados e os pés, de espaço a espaço, mergulhavam em felpas de pelegos fofos cor de gemas de ovo e de púrpura. Os móveis, vestidos de housses, alvejavam em frescura asseada de linhos; um banco apenas, para repouso dos pés, redondo e baixo, de vibrante brocado amarelo, brilhava como a peanha de ouro de um altar.

As janelas tinham cortinas diáfanas e leves, dentre as quais pendiam, como pequenos ninhos, corbeilles de parasitas e, dispersamente, pelos cantos, havia uma lira de flores, vitrinas de bibelots, um cavalete de ébano sustentando um quadro de moldura de ouro, onde o rosto formoso e jovem de uma mulher sorria dentro de uma auréola de cabelos louros. O piano estava faustosamente coberto por um pano de seda e por trás de pesado reposteiro que caía direito, sem uma ruga, devia ser a câmara de amor com leito lúbrico.

Era ali que Forjaz passava os dias de "enfermidade", quando mandava cartas desesperadas queixando-se de "hepatites e enxaquecas." Era ali, rolando por aqueles tapetes, nu, como um sátiro, agarrado ao corpo ardente da inglesa, alvo como os mármores, em orgia pagã, sem ver o sol, sempre mergulhado na profunda noite que tão bem faziam aqueles panos espessos, arriados, como estavam, à minha entrada.

Eu esfregava os pés voluptuosamente no tapete, sentia as mãos úmidas, pensando nos desregrados prazeres desse casal amoroso; ela toda nua, abandonada, como uma corça, às carícias brutais do amante, gemendo de gozo, de olhos semicerrados, a boca num desvairamento, pedindo beijos com a ânsia com que os implumes, no ninho, reclamam o cibato. Talvez

estivessem enleados ali bem perto, aos estos. Parecia-me ouvir chuchurreios de beijos, sussurro trêmulo de palavras, quando o reposteiro afastou-se e vi aparecer Forjaz corretamente vestido.

Veio direito a mim, de braços abertos, para estreitar-me de encontro ao peito agradecido e baixinho, como em confissão, sussurrou: "Muito obrigado, meu amigo!" Sentamo-nos e Forjaz, todo inclinado, disse-me:

— Estou perdido, meu caro senhor Josefino!

E encarou-me, à espera de resposta. Vendo-me, porém, calado, continuou, em voz surda e comovida:

— Tive aviso ontem, à noite, pelo Louzada, um capitão de artilharia, com quem costumo andar. Creio que o senhor já me viu com ele: um alto, louro? – Afirmei vagamente. E Forjaz continuou: — Estava ceando com Mary, num gabinete do München, quando ele entrou inopinadamente, batendo com a porta. Sabia de tudo e disse-me que tratasse de sair quanto antes, que deixasse o Rio, porque andavam à minha procura; havia denúncia contra mim na polícia; dizia-se que eu era correspondente dos revoltosos, que fora visto em uma casa da Rua da Lapa com um oficial de marinha que partiu ontem para o Aquidabã... e o diabo!

Tudo falso, meu caro amigo, tudo mentira. O senhor conhece-me, sabe muito bem que brinco, gosto de fazer a minha pilhéria, dou a minha piada de vez em quando, mas no fundo sou um indiferente; tanto se me dá que vençam os de terra como que triunfem os do mar, porque, em suma, isto não é o meu país. Não tenho nada que ver com a política, estou aqui para trabalhar e só. Quero que me deixem em paz e com o meu bom humor porque, lá pelo fato de estar a esquadra a mandar granadas para a cidade, não me hei de meter em uma cela, de estamenha monástica, a desfiar rosários e a remoer preces para que não venham abaixo os edifícios nem fique toda a gente estripada nas ruas. Sou suspeito, aí tem.

Procuram-me e aqui estou, privado de sair, tolhido na minha liberdade por uma denúncia perversa de algum inimigo gratuito, de algum desafeto, porque os tenho, como o senhor, como toda a gente. Mas... quer que lhe diga? eu sei de onde tudo parte. Não há política, não há suspeito de conivência com revoltosos, não há oficial de marinha. Quer que lhe diga a causa desta perfídia? – Fez uma cara de nojo e meneando a cabeça, disse: — É uma miséria! uma vergonha! – Mas, rapidamente, voltou-se e, esticando o braço, mostrou-me o reposteiro que um vento brando tufava: — A causa está ali! la femme, voilà! – Acendeu um cigarro e prosseguiu: — Anda por aí uma espécie de aventureiro, um tal Vargas, tipo de campino, musculoso, moreno, sempre abarrotado de bacalhoadas e de estupidez, com

umas polainas brancas onde devia trazer grilhetas, que é hoje influência, grande influência! – E foi levantando o braço com um trepidar de castanholas! – Deram-lhe um posto e o bandido que, desde muito, andava a bater a calçada revirando os olhos de batráquio para a Mary, sem que ela lhe desse a mínima importância, porque é limpa e tem jóias, enfureceu-se, vendo-me feliz com ela, sempre unidos, como um casal legítimo, porque vivemos bem: ela compreende-me, tem espírito, uma linda cabeça e eu... – Sorriu, mas logo investiu, em assomo, com o fura-bolos a finco, ameaçador como um florete: – Eis a causa! Agora diga-me, meu caro amigo: hei de abandonar a pobre rapariga, para que me deixem em paz? Isso nunca! – bramiu. – Nem que me ameacem com todas as carabinas que por aí andam.

O tal Vargas entendeu lá de si para si que, para conquistar as boas graças da rapariga, havia um meio fácil: denunciar-me, para que os esbirros viessem buscar-me aqui, atirando-me para o fundo de uma enxovia, como um criminoso e, enquanto eu apodrecesse, ele, senhor da praça, refocilava no leito fofo e morno, satisfeito e feliz, dormindo sobre linhos lavados, junto de um corpo formoso.

Escreva, meu caro senhor Josefino: foi esse sujeito o meu denunciante. Mas diga-me: que hei de fazer? Se saio à rua, prendem-me; mesmo porque, enfim, com essa história de estado de sítio não há garantias. Jesus, que viesse ao mundo, seria agarrado pela segunda vez. Aí tem o meu caso. Mary, coitada! desfaz-se em lágrimas, quer que eu saia, que vá para Minas.

Ergueu-se e, de dentes cerrados:

— Mas o patife! Ah! isto há de acabar e esse bandido verá, então, que não tenho braço apenas para conduzir damas, sei muito bem como se arranca um dente com um murro. Nem o Terror em França!

E, esfregando a nuca, pôs-se a passear por entre os móveis, bradando:

— Decididamente isto é um país inabitável! Antes a África! mil vezes a África! Há mais liberdade no alto Sudão do que nesta terra de palmas verdes! Irra! até faz nojo, palavra de honra!

E derreou a mão fechada sobre as costas da ave de bronze que estremeceu com um som de campana abafada.

Foi Mary quem o veio abrandar, aparecendo de roupão de veludo, os cabelos soltos, de um esplêndido louro fulvo de ocidente, com a languidez e a morosidade de uma Vênus saciada. Examinei-a cúpido, notando-lhe as curvas sensuais do corpo flexuoso, a alvura láctea da carne, a cor etérea dos olhos grandes, tristes e voluptuosos como uma noite de luar.

Forjaz apresentou-ma e Mary, sorrindo, fez-me entrever os pequeninos dentes alvos, miúdos, tão estreitamente unidos que faziam como dois

parapeitos de marfim a entrada desse oloroso templo de amor onde os beijos são ídolos.

Mary, em graciosa pronúncia, cheia de rr, afirmou as suspeitas de Forjaz:

— Todo o mal vinha desse coquin do Vargas, um miserável que vivia à custa de mulheres, que até lhes batia. Ela nunca o aceitara, não podia aturá-lo: sempre suado, repugnante, com aquele ar pimpão de porta-machado. Achava prudente que o Forjaz saísse para Minas. Passaria um mês em Juiz de Fora ou em Barbacena e ajuntou, como para consolá-lo: que iria, de quando em quando, passar um dia com ele ajudando-o a comer o pão do exílio.

Mas Forjaz, com a idéia de partir, enfureceu-se.

— Não saía! Então se o tal Vargas entendesse mandá-lo para a Guiné como calceta, havia de seguir? Isso não! Tinha provas e, se havia juízes nesta terra, mostraria que o criminoso era o Vargas, que pretendia explorar uma pobre mulher, afastando de junto dela a única pessoa que a protegia. Estava disposto a falar ao chefe.

Mary, porém, em grande assomo de paixão, receando perdê-lo, opôs-se.

— Não! se ele fosse à polícia agarravam-no. Isso não! O melhor era partir na manhã seguinte, com um salvo-conduto qualquer. Quem o conheceria em viagem? Ali não podia ficar muito tempo, porque podiam varejar a casa e levá-lo à força.

Mas Forjaz, curvando-se todo como para atirar um bote, espetou o chão com o indicador, silvando:

— Aqui? Aqui?! – Ergueu-se. – Aqui não entra um! tenho um revólver e, enquanto não me faltarem cápsulas, bandido algum põe o pé nesta casa. Que diabo de crime cometi eu? – Cruzou os braços e perguntou de novo: — Que diabo de crime cometi? Bolas! Então uma mulher não pode amar um homem? É a constituição ou o código que proíbe o amor? Bolas! Bolas!

Mary disse simplesmente:

— Acho que deves partir.

Resignado ou não, Forjaz calou-se. Houve uma pausa longa

Mary, as mãozinhas repousadas no regaço, fitava-me com incomparável doçura nas pupilas cheias de claridade e úmidas. Eu sentia-me mole, quebrantado sob a influência daquele olhar; e falei inspirado por ele:

— Que Forjaz faria muito bem saindo: um mês corre rápido. Para que havia de ficar, sujeitando-se a uma desfeita qualquer? A justiça andava muito preocupada, não tinha tempo de examinar as questões com o necessário cuidado: procedia sumariamente. Era melhor sair.

Mary voltou então os olhos para ele, dizendo:

— Agora tens ainda alguma coisa a alegar? Não querias sair porque o senhor podia zangar-se. Ele aqui está e é o primeiro a aconselhar-te.

Compreendi, então, os receios do guarda-livros e pressuroso, mais para ser gentil com a formosa rapariga, ajuntei:

— Que fosse descansado. O seu lugar ficava garantido, era um motivo de força maior. Podia seguir sem receio.

Forjaz encolheu os ombros e suspirou:

— Pois sim!

Mary, como para festejar a resolução do amado, ofereceu-me um copo de cerveja e, antes mesmo que lhe respondesse, foi à porta e apertou o botão da campainha. O pequeno acudiu esbaforido, ouviu-a e desapareceu pelo corredor, aos saltos . A conversa caiu então sobre a revolta. Mary contou-me a sua peregrinação no dia 13 – fugira para o Corcovado e num canto de paisagem, no caminho do Silvestre, passara o dia com o Forjaz, ouvindo as aves e o canhoneio. Tinha uma bala de fuzil que lhe caíra em casa e ia mandar fazer um berloque para a pulseira.

Forjaz ficou maravilhado sabendo que o Celestino estava alistado como voluntário; e pediu novas do major. E até 4 e meia da tarde discutimos, comentamos os tristes sucessos do momento.

Atiravam. Mary suspirou pelos infelizes, pelos pobres que eram os que mais sofriam com tudo aquilo. Forjaz, com a fúria de um profeta que tudo amaldiçoa, ameaçou:

— Que isto ainda acabava como Alexandria. Havíamos de ver o pavilhão inglês desfraldado na Alfândega. John Bull estava nos mares farejando a ocasião oportuna para mostrar as garras. Podia jurar, porque sabia de fonte limpa que os ingleses comunicavam-se com os revoltosos: forneciam-lhes carvão, pólvora, projéteis, até dinheiro. Eram eles que lhes davam avisos e, nos escaleres da esquadra dos lobos do mar, ia, de terra, todas as manhãs, a correspondência para o Custódio. Se a polícia, em vez de andar a perseguir o povo, fosse ali para o cais das Marinhas, havia de descobrir belas coisas. Ingleses? uma súcia! fiem-se neles. Não metem prego sem estopa.

Mary sorriu e eu, para dizer alguma coisa observei:

— Que ali estava uma inglesa que amava o Brasil.

Ela levou a mão ao peito e sacudiu-se enternecida. Forjaz acudiu:

— Uma irlandesa, meu amigo. É de Dublin, uma vítima da garra rapace do leão britânico. Detesta a Inglaterra como o polaco detesta a Rússia. E caprichoso: Nem eu seria capaz de entregar-me a uma mulher de Londres: estrangulava-me para arrancar-me a última meia libra. O símbolo da

Inglaterra é Jack, the Ripper. Deus me livre! Levo o meu patriotismo ao extremo e não esqueço o que esses sapatorras fizeram ao meu Portugal... Ah! mas viram-na bonita.

Estive em África, senhor Josefino, vivi muito tempo com um inglês: deixou-me a pele porque eu tinha uma carabina à cabeceira. Não me iludem... Fazem como o leão da fábula quando se apresentam como protetores. Da Inglaterra os poetas, ainda assim... traduzidos... E note que falo o inglês, mas detesto a língua, tanto que, aqui em casa, só fazemos gasto de francês, eu e Mary. Eu, por ódio; ela, porque atravessou a Mancha com quatro anos.

Perguntei à Mary:

— E nunca mais voltou à Irlanda?

— Nunca mais! – disse ela tristemente, elevando os olhos, balouçando a cabeça.

Despedi-me de Forjaz com um abraço forte, ficando com o seu juramento – que partiria na manhã seguinte. Mary na escada, apertou-me a mão com força e o seu adeus foi tão suave, seus olhos fitaram-me com tanta mágoa que senti não poder ficar mais tempo ouvindo-a, falando-lhe até que ela, enlevada, aproveitando uma saída de Forjaz, viesse, voluntária e apaixonadamente, encostar à minha boca os seus lábios cor de sangue. Parti saudoso.

CAPÍTULO XVI

NO DIA SEGUINTE, porém, 1ogo ao entrar no escritório, Rodrigues entregou-me uma carta que trazia no envelope, em letra miúda a nota "Urgente." Abri: era de Mary e dizia em linhas recurvadas:

"Je vous attends, monsieur. Ce pauvre ami a été arrêté hier soir, chez moi, sous le lit où il s'était enfoui. Je me sens mourir de peur: Venez. – Mary."

Sem mesmo entrar no escritório, mandei vir um tílburi e parti para a Rua do Lavradio.

Mary recebeu-me soluçante. Vestia o mesmo roupão da véspera e os seus cabelos fartos faziam-lhe sobre a cabeça uma pequenina torre de ouro. Levou-me logo para a sala, desolada como Andrômaca, no poema de Homero, quando corre a molhar de pranto o corpo amado do esposo que vem sangrando no escudo trazido piedosamente pelos guerreiros fiéis.

Pedindo desculpa do desarranjo da sala, profanada na véspera pelos beleguins, Mary ofereceu-me uma cadeira e sentou-se, mas tão perto de mim, que eu sentia-lhe o hálito e, por vezes, os seus joelhos roçavam nos meus em contato rápido que apenas me agitava como a centelha fugaz de uma pilha. E assim, juntos, na penumbra excitante da sala, ela foi desfiando com sentimento todos os episódios da prisão do amante.

"Pouco depois da minha saída, justamente começavam a arrumar a mala, quando o pequeno, assustado, comunicou-lhes que estavam dois polícias à porta e dois homens fardados vinham subindo a escada. Bateram, e os três, sem ânimo, ficaram a tremer no quarto, até que ela, com o intuito de salvá-lo, teve a lembrança de o fechar no guarda-vestidos. Mas opôs-se, sempre teimoso, achando ridículo meter-se em um móvel.

Tomou o revólver. Mas os homens batiam com fúria, e ela, para que não desconfiassem, foi recebê-los, fingindo espanto ao ver o Vargas armado, em companhia de um cabo. Embaixo, efetivamente, estavam dois polícias.

O Vargas, sem mesmo tocar no boné, foi logo perguntando pelo Forjaz:

— Que não negasse. Sabia que ele estava ali metido e havia de levá-lo, por bem ou por mal.

E, sem pedir licença, foi entrando, de boné à cabeça, arrastando a

espada, pisando os tapetes com os sapatos sujos de lama. Vendo que se encaminhavam para o quarto, onde se achava Forjaz armado e disposto, ela quase desmaiou, e não foi sem surpresa que viu os dois homens entrarem sem que um tiro os repelisse. O Vargas berrava pelo Forjaz, ameaçando-o, e ela dizia lacrimosa:

— Que não estava ninguém ali... Quando o cabo, que se agachara, começou a falar para baixo da cama: "Saia, cidadão."

O infeliz estava descoberto e saiu. O Vargas, de espada em punho, rindo com escárnio, começou a insultá-lo. Deram-lhe apenas tempo de apanhar o chapéu e lá o levaram, com injúrias, como se fosse um assassino. Ele, da escada, voltou-se ainda para atirar-lhe um beijo e pedir cigarros. O Vargas ficou para a busca e andou revistando malas, as gavetas, recolhendo papéis. Por fim, como ela o repelisse, porque tentava abraçá-la, enfureceu-se, ameaçando-a também com o cárcere e abalou dizendo:

— Que podia rezar pelo bilontra que ia dali ele bem sabia para onde. Deixou tudo em desordem: roupas pelo chão, móveis abertos".

E Mary, para que eu visse o resultado das brutalidades do Vargas, ergueu-se, convidando-me a entrar no quarto. Acompanhei-a.

O leito, ainda por fazer, era alto e vasto, com grandes almofadas, flanqueado pelos pesados panos de um baldaquino que lhe dava o aspecto real de um sólio. Sobre um divã escarlate alvejava, abandonada, uma camisa fina de cambraia e um pé de meia preta escorria murcho pelo respaldo. Sobre o tapete, que era uma pele de raposa, estavam as sandálias vermelhas, acolchoadas, com estrelinhas de ouro e não parecia que por ali houvesse passado a devastação de uma busca. Mary encostou-se ao leito, eu via-lhe o rosto, e o espelho do lavatório, em frente, refletia-lhe a nuca que nela é alva como o jaspe e levemente dourada pelos cabelos louros que fremem, em penugem macia, como um pouco de sol num trecho de coluna.

O ambiente capitoso desse interior velado tinha a fragrância ativa das essências e leve, em eflúvio sutil, pairava um perfume humano, transpiração de carnes aquecidas, talvez a exalação do leito onde dormira nua, desgrenhada, na tepidez enervante das pesadas colchas, Mary, que me fitava com os olhos enternecidos, repousando o corpo de tal jeito que o veludo, em indiscrição perversa e lúbrica, modelava-lhe as formas rijas, arredondadas, como as do corpo imarcescível de uma deusa.

Sentia-me invadir pouco a pouco por uma dormência mole, espécie de embriaguez que, lenta e traiçoeiramente, fosse apagando, uma a uma, todas as luzes do meu espírito. Ia esquecendo os fatos e todo eu, em êxtase de volúpia, vibrava e tremia. E, sem coragem de fugir, gozando esse

sofrimento, sentei-me no divã exausto, sem hálito, afastando a camisa que ali estava, alvoroçante e branca como uma nudez.

Toda enlevada na saudade, Mary esqueceu-me. Sentou-se no leito e os seus pequeninos pés ficaram suspensos, balançando-se. Por vezes o roupão abria-se-lhe no colo e ela, pudica, cerrava-o pressurosa. E, calados, quedamo-nos muito tempo, porque deixei que lhe descessem pela face duas lágrimas grossas que se lhe derramaram dos olhos cristalinos.

A súbitas, voltando-se em movimento rápido toda a cabeleira desprendeu-se-lhe espalhando-se pelo colo e pelo dorso em jorro d'ouro, e ela teve um sorriso contrafeito agitando a cabeça com uma fulguração de múltiplos relâmpagos, arrulhando: — que não podia com aquilo, ia cortar a metade; – nem se podia pentear. Foi ao espelho e começava a enrolar a cabeleira quando falei de Forjaz:

— Se havia algum motivo, estranhando que o prendessem pelo simples fato de viver com ela. Havia, por certo, outra causa; ela devia saber.

Acenou, afirmando. Veio apressadamente, sentou-se a meu lado e começou a narrar, com mistério, como se nos pudessem ouvir. Mas tão perto colocou-se de mim que os seus cabelos, recendendo a musgo, vinham aflorar, por vezes, o meu rosto com a carícia de pluma. Ela, porém, nervosa, logo os afastava para as costas:

— Forjaz era indiscreto, disse, falava demais, às vezes, até, mentia. Tinha sempre uma notícia a dar: anunciava o movimento da esquadra, conhecia todos os planos dos revoltosos e, em toda parte, dizia que o governo estava perdido, que não podia resistir muito tempo, que o povo, com o bloqueio, privado de gêneros, tomaria o partido dos revoltosos, que os estrangeiros protegiam francamente a esquadra.

Nos teatros, nos botequins, em toda parte falava sem reserva, mostrando cartas, citando nome. Dizia-se indiferente; lá fora, entanto, apesar das recomendações que sempre lhe fazia, tinha orgulho em apresentar-se como federalista. À tarde, nos cais, quando começava o canhoneio, não se fartava de elogiar o Aquidabã, entusiasmava-se, anunciando sempre os destroços das balas do couraçado nos fortes.

Uma vez, na Praia do Flamengo, quase provocara um conflito por dizer que o Custódio fazia tanto caso das fortalezas que era até capaz de ir com o seu navio ancorar entre elas, desmantelando-as com quatro ou cinco tiros. Não fazia segredo, dizia publicamente as suas opiniões e, em casa, quando ela o aconselhava, dava de ombros, com desdém, dizendo sempre:

— Que falava por falar. Tanto se lhe dava que o Aquidabã derrubasse as muralhas de Santa Cruz como que fosse a pique. Não tinha nada com essas

coisas.

O certo, porém, é que escrevia cartas. Não sabia se as mandava, mas, uma noite, arrancara-lhe uma das mãos, muito longa, dirigida a um revoltoso, Pina, na qual dizia que o melhor ponto para o desembarque era a Praia do Russell. Queimara-a . Escrevia muito, mas não mandava as cartas a destino algum, ela tinha certeza porque, em uma das gavetas do étagère da sala de jantar, uma manhã, encontrara mais de seis, umas dirigidas a oficiais de marinha, outras a um jornal do Porto. Pura mania. Nem ele conhecia oficiais de marinha. Escrevia à toa.

E suspirou com saudade : Pauvre ami!

Vendo-a assim, levantei-me para sair: "Ia tentar alguma coisa pelo Forjaz", disse. Ela, porém, em voz flébil, dormente, elevando os grandes olhos voluptuosos, já enxutos e irradiantes, perguntou:

— Então já?

Não tive uma palavra, fiz um gesto apenas e emudecidos, extasiados um no outro, ficamos longo tempo. Ela sorriu por fim, estendeu-me a mão em abandono, magnetizando-me com o seu olhar onde havia como um langor suave de sono, deu-me a outra mão e brandamente atraiu-me esmorecendo, balbuciando...

CAPÍTULO XVII

QUANDO ME DESPRENDI dos braços brancos de Mary, saciado e feliz, trazia n'alma uma leve sombra de remorso que toldava a minha imensa alegria: Anália! Mas o amor puro luziu triunfando com o esplendor magnífico de um sol, e, tranqüilo de consciência, recaí na realidade, esquecendo a tortura sensual daqueles instantes de delírio, e só pensei em Forjaz, intimamente, porém, sorria, num orgulho vão e torpe como, talvez, sorrisse o Vargas, na manhã seguinte, descendo as escadas da casa amável da irlandesa, cofiando os bigodes perfumados pelos seus beijos. E, como para resgatar de algum modo o meu crime, dirigi-me à polícia para falar a Julião Sabóia, meu vizinho e antigo colega nas arcadas claustrais do mosteiro: Era primeiro oficial da secretaria.

Desde o saguão era grande e rumoroso o amontoado de homens. Pelas escadas, que rangiam, gente encontrava-se azafamada, esbaforida: uns que galgavam os degraus, outros que desciam com a precipitação de evadidos.

Subi; e, como me dissessem que era no fundo a secretaria, atravessei uma sala escura onde um homem mirrado tossia, encolhido a um canto, com um lenço em volta da cabeça. Os olhos agoniados luziam no fundo escaveirado do seu rosto lívido, híspido de barba e os braços flácidos caiam-lhe abandonados ao longo do corpo. A cabeça, encostada à parede, oscilava com aflição. Olhei-o e vi que os seus olhos choravam.

Segui por um corredor lançando olhares curiosos a cubículos onde havia gente. Num deles, que tinha um carrancudo soldado à porta, um sujeito calvo, barbado, passeava de um lado a outro, resmungando e uma mulher, atirada sobre um sofá, debulhada em lágrimas, gemia, afagando a cabecinha loura de um pequeno.

Ainda era ao fundo, à direita, disse-me o soldado. Segui, alcançando uma varanda onde era contínuo o desfilar de gente, indo e vindo, como formigas por um trilho fino. Embaixo era o pátio – cavalos selados batiam as patas, soldados passeavam fumando, arrastando espadas e um povaréu ansioso murmurava sôfrego como se quisesse forçar a porta estreita que uma sentinela guardava.

Segui e, guiado por um crioulo, penetrei na sala profunda onde o Sabóia

trabalhava. Viu-me; justamente saia com uma senhora, muito curvado, muito atencioso e, de longe, acenou-me sorrindo para que esperasse. Quando se viu livre, veio apressadamente, de mãos estendidas: "Que desculpasse, aquela era mulher de um major" e logo afirmou: "Que sabia do motivo da minha visita àquela casa; e, com ar de triunfo, sussurrou: é o Forjaz."

Afirmei; ele, então, arrastou-me para o canto de uma janela e, cruzando os braços, baixinho perguntou:

— Que era aquilo? Caíra das nuvens! Nunca julgara aquele moço capaz de tamanha tolice. Era um trocista, tinha .mulheres; era natural!... mas que se metesse em conchavos com os revoltosos... custava a acreditar. E, como eu lhe pedisse informações, disse-me que ele tinha pano para mangas. Estava comprometido até os olhos, não só ele, muitos outros, muita gente boa e de... – esfregou os dedos arregalando os olhos para concluir num sopro: cobre...! O Vargas descobrira em uma maleta cartas, notas... o diabo! que provaram, à evidência, a sua cumplicidade e mais ainda – que havia em terra muita gente que até dinheiro fornecia aos revoltosos.

Sorri, lembrando-me das palavras de Mary, e disse:

— Que o Forjaz era um louco. Não tinha correspondência alguma com os revoltosos. O que ele queria era o seu monóculo, a sua Mary, os seus palpites no Derby, as ceatas... pouco se importava com a política. Falava à toa e aquelas cartas escrevia-as para expandir a loucura, eram como derivativos de insânia. Se até traçara pacientemente um plano de desembarque, desenhando os navios, os escaleres, distribuindo a força, convencido de que se o Custódio operasse conforme as determinações estratégicas que gizara, poria, num momento, em debandada a gente do governo, assenhoreando-se dos pontos fortificados, ficando a cavaleiro da cidade, podendo impor. Isso me contara Mary, brincando com as pontas dos meus bigodes, rindo-se com a lembrança do delírio do amante quando, depois de concluído o plano, convencido da grandeza da sua concepção, começou a marcar com pequeninas bandeiras brancas todo o litoral que semeara de árvores e trincheiras. E tantos riscos traçou mostrando a trajetória dos projéteis da esquadra que esse terrível plano desapareceu felizmente, sob espessa camada de tinta preta. Era um sonhador, um doente, nada mais.

Julião Sabóia acenou negativamente com o dedo diante do nariz:

— Que eu tivesse paciência, mas ali havia marosca. Não podia admitir que um homem escrevesse tantas cartas para atirá-las, depois, à cesta dos papéis.

Lembrei-lhe então o Álvaro, um condiscípulo nosso, que falava só horas e horas, dialogando, discutindo, chegando às cóleras mais violentas ou às hilaridades mais escandalosas, durante os seus passeios contemplativos ao longo do pátio interior do mosteiro. Esse até calculava a lápis os juros fabulosos da sua fortuna imaginária e, preocupado com os milhões, julgava-se tão superior aos companheiros que mal se cumprimentava, sempre resmungando somas.

— Mas acabou louco, – disse Julião.

— Não há tal: vive perfeitamente numa cidade de Minas, tem família e as suas terras são ricas. Falava para iludir-se; fazia do sonho um interlocutor. O Forjaz escreve, é a mesma coisa; a loucura é a mesma sob outro aspecto.

— Não sei! – fez Julião encolhendo os ombros, – ele está em maus lençóis, é tudo quanto te posso dizer. E há de ser muito difícil provarem que escrevia cartas para divertir-se. Olha, eu por mim... não creio. Pode ser.

E, como eu perguntasse se não seria bom falar ao chefe, Julião recuou esgazeado, opondo-se:

— Absolutamente! Estás louco?! – E aconselhou-me: Que nem pensasse nisso. A polícia andava na pista de muita gente e, se eu fosse para ali defender um homem, provadamente criminoso, era como se me apresentasse à prisão. Nem pensasse em tal.

Pedi-lhe, então, que procurasse saber de alguma coisa e, à noite, se não chegasse cansado, desse um pulo à minha casa para conversarmos. Acedeu. E, como embaixo, no pátio, rompessem brados e protestos, ele arrepiou os cabelos, nervoso:

— Que horror! meu amigo. Tudo isso é gente que quer salvo-conduto. O Custódio lá está muito à vontade, nós é que nos coçamos aqui.

Longo, profundo, o rebôo de um tiro passou nos ares.

— Olha lá! Já eles começam. Também são 3 horas. Já estavam tardando, – disse. E, com ódio: — E não há um diabo que acerte uma bala naquele bruto. Isto é o Aquidabã. – E outro ribombo ressoou surdamente: — Corja! – rosnou indignado.

Despedi-me. Passando pela sala escura, olhei de novo o homem que ansiava isolado, rolando os olhos, com a boca aberta, arquejando, caído molemente sobre a parede, pálido como um cadáver.

CAPÍTULO XVIII

À NOITE, depois do jantar, maciamente repousado no meu pliant, estirado na varanda que o luar clareava, eu digeria repassando na memória todo esse dia aventuroso: a brandura amável dos carinhos de Mary, como que sentindo ainda o perfume dos seus linhos, das suas sedas, da sua carne sobretudo; revendo essa alcova de tão propícia sombra e de tanto silêncio, apenas despertado pelo rumor do nosso delírio e, comigo mesmo, comentava a fragilidade da alma feminina, olhando as estrelas, quando estalaram palmas no portão.

O jardineiro surgiu dum canto pressurosamente e, pouco depois, gritava-me:

— Que me estavam procurando!

Mandei que entrasse. Era Julião.

Vinha aflito, suado e, logo que chegou à varanda, apesar da luz escassa, notei que trazia grandes preocupações. Falou-me:

— Se estava só? – e a sua voz tremia, os olhos brilhavam-lhe febrilmente. Afirmei.

— Ah! Josefino! – Disse então, mas com tal acento, que, dum pulo, achei-me de pé ao lado dele, aturdido, espantado como se ele me tivesse anunciado uma grande desgraça: a morte de Anália, o incêndio da minha casa...

— Que é, Julião? Que há? dize!

— Estás perdido, homem de Deus.

— Eu?! – exclamei num grito.

— Tu! Acho prudente que saias hoje mesmo, agora mesmo, já! Amanhã talvez seja tarde.

Eu ouvia pasmado, hirto, a tremer, sem encontrar uma palavra. Por fim, a ímpeto, avancei para Julião:

— Mas que há? dize! fala!

— Horrores! Entre as cartas do Forjaz, descobertas pelo Vargas, há uma que é um terrível libelo contra ti e contra um Sousa, de uma loja de couros. Diz ele que todo o comércio está ao lado dos revoltosos, não só estrangeiros, muitos nacionais. E cita-te como dos mais fervorosos

partidários do Custódio. Diz que tens grande entusiasmo pelo Gumercindo, que não o tratas senão por "Napoleão dos pampas." Transcreve palavras tuas; que se fosse necessário qualquer auxílio não hesitaríeis um instante, tu e o Sousa. Que quiseste mandar para bordo dois empregados teus; que expulsaste um porque pediu para alistar-se em um batalhão patriótico. Essa carta era dirigida a um Valério, de S. Paulo. Tive-a na mão, li-a toda, no gabinete do chefe, onde trabalho agora. Já foi expedida ordem de prisão contra o Sousa e contra ti também, com certeza. Não tens tempo a perder. – E, em tom de censura: — Que diabo! Pois tu, Josefino, um rapaz colocado, com um futuro brilhante... metido em porcarias! – rematou Julião.

— É uma infâmia! – bradei. — Juro-te por minha honra: nunca externei idéias tais. É verdade que falei do Gumercindo, em casa, diante do Forjaz, mas sem mostrar predileção. Disse o que toda a gente por aí repete: que é um temível caudilho que tem planos admiráveis, que sabe desnortear o inimigo, que conhece o interior do Sul como ninguém; mas que mal há nisso, se os próprios jornais são os primeiros a dizer? Nunca, que me lembre, falei em oferecimentos ao Custódio. É uma infâmia do Forjaz! É mentira.

— Não sei, filho; a carta lá esta em poder do chefe e, se não sais imediatamente, és agarrado.

— Agarrado!? mas se te digo que é falso, Julião! Nunca me meti em política. Nem voto, Julião, palavra de honra. Nem voto! Juro que é tudo falso.

— Olha, Josefino, os que lá estão não dizem outra coisa. Não sei se é verdade nem quero saber: cada um com a sua opinião; sou teu amigo, acho que não deves ficar aqui, tens mãe e que será dessa pobre senhora se saíres de casa entre dois secretas, hein? Queres o meu conselho? safa-te! Olha, podes seguir amanhã para Minas, talvez ainda tenhas tempo. Toma... e Julião entregou-me um papel dobrado, dizendo:

— Eu só faria isto por meu irmão. Não vai com o teu nome, mas isso é o menos, vão os sinais. – E ajuntou, sorrindo: Agora, se fores agarrado, vê lá se me comprometes. E vai-te! vai-te até que as coisas se decidam. Meu amigo, eu estou lá dentro, sei como tudo se faz: quando há suspeita, o desgraçado pode invocar todos os santos da corte do céu porque não sai mesmo. Há lá muita gente que, por muito menos do que isso de que te acusa o Forjaz, sofre horrores. Um pobre moço, pagador em um banco, foi atirado a um cárcere e lá passou seis dias, entre gatunos e bêbedos, tendo apenas uma esteira para deitar-se. De lá transferiram-no para a detenção, e queres saber por quê? porque, uma tarde, no Passeio Público, contava com

entusiasmo os tiros do Aquidabã. Um médico chegou a ser ameaçado de morte por dois polícias por andar no Flamengo com um óculo de alcance. Não tens que pensar. Se for descoberta a inocência de Forjaz então, meu amigo, voltas descansado e tranqüilo.

Eu estava sucumbido. Deu-me vontade de chorar e creio até que as lágrimas me saltaram dos olhos em jacto de cólera.

— Mas Julião... e mamãe? e... – ia falar em Anália mas contive-me.

— Tua mãe?... Preferes que ela te veja preso? Deixa-te disso, eu falo-lhe. Vai arranjar a mala, pouca coisa; o resto seguirá com o destino que entenderes e com outro nome. Mas vai, o necessário é que partas imediatamente.

Caminhei como um sonâmbulo para falar às duas senhoras mas voltei do corredor, sem ânimo. Julião passeava ao longo da varanda. Vendo-me, perguntou surpreendido.

— Que é ?

— Nada.

E, debruçando-me à grade, falei ao jardineiro para que fosse chamar as senhoras. E implorei a Julião:

— Tem paciência... Eu nem sei que lhes hei de dizer. Fala tu.

Quando ouvi o rumor dos passos das senhoras senti o sangue gelar-se-me, o coração entrou a pulsar com força como se eu houvesse cometido um grande crime. Apareceram juntas procurando-me e, como vissem Julião, estranharam que eu não as tivesse mandado prevenir logo, e, muito íntimas, sem suspeitarem a terrível missão do amigo, foram buscar cadeiras. Detive-as:

— Não. Julião tem pressa. Veio apenas prevenir-me.

As duas encararam-me, espantadas, como se não houvessem compreendido.

— Prevenir de quê? – perguntou mamãe.

Julião ia explicar, mas eu avancei e, numa explosão de ódio, bradei:

— Que o Forjaz está preso.

As senhoras recuaram apavoradas, mas como eu o insultasse de miserável, de infame, abriram muito os olhos num pasmo atônito julgando-me, talvez, louco. Julião, porém muito calmo, vendo que a cólera dominava-me, interrompeu-me e, miudamente, expôs os fatos, pedindo o maior segredo.

— Que se suspeitassem dele, seriam até capazes de matá-lo.

Mamãe rompeu num choro inconsolável, agarrando-se ao meu pescoço, inundando-me o peito de lágrimas. Titia, porém, apesar do desespero com

que torcia as mãos, suspirando, passou ao meu quarto para arranjar a mala, convencida pelo Julião de que se eu não partisse nessa madrugada, seria inevitavelmente atirado a um cárcere, como os outros, talvez encerrado em uma das fortalezas, no fundo úmido de uma enxovia onde, além do mais, poderiam penetrar as balas dos navios. Lá fora estaria descansado e tranqüilo, num meio saudável, entre gente leal, ganhando saúde, robustecendo-me para o trabalho, até que terminasse essa história, que não havia de durar sempre.

Mamãe, porém, não o ouvia – chorava prostrada, sem forças para erguer-se do sofá. Parecia, às vezes, acalmada, de repente, porém, vinha-lhe novo acesso de pranto, soluçado e gemido, e derreava sobre as almofadas com lamentações doloridas. Julião retirou-se tarde e, ainda à varanda, abraçando-me recomendou-me que não deixasse de partir e que não o comprometesse.

A casa ficou como se nela houvesse entrado a morte. Um grande silêncio reinava, apenas cortado pelos soluços angustiados de mamãe. Titia, no quarto, pisando de leve, guaiava por entre suspiros, arranjando a mala. Eu ia e vinha, atordoado, com o espírito em agitação de loucura. Os episódios desse dia baralhavam-me confusamente no cérebro em efervescência de febre, num desarrazoado de delírio: Mary com o seu amor lúbrico; Forjaz algemado, sobre palhas, entre grades. E via-me em penumbra terrível de pesadelo, todo em sangue, caído de encontro a um muro, o peito varado por balas, com espadas pelo corpo como um S. Sebastião, mártir. Não podia pensar, as idéias escapavam-se-me, fugiam-me, nem mesmo assentava sobre o destino que havia de tomar.

Podia ir para Ouro Preto, tinha lá o Taveira: podia ir para a fazenda do Amaro, em Carandaí, ali, por certo, não me iriam buscar. Quem se lembraria dessas pobres terras, entre montes? Demais, o decreto do estado de sítio não ia além das fronteiras de Minas, para lá da linha divisória estava a liberdade, como se tivesse recuado indo asilar-se nas serras fecundas por onde andaram, outrora, os bandos dos primeiros heróis da Pátria, trabalhando pela gloriosa independência.

E quando mamãe, desfalecida, exausta, veio procurar-me no gabinete, onde eu me recolhera, para saber se já havia pensado no lugar para onde devia seguir, disse-lhe logo como se houvesse longamente meditado:

— Ouro Preto! Vou procurar o Taveira. É um bom amigo. Deixo-me ficar com ele.

E, enquanto a pobre senhora, com lágrimas, mirava-me, fui escrevendo cartas a Luiz Farinha, à Anália, ao Rodrigues, contando a infâmia do

guarda-livros que assim me forçava a uma fuga sem que eu jamais houvesse contribuído para que suspeitassem de mim.

Soaram pausadamente duas horas quando assinei a última das cartas, justamente a de Anália, que enchi de sentimento e de queixa, falando-lhe nas torturas do meu coração solitário, longe dela, exilado entre serras, justamente quando começávamos a contar os minutos que nos separavam da hora feliz das núpcias. Com a cabeça em fogo, superexcitado, levantei-me e abri de par em par as janelas, numa necessidade de ar, de frescura, de alento.

A noite ia serena e estrelada. O jardim, em quietação de sono, trescalava – uma névoa subtil ondulava no ar. A água de um córrego chorava tristonhamente na paisagem esmorecida e calada. Deixei-me estar embevecido nessa mansuetude, dispersando os meus adeuses em pensamentos.

Que seria de Anália quando abrisse a minha carta? quando soubesse que eu andava longe, levado a toda a velocidade por um comboio rápido, foragido por matos, como cervo corrido? E Luís Farinha? Talvez não acreditasse nas minhas palavras e julgasse-me comprometido. E se, indignado, retirasse o seu compromisso, negando-me Anália? Que seria de mim e dela?

Estava assim pensando quando me lembrei de Mary. E ela? quando soubesse? Talvez desatasse a rir, agarrando-se ao pescoço bovino do Vargas, beijando-lhe os bigodes, alisando-lhe os cabelos, com muitos dengues. Só mamãe ficaria ali curtindo a inconsolável dor da saudade, envelhecendo, definhando. Só ela havia de acompanhar-me sempre com o seu coração ansioso e aflito, rezando para que nada me sucedesse, de rojo aos pés do Senhor e da Virgem: de dia, diante do oratório aceso; à noite, ajoelhada no seu leito, debulhada em lágrimas.

Voltei-me: a pobre velha, a cabeça pendida, com os cabelos em desalinho, os braços abandonados no colo, sofria ainda. Aproximei-me carinhosamente, sentei-me a seu lado tomando-lhe a cabeça entre os meus braços, unindo-a ao peito. Mas quando lhe beijei os cabelos, desatou a chorar, estremecendo, sufocada, com as mãos ambas sobre o coração. Gritei por minha tia, que veio a correr, desorientada, com uma vela na mão.

Mamãe, ao vê-la, suspirou aliviada:

— Ah! não podia com o coração! E, balançando a cabeça, com tristeza e desânimo, suspirou: – Que eu, talvez, não a encontrasse viva! Não podia separar-se de mim.

E, juntando as mãos, erguendo os olhos súplices, perguntou, em grande

desespero:

— Que mal havia feito a Deus?

Cantaram galos: duas pancadas soaram no paiol da janela, e a voz do jardineiro sumida, misteriosa, anunciou "que o tílburi já estava à porta." Espiei e vi apenas uma luz fulgurando na escuridão da rua.

Corri a vestir-me; mas chegando ao quarto, uma grande emoção tomou-me: senti como um despedaçamento do coração olhando para o meu leito, liso e claro, vendo os meus móveis, todos os pequenos objetos do meu uso.

Sobre a mesinha de cabeceira havia um livro que eu começara a ler; mas notei a ausência do retrato de Anália que eu ali guardava, para o poder ter constantemente diante dos olhos. Às vezes, à noite, tomava-o, falava-lhe, beijava-o parecendo-me que a imagem sorria na sua moldura de veludo e prata, recortada em forma de ogiva. Devia estar na mala, pensei, e, estabanadamente, comecei a vestir-me, sentindo, à aproximação do momento, um grande medo que me sufocava em lenta asfixia, como se me fosse chegando ao peito, abafando-me, a água revolta e pesada duma inundação.

Pronto, lancei rapidamente os olhos ao espelho e sai para a sala. No relógio soou uma badalada profunda – três e meia.

Quando entrei no gabinete não contive um grito e as lágrimas saltaram-me dos olhos. Mamãe, lívia, hirta, as pupilas extáticas, os dentes cerrados; parecia morta; minha tia, de joelhos, esfregava-lhe os pulsos enquanto a criada, em azáfama, ia e vinha atônita, trazendo frascos, rasgando panos.

Soluçante, ia precipitar-me sobre o corpo inerte de minha mãe quando titia falou-me:

— Que partisse. Não tinha tempo a perder, aquilo passava. Que fosse com Deus!

Beijei-a e beijei a fronte gelada de mamãe que felizmente respirava. Mas o jardineiro anunciou no jardim:

— São quase quatro horas.

— Vai, meu filho. E Deus te acompanhe – disse minha tia comovida.

Sem enxugar as lágrimas, tomei a mala e parti.

CAPÍTULO XIX

NESSA HORA MATINAL não havia outro rumor nas ruas senão o do rodar do tílburi. Campos e jardins dormiam mergulhados em sombras e, de longe, o uivo de um cão prolongava-se no ar, dorido como um lamento. Já na cidade carroças arrastavam-se vagarosas, de pausa em pausa; a poeira subia em bruma dourada, espessa, asfixiante e, dentro, como apenas esfumados, os varredores cantavam levantando nuvens de pó que, pouco a pouco, ganhando a altura, expandiam-se em névoa. À medida que nos aproximávamos o meu receio crescia, vinham-me apreensões, desconfianças e saudades. Vultos que passavam encolhidos traziam-me violentos sobressaltos.

Chegando ao campo (justamente pensava em minha mãe, que eu deixara desacordada, hirta e fria), ouvi precipitado galope de um esquadrão que avançasse a toda a brida, perseguindo-me; dois cavalos apenas passaram e eu vi, com pavor, as clavinas que os soldados levavam, apoiadas à sela.

Diante da estação já havia um grosso povaréu. Carregadores iam buscar os carros à distância. Cercaram o meu tílburi; pequenos apregoavam jornais, indo e vindo, a correr. Desci aterrado.

Amanhecia palidamente.

Posto que ainda não houvesse começado a venda de bilhetes, era grande a afluência de gente diante do guichet. Homens, de gorros de seda, abanando compridos guarda-pós; senhoras, toda a cabeça envolta em véus, em amplas vestes claras de linho, de seda, o ar entediado, esperavam, ao longo das paredes, entre malas e caixas acumuladas.

O botequim fervilhava e, a todo instante, chegavam carros despejando gente. De quando em quando, ouvia-se o chiar das máquinas que faziam vapor ou o silvo agudo de uma locomotiva em manobra. E o burburinho da multidão crescia. Falava-se da esquadra, pressagiava-se um decisivo ataque. Crianças choravam, aos guinchos, e, longínquo, em sons lentos, começou o toque da alvorada, subindo, vibrando sonoramente como para acompanhar a marcha triunfal da luz que, pela altura azul, ascendia alastrando em sangue.

Um carregador ofereceu-se para levar a minha mala ao wagon; entreguei-lha. Eu obedecia passivamente, sem energia, sempre receoso,

voltando-me ao mínimo contato; se me empurravam, se esbarrava em alguém, respeitoso, humilde, pedia desculpa, com servilismo.

Com o papelucho que me dera Julião muito apertado entre os dedos, ia e vinha, indeciso, caminhando com aparente tranqüilidade. Afetando calma, lançava, de vez em vez, os olhos ao relógio, ansioso, impaciente.

Já havia percorrido o saguão quando vi de repente, encostado à porta por onde havia de passar, um rígido soldado, com os braços sobre a espingarda a que se apoiava. Fitava-me os olhos com um risinho de mofa como se me houvesse reconhecido e antegozasse a delicia cômica do meu terror quando, à minha passagem, cruzasse a arma embargando-me a fuga. Encarei-o também, algum tempo, irresistivelmente e foi ele quem desviou o olhar, curvando-se todo sobre a arma, fatigado. Dei-lhe as costas; veio-me, porém, uma grande covardia: pensei em voltar para casa entregando-me, como um cordeiro, quando me fossem buscar em nome da autoridade.

Entrava gente e eu estava como extasiado quando dois homens passaram por mim com segredos, espichando-se para olhar, insinuando-se na multidão com ânsia de quem procura. Lançavam olhares para um lado e outro, preocupados, desapareciam, reapareciam, sempre curiosos, sempre aos cochichos. Meti-me ousadamente num grupo baixando a cabeça como para examinar alguma coisa, procurando fazer-me pequeno. As pernas tremiam-me e molhava-me o rosto um suor de agonia. Mas um dos tais veio d'esguelha, senti-o perto, roçou por mim, atirou-me um olhar estranho e passou. Respirei aliviado como quem sobe à tona d'água depois de um grande mergulho. Justamente o tímpano retinia quando, a pouca distância de mim, levantou-se uma exclamação jucunda e uma voz entrou a chamar:

— Valente! Valente! Estão aqui! Estão todos aqui.

O homem voltou apressado, empurrando com indiferença e sorrindo. Voltei-me e vi que ele abraçava afetuosamente um velho enquanto o outro, também risonho, falava a uma gorda senhora que sacudia o colo, rotundo e flácido, num riso alegre e rouco.

A porta de passagem abriu-se lentamente e o povo avançou pressuroso para a bilheteria; todos levavam papéis levantados acima da cabeça, agitavam-nos e um denso amontoado de homens e de senhoras ia espremidamente, com vagar, protestando, empurrando, pela estreita passagem que levava ao guichet.

Eu, sôfrego, segui no aperto e, quando enfiei o braço no postigo, bateu-me com força o coração ao sentir a mão do bilheteiro sobre a minha como se me quisesse agarrar ali mesmo para entregar-me às praças, mas apenas perguntou:

— Para onde?

— Carandaí, – disse eu com doçura e sobre o papelucho, recebi o troco e o bilhete, saindo dificilmente, num bolo, impelido pelos que vinham chegando com ânsia, como se também os perseguissem.

Mas adiante da sentinela o meu receio reapareceu. Hesitei um instante procurando alguma coisa no bolso do colete e, de olhos baixos, como passassem duas senhoras, segui-as e foi quase com espanto que me vi longe dos olhos argutos do soldado. Na segunda passagem um velhinho gárrulo, falando sempre, lançou apenas um olhar ao coupon e acenou satisfeito. Entrei.

O ar parecia outro, mais leve e macio e uma confiança infinita nasceu em mim como se eu já houvesse passado a fronteira e fosse pisando, com segurança, o solo venerável dessa amada e fertilíssima terra mineira, onde não entrara a lei sangrenta e despótica que oprimia o povo fiscelando-o, constrangendo-o com a ameaça sinistra de cárceres e fuzilamentos.

Meus olhos estenderam-se pela gare com uma radiação de alegria e de fé – os wagons ali estavam, em fila, fazendo uma curva suave pela orla da plataforma – e passageiros corriam, carrinhos rodavam surdamente, carregados de malas, impelidos pelos homens do serviço. Condutores passavam desfraldando bandeirolas, outros balançando lanternas e, por cima dos carros, guarda-freios corriam arrastando cordas.

De espaço a espaço, por baixo dos wagons, passava, como um fluxo de sangue num corpo, o vapor que percorria as artérias dos freios chiando, espoucando. Houve um baque de carros, e eu seguia, procurando o carregador que me levara a mala, quando o vi, debruçado à janela de um wagon, fumando, distraído. Entrei.

Só havia o meu lugar reservado pela prudência do carregador, que descansara a minha mala num banco. Sentei-me e, sem curiosidade, sempre receoso, encolhi-me no canto, cruzando os braços, inclinando a cabeça ao peito, como adormecido. Às vezes paravam perto da janela e eu sentia um arrepio forte. Se entrava alguém sempre me parecia que vinha a mim, que era um polícia que me procurava, e inclinava ainda mais a cabeça.

Houve um grande rumor de vozes, um bater sonoro na plataforma, exclamações: "Espera! Devagar! Cuidado!" Eu vi entrar lentamente uma senhora carregada de embrulhos, quase que andava aos recuanços, sempre a recomendar cuidado, e dois homens apareceram: um deles trazia seguro pelo braço o outro, novo ainda, magro, que vinha desajeitado e bambo, sobre uma muleta. Mas soaram badaladas e logo um apito ríspido silvou.

Uma voz, que parecia correr ao longo dos wagons, gritou: " Quem

embarca?!" Houve uma balbúrdia a meu lado: rolaram caixas, todo um embrulho que se desfez e o meu companheiro de banco, muito gordo, com um gorro enterrado até os olhos, bufando, agachou-se para apanhar os objetos, pedindo licença, e pôs-se a passar as mãos por baixo do banco tateando. E, tomando ao colo tudo que apanhara, abriu um grande lenço de seda e começou lentamente a embrulhar, resmungando contra as criança. Novo apito e a locomotiva, num silvo rápido e estridente, deu o sinal da partida.

Chocando-se de esbarro, o comboio estremeceu como se despertasse e lentamente, suavemente, começou a deslizar nos trilhos. Espiei: a plataforma parecia encolher-se e houve em todo o wagon alguma coisa como um suspiro de desabafo daquela gente que partia como uma turma de galés abandonando o presídio.

Com a marcha rápida do expresso, através da neblina, eu tinha a visão fantástica de um pesadelo: a paisagem corria como em cenário magico; fugiam as casas, os postes telegráficos, as árvores, como levados por um ciclone e o comboio seguia a galope célere, bufando, como animal cansado.

Dentro dos muros de quintais figuras apareciam e sumiam-se, plataformas desertas de estações iam ficando atrás, como se fugissem desvairadamente. Pouco a pouco, porém, o comboio foi diminuindo a marcha, um silvo agudo vibrou, uma sineta pôs-se a badalar contínua. Já eu podia ver distintamente os vultos: homens que trabalhavam em hortas, os interiores modestos e, por um caminho estreito, um cavaleiro, todo voltado para o trem, olhando curiosamente.

Anunciaram: Cascadura!

Na estação, apenas dois homens simples, descalços. Um deles vinha de carro em carro esmolando, com uma perna nua onde uma chaga sangrava; o outro, com os braços abertos no respaldo de um banco, espichava-se preguiçosamente, bocejando. Todavia eu ansiava pela partida e foi com inenarrável emoção de prazer que ouvi o estridular do apito e o silvo agudo da locomotiva.

A claridade, posto que nevoenta, já permitia a leitura e, quase todos liam jomais; só o meu companheiro de banco, as mãos cruzadas no ventre, a boca aberta, ressonava. Procurei no bolso alguma coisa e tirei um papel dobrado; abri-o – era o salvo-conduto.

Logo à primeira leitura pasmei do nome estranho e cômico que ali estava: Firmino Caroba, e não contive o sorriso imaginando Julião a rebuscar em nomenclaturas alguma coisa de grande e rude simplicidade que fosse garantia e disfarce.

Firmino Caroba... Realmente não seria fácil achar nome mais ingênuo, mais genuinamente primitivo do que esse. Quem suspeitaria de um homem que se chamava, como um pastor de idílio, Firmino Caroba? Acusado e de posse dessa certidão, eu podia dispensar toda a ciência dos advogados porque, para arredar de mim qualquer suspeita, bastava que eu dissesse o meu nome, rústico como uma bucólica, e o tribunal, em vez de acusar-me, romperia em gargalhada imensa que seria a minha absolvição unânime. Firmino Caroba! muito devia ter meditado Julião para conseguir essa aliança ridícula e cômica de um nome e de um sobrenome que tão bem casavam. Talvez, por muito conhecer a teoria dos criminalistas, fizera essa combinação que dava idéia justa e precisa de cândida pureza e de irrefragável e decidido espirito de ordem.

Os nomes devem influir sugestivamente no espírito dos juízes. Um delegado astuto pode fazer a psicologia de um delinqüente pelo nome apenas. E Firmino Caroba, por mais que o analisem, por mais que nele busquem com sagacidade e argúcia, não dá de si senão simpleza, a angelitude dos rudimentares, uma alma meiga, com preocupações pacíficas, muita crença, muito amor e muita honra.

A idade que me deu Julião estava longe de ser a verdadeira, rejuvenescia-me aliviando-me do peso de seis anos... mas os cabelos! Sei que os tenho louros, dum louro britânico, não só porque os penteio sempre, demoradamente, ao espelho, perfumando-os, alisando-os, mirando-os, como porque toda gente o diz. Anália admira-os, gaba-os, acha-os lindos, sedosos e dourados, inveja-lhes os cachos fofos que, por vezes, rolam sobre a minha fronte e Mary disse-me, num beijo, que a minha cabeça parecia "de ouro".

Louros, bem louros são eles, todavia Julião, por um capricho ou para iludir os olhos da justiça, escreveu castanhos e castanhos também os olhos e os bigodes. A cor branca e, mais adiante: corado, altura regular.

Deus meu! quem, com dados tais, formasse o meu tipo muito havia de pasmar ao ver-me tão diferente do retrato policial, feito por Julião, em traços de caricatura. E fiquei contemplando, entre risonho e triste, essas notas físicas que eram o passaporte para a minha liberdade. Se, por acaso, alguém me pedisse esse salvo-conduto, não teria dificuldade em achar a fraude que era flagrante – vendo-me louro, vendo-me pálido, vendo-me alto, de olhos azuis, em oposição aos traços do meu perfil escrito. Mas se na estação não haviam feito o confronto, não o fariam mais em toda viagem.

Dobrei o papelucho e guardei-o. No wagon estavam todos calados – uns lendo, outros dormindo, de pernas esticadas, a pala do boné sobre os olhos

e, no banco fronteiro ao meu, uma mocinha, o colo coberto por uma toalha rendada, parecia amamentar carinhosamente o filho que contemplava, estremecida e risonha, erguendo a ponta da coberta pudica que lhe escondia o seio nu. Junto dela uma negrinha cabeceava, agarrada a uma cesta. Só um homem, bexigoso e de óculos, estava de pé, encostado a um banco, oscilando com os balanços violentos do carro.

Íamos, em linha reta, por uma planície extensa. Nas fraldas dos montes havia ainda longas faixas de névoa fina e branca; nuvens alvas, tênues, pairavam à flor da terra, ondulando. O céu estava todo branco, algodoado e sem sol; mas as serras, ao longe, foram emergindo da bruma, apontavam cimos como recifes em mar de leite, e sobre todos, em polvilhação finíssima de ouro, a luz baixou radiante.

Na serra, beirando rampas de abismos, o comboio seguia lentamente, ofegando. O horizonte vasto, longínquo, era uma linha acidentada de montes sobre o painel magnífico do céu azul.

Colinas ondulavam como vagas dum mar alteroso muito verdes, adormecidas em imobilidade de encanto sob a musselina diáfana da névoa. Caminhos brancos serpeavam em voltas suaves na vastidão da paisagem e a floresta alpestre vicejava perto, grandiosa, variegadamente colorida, com as esbeltas embaúbas de folhas argentinas e os troncos robustos, emaranhados de filamentos.

Por vezes um lençol d'água aparecia espumante, a escorrer pelo dorso negro e liso do penedio ou capoeirões brancacentos d'árvores sem folha, cinzentas, chagadas de musgos, esgalhando ramos secos como miséria de inverno.

Subitamente, com fragor reboante, mergulhamos nas trevas abafadas de um túnel. Levantou-se grande estridor de ferragens batidas, entrechocadas, como se fôssemos atravessando as forjas da fábula onde os gigantes de Vulcano açacalavam as armas dos heróis.

Um raio de luz rastreou pelas paredes, anfractuosas, híspidas de arestas; uma nuvem de fumo diluía-se e a claridade reapareceu. A aragem puríssima, cheirando a silvas, soprava e na folhagem era contínuo e alegre o chiar das cigarras.

Açucenas brancas enfeitavam niveamente a verdura aquática. E, diante de uma choça de sapé, quase na mata, no terreiro varrido, uma mulher parada, entre aves e bacorinhos, olhava o comboio acenando com um lenço.

Mas a subida tornava-se a mais e mais íngreme e difícil; de um lado e de outro vales aprofundavam-se. Já o sol alumiava com esplendor a natureza simples e amável dos campos, mas os túneis sucediam-se e parávamos, de

vez em vez, diante de estações. Crianças acudiam oferecendo frutas, café, jornais; pobres vinham gemer lamúrias.

Começamos a descer vertiginosamente como se o comboio se precipitasse, seguindo as sinuosidades do Paraíba – ora estreito, rugindo em voltas angustiadas, ora largo, salteado de pedras negras em torno das quais a espuma refervia. Árvores derreavam-se sobre as águas, molhando as raízes, refrescando as frondes, e, por vezes, em meio do rio, reverdecia uma ilha pequenina, rendada de samambaias, com um bosque onde uma cabana de pescadores, solitária e perdida, desferia ao vento um fio fino e diáfano de fumo.

Na Barra o meu wagon esvaziou-se; apenas a mocinha ficou contemplando o filho. A plataforma estava apinhada, era grande a barafunda de gente que ia e vinha. Outros trens passavam lentamente, pausadamente; locomotivas chiavam.

Havia uma grande vida, uma azáfama prodigiosa entre essas criaturas de ferro que respiravam sôfregas, arquejando, expelindo o vapor dos poderosos pulmões de aço em hálitos de névoa quente. Passavam com orgulho altivo, arrastando longas filas de carros: outras isoladas fugiam rápidas com um silvar precipite e, longe, gritos percucientes vibravam – era o movimento rumoroso e contínuo. Tiniam tímpanos, sinetas badalavam em faina ativa e animada de luta.

Um homem alto, de óculos verdes, encostou-se à janela e ofereceu-me bilhetes, atirando-me ao rosto uma baforada de fumo. Rejeitei e encolhi-me. Abri então um jornal, percorri-lhe as páginas desatento, sempre sobressaltado e inquieto e ouvido à escuta. E, errando com os olhos, pus-me a pensar, e era como se fosse lendo, recordando tudo que deixara: mamãe estendida, inerte, sem sentidos; titia ajoelhada a esfregar-lhe os pulsos; Anália desolada, chorosa; Mary ainda adormecida sobre os finos lençóis do leito voluptuoso, toda nua, num esplendor alucinante de carnes; Luís Farinha e o Rodrigues boquiabertos, pasmados. Só Julião, o serviçal amigo, devia estar satisfeito, pensando em mim.

Certamente, àquela hora, ainda gozava o seu banho e, enquanto esfregava o corpo esgalgado pensava, sorrindo, na minha fuga, julgando-me salvo, já longe, fora do alcance da polícia. Eu revia a cidade nitidamente, todos os cantos da minha casa alumiados pela luz lívida do gás àquela hora da manhã em que eu partira sem destino, preocupado, apreensivo, imaginando desgraças. Mas um silvo estrídulo ressoou. Os passageiros correram e o velho gordo, meu companheiro de banco, apareceu com um grande embrulho, mastigando famintamente.

Ofereceu-me maçãs. Agradeci e ele, com a boca cheia, perguntou-me:

— Se havia alguma novidade nos jornais.

Dei de ombros com indiferença; o velho, porém, trincando uma pera, arregalou os olhos, sacudindo a cabeça e, depois de engolir, sussurrou:

— Ia passar uns tempos com a filha, em Sabará. Tinha muito amor à pele.

E riu, estremecendo todo cremosamente. Íamos deixando a estação. A conversa animou-se no wagon. Dois homens, no banco imediato, discutiam aos berros, vociferando contra o Custódio, furiosos, já roucos, atirando gestos indignados para um mocinho que sorria calmo, curvando-se de vez em vez, para falar em segredo, com temor.

O velho levantou-se e lançou um olhar curioso ao grupo. A mocinha sorria sempre apertando o filho ao colo e a negrinha, com os cotovelos na janela, o queixo nas mãos, gozava a paisagem.

Voltei-me também e fiquei distraìdamente olhando os fios telegráficos. De quando em quando um poste passava. Mas uma idéia estranha veio perturbar-me. Os fios tremiam febrilmente como se os agitasse um fluido forte, e passsou-me, em relâmpago, o pensamento sombrio de que era o meu nome que os balançava – meu nome, todos os meus traços físicos e a ordem de prisão contra mim numa comunicação rápida. Devia ser para a primeira estação e, transido de medo, frio, trêmulo, não pude arrancar os olhos das linhas telegráficas que, a mais e mais, fremiam como as cordas de uma harpa vibradas.

Mas a estação passou e, fatigado, como depois de exercício longo, recostei-me comodamente e adormeci. Sono horroroso, atravessado de sonhos extravagantes que me deixaram apreensivo.

Vi-me num campo vasto, entre brutos soldados que me sacudiam, que me empurravam e eu tropeçava em corpos ensangüentados, mas ainda vivos, que se esgueiravam de rastos à maneira das lesmas.

Por vezes era um homem que se levantava estripado, fugindo, com as mãos ambas no ventre, aparando os intestinos que lhe escorriam flácidos e roxos pelas pernas: outras vezes um agonizante que se erguia escancelando a boca em hiato medonho e caía fazendo espirrar o sangue que me borrifava o rosto.

A terra abria-se e saíam esqueletos mastigando, fazendo gestos cômicos, bailando; e longe, como uma fila de lavradores, homens cavavam sepulturas profundas deitando-se nelas com os peitos nus atravessados de balas. E os soldados riam, saltando, os mortos riam também, mas o singular era que eu reconhecia em todos pessoas que me eram caras. Uma mulher, que fugia

desgrenhada, tinha o rosto de minha mãe e – era ela; Anália passou depois e, entre os mortos, um havia, com o monóculo cravado na órbita, que me pareceu Forjaz.

Aparecia e desaparecia na terra, ora rijo, disforme, enternecido, ora sorrindo e piscando o olho com brejeirice. Eu tentava falar, queria chamar mamãe que ia rompendo as carnes em sebes, cujos espinhos eram compridos e brilhavam como baionetas, mas os soldados investiam, esmurrando-me, derrubando-me, atirando-me pontapés.

E caí numa cova aberta e sobre mim começaram a atirar pazadas de terra. Sentia as pernas presas, o peito apertou-se-me em angústia, quando vi um soldado levar a arma à cara para matar-me. Desviei a cabeça aterrado, com uma dor intensa na fronte e em sobressalto acordei.

Lancei os olhos em volta, espantado. O velho dormia profundamente, e, no banco em que ia a mocinha, sentava-se um fornido casal de velhos, com um monte de bagagens no banco fronteiro. As minhas pernas fervilhavam como se por elas andasse um formigueiro; se arrastava os pés, de leve, sentia como um choque elétrico. E a cabeça doía-me.

Levantei-me, sempre receoso, amparando-me, porque mal sentia o soalho, e, pouco a pouco, readquirindo a sensibilidade, consegui chegar ao lavabo.

Mal entrei, um mocinho, que enxugava as mãos voltado para a janela, virou-se e estremeci reconhecendo-o.

— Oh! senhor Josefino.

Era um caixeiro da firma Mamede & Leal; Manuel Tavira. Viajava por conta da casa.

— Ia à Paraiba. – E perguntou: — E eu? onde me atirava? A Barbacena, disse-lhe, ver uma fazenda, avaliar uma colheita; coisa para uns dois dias e – já lhe estendia a mão, despedindo-me, quando ele, muito em segredo, perguntou-me "se tinha fundamento um boato que na véspera havia corrido no comércio sobre a prisão do Forjaz?"

Afirmei; e Tavira quis saber a causa e, como eu encolhesse os ombros, ele explicou, fundamentando-se em conjecturas:

— Com certeza alguma indiscrição do homem. Falava pelos cotovelos. Não tinha papas na língua: era o que sabia e o que não sabia. Aquilo metera as botas no governo. – Um homem apareceu e Tavira calou-se, saindo logo; mas à porta, perguntou-me: se estava só, se havia lugar perto de mim e eu, respondendo, fui procurando evitá-lo para que não me comprometesse. E voltei preocupado para o banco.

Mais um cuidado para a viagem. O Tavira podia dizer que eu ia ali,

podiam ouvir. Arrependi-me de lhe haver confirmado a prisão do Forjaz, devia ter mentido, atribuindo tudo à invenção de boateiros da Rua do Ouvidor e, aborrecido, deixava-me cair no banco, quando o vi aparecer de novo, com um sujeito alto, de botas e chapéu-de-chile. Descobrindo-me, o caixeiro avançou e, cortesmente, apresentou-me ao companheiro: o "Dr. Tavares." O homem expôs uma calva deserta e uns poucos dentes podres, estendendo-me a mão esguia. Tavira disse o meu nome, ajuntando:

— É sócio da casa... foi quem me garantiu.

Compreendi imediatamente que o caixeiro gárrulo vinha com a questão do Forjaz e fiz-lhe um sinal de aviso – para que não falasse ali; mas o idiota, inclinando-se, insistiu:

— Estive a conversar com o doutor sobre a prisão de Forjaz. Não acredita, viu-o ainda anteontem à noite, no München, com uma mulher.

O doutor afirmou:

— Pois não, no München, com uma rapariga. Falou-me. E, com interesse: Mas está preso?

— Está! – afirmei.

Ele esticou o beiço e disse desoladamente – que não sabia onde íamos parar.

Tavira, indignado, limpando o suor do rosto, rosnou:

— O melhor seria prenderem toda a população do Rio, porque a verdade é que todos falam. – E citou: — Que vira um homem ser espadeirado barbaramente por ter dito que se os marinheiros desembarcassem levavam tudo a ferro e fogo. Era um desgraçado, já velho, e estava bêbado. Racharam-lhe a cabeça a sabre. – E concluiu impetuoso: — É um desaforo!

E meu gordo companheiro de banco foi entreabrindo os olhos e fitou o Tavira. Houve um silêncio receoso e o velho disse sentenciosamente, intervindo na conversa:

— É exato! Estão cometendo as maiores arbitrariedades. É um desaforo, como o senhor diz. – E voltando-se para o doutor: — Uma pouca-vergonha!

Eu encolhia-me aterrado e o velho, cheio de novidades, começou a lamentar a situação difícil em que nos achávamos: – um beco sem saída.

Felizmente o condutor anunciou "Paraíba do Sul." Tavira despediu-se; o doutor, sempre cortês, ofereceu-me os seus préstimos e eu respirei tranqüilo vendo-os partir.

CAPÍTULO XX

ENTRE RIOS! Para que debulhar todo o rosário de estações que percorri, se as terras que eu ia atravessando já me não davam cuidados? Mal me sobrava tempo para lançar os olhos pelos campos, pelas alturas alcantiladas dando-lhes a alegria suprema da liberalidade e eles, que vinham do pavor, regalavam-se, contentes, como dois pássaros prisioneiros que, de improviso, encontram a porta da gaiola aberta e abalam pelo espaço livre, espanejando-se ao sol.

Não era muito que desabotoasse o peito ansiado e oprimido e deixasse expandir-se largamente minha alma que ia engelhada, encolhida como uma criminosa, no canto mais escuso do coração.

Essas terras eram castas, não havia por elas sulcos de carretas, nem armas reluziam sinistramente entre as ervas floridas.

As águas corriam serenamente e, pelos pomares, a fruta sazonava derreando os galhos em curvas opimas de abundância. Os carros agrários iam e vinham rinchando; bois ali estavam ao sol, imóveis, contemplativos, na quietude campestre e o rio largo, profundo e vasto, atravessava as campinas onde anuns esvoaçavam.

A terra venerável de Minas, terra de abundância e de hospitalidade, fértil e amável como o doce e generoso país quenanita, onde não se fazia reparo nos respigadores, nem se negava um canto, à beira do lume, aos que chegavam regelados e com fome, estendia-se desdobrando-se em horizontes com um verdor de esperança e de primavera.

As fisionomias eram outras – havia em toda a jucunda feição que a paz empresta, o receio não demudava o rosto abaçanado dos que mourejavam. O homem, de pé no meio das terras, purpúreo, reluzente de suor, apoiado à enxada, sorria, feliz e tranqüilo, como o chapéu na mão como para saudar os que passavam pelos caminhos da sua lande nativa.

E o comboio rápido serpeava, subia, precipitava-se em corrida fantástica com um grande vento, que parecia ser o hausto dos pulmões ardentes da locomotiva, e que ia ondulando, vergando os finos capins apendoados e levantando da estrada em nuvem loura a poeirada fina.

CAPÍTULO XXI

EM CARANDAÍ despedi-me do velho, que teve um cumprimento faceto, invejando-me a sorte, porque eu ia para o repouso enquanto que ele, só no dia seguinte, à noite, pisaria as lajes da varanda doméstica. Saí à pressa, faminto, e, entregando a mala a um pequenote, entrei pela sala vasta de um hotel, pedindo um banho. A casa era simples e tinha o aspecto rústico e singelo, tão amado dos poetas.

Uma mulher, morena e bela como Rebeca, deu-me de beber, não pelo cântaro bíblico, nem tão pouco água de fonte: trouxe-me um espumante copo de cerveja, que emborquei, sôfrego. Crianças nuas brincavam pela casa, dando àquilo tudo um sabor patriarcal de antigas eras; o próprio hoteleiro, nédio e sadio, com um cachimbo entre as barbas ruivas, os ouvidos cheios de pêlos, como duas cavernas emaranhadas de silvado, era homem de maneiras simples, de trato meigo, posto que lhe estrondasse no peito um vozeirão trovejante.

Quando me serviram a refeição na vasta mesa hospitaleira, o homem abeirou-se de mim, tímido a princípio, conservando-se de pé, respeitoso, depois sentando-se, de pernas cruzadas, os cotovelos na mesa, pediu-me notícias do Rio, "porque os jornais escondiam muita coisa." E eu, sentindo-me protegido pela fronteira bendita, falei livremente, desassombradamente, descrevendo tudo, exagerando, mentindo.

O hoteleiro fazia do Aquidabã uma idéia estranha. Imaginava-o um monstro todo de ferro, vivo, animado, como um animal temeroso arrastando-se à flor dos mares, eriçado de puas, vomitando granadas. Foi o que concluí da descrição que me fez. Desconvenci-o, reduzindo o couraçado às suas verdadeiras proporções. Ainda assim, o homem ficou boquiaberto, assombrado, com o cachimbo apagado entre os dedos, olhando-me como se eu fosse o próprio navio, e a mulher, encostada à mesa, ouvia, fitando em mim os olhos negros, úmidos e lânguidos.

Saciado, recolhi-me ao quarto, onde um leito de ferro alvejava e, frescamente estirado, bocejando, estive a acompanhar duas andorinhas trêfegas, que entravam e saiam por uma fresta no teto de telha-vã e adormeci nessa contemplação beata, dormindo à farta, em repouso bom de

corpo e alma, até que me vieram bater à porta, avisando-me: que os animais já estavam selados e o camarada esperava para partirmos.

Dum salto deixei o leito macio e cheiroso e vesti-me, mirando-me num pequeno espelho pregado à parede, por baixo de uma gravura inglesa, manchada de umidade, que era uma cena de bar.

Quando saí, a tarde ia alta no céu, fresca e perfumada. Uma noite estrelada e macia avizinhava-se e o camarada anunciou luar.

Era um caboclo sólido, ossudo, robustecido nos fraguedos, sempre viajando ao sol, à chuva, pelo frio das noites garoentas ou, docemente, ao claro dos meses de verão. Seu nome era Fraga. Disse-mo logo, explicando, porém, que era mais conhecido por "capitãozinho", isso desde o tempo dos negros, não que tivesse sido capitão-do-mato, não tinha coração para isso... porque protegia os fugidos, avisando-os nas serras quando sabia que lhes preparavam traição. O hoteleiro, à porta, desejou-me boa viagem e os cavalos magros partiram, a trote sacudido, enveredando por um caminho estreito, abotoado em flores.

Fomos indo vagarosamente, sem açoitar os animais, gozando a imensa doçura da tarde nos prados amenos. O gado recolhia em silêncio.

Por vezes o possante e intrépido camarada era obrigado a vibrar o chicote com força dispersando os bois para que passássemos, e touros fortes paravam mirando-nos ameaçadoramente. Eu retinha o cavalo e gritava ao guia, com medo, para que esperássemos os pastores, mas o Fraga investia, de relho em punho, e debandava os marruás que fugiam espavoridos varando os matos. Os caminhos tornavam-se sombrios sob a folhagem escura dos laranjais; aves piavam tristemente nos galhos altos; por vezes, adiante dos animais, um bacurau esvoaçava rasteiro e manso pousando e levantando o vôo para assentar mais longe.

Sem desmontar, o Fraga ia abrindo as pesadas porteiras que rinchavam. O luar começou a subir clareando a estrada dum palor melancólico, manchado de sombras. De longe em longe, por entre as árvores, avistávamos luzes – choça de colono, coberta de sapé, abrigada entre os milhos ou a casa senhorial de fazenda, branca, ao luar, silenciosa como um mosteiro. Cães vinham ladrar nas cercas, arremetendo com fúria, e negros paravam saudando-nos respeitosamente em nome de Cristo.

Águas escachoavam e numa volta do caminho apareceu-nos um açude adormecido e nevado de lírios. O Fraga, que ia à frente, estacou o cavalo e mostrando-me as águas lúridas, disse:

— Aqui morreu muito negro. Já se tem pescado esqueletos. Nas noites de sexta-feira quem passa por aqui ouve gemidos e pragas das almas

penadas. Este lugar é mal-assombrado.

Uma manhã os campeiros encontraram por aqui uma negra estendida, como morta. Quando voltou a si contou que dali, daquela pedra que parece uma cabeça, uma alma chamara por ela, pedindo rezas. Está até hoje aluada e, quando lhe falam no açude, treme que nem vara verde. Eu nunca vi nada, com a graça de Deus; só ouço os sapos, mas esses não são almas de criaturas.

Efetivamente eram as vozes que animavam o silêncio. Em ritmo, com um tantã monótono de forja, subia das águas o coaxar melancólico e eu senti um grande medo, olhando o lago plácido de onde, em noites trágicas, fugiam espíritos gementes, pedindo preces.

— Vamos mais depressa, camarada!

Mas o Fraga sorriu:

— Vosmecê está com medo? Bem se vê que é da cidade. Não acredite. Deixe falar. Baboseiras. Este que está aqui não faz outra coisa senão andar pelos matos, de dia e noite... e só uma vez tive medo em toda minha vida. Foi há mais de vinte anos, lá pras bandas de Paracatu, onde nasci. O luar era como dia quando eu vi, no meio da mata, uma coisa branca assim a modos de uma mulher muito alta que dançava, rodando adiante do meu cavalo. Eu ia só, com Deus! Os cabelos me ficaram em pé e duros que nem piaçava. Não sei como não morri. O mesmo animal, um baiozinho atirado, refugou como se tivesse sentido catinga de onça. Rezei um credo e ajuntei o bicho nas esporas; pois, meu senhor, o baiozinho virou nos pés com tanta ligeireza que, se eu não fosse duro na sela, tinha ficado ali, tão certo como estar agora falando a Vosmecê. Não sei que foi, mas que vi, vi mesmo! Pois ainda assim não tenho medo.

A mata apareceu, fechada e escura sobre o lombo de uma colina. Descíamos um caminho estreito, entre cafezais.

Embaixo luzia um riacho e, quando o atravessamos, os animais pararam e beberam. O Fraga começou então uma cantiga de amor, comparando a amada à juriti da brenha. E partimos.

Já íamos em terras da fazenda dos Três Córregos, terras do Amaro, que me deviam agasalhar e a noite refrescava, velando-se de fina bruma que afumava o longínquo. Corujas gargalhavam agourentamente. Longe chiava um carro. Os passos dos cavalos soavam sonoramente nas pedras miúdas e os ramos que nos festejavam ficavam farfalhando a nossa passagem.

Já perto o chiar do carro crescia e ouvimos o canto dos carreiros quando o Fraga bradou, em vozeirão: "Ehôo, gente!" De longe responderam alegremente: "Ehôo!" Um guieiro d'aguilhada ao ombro, apareceu e logo

uma fila de bois arrastando o carro que vinha aos solavancos, atochado de lenha.

Negros, sentados nas achas, agarrados aos fueiros, tiravam trovas campestres. Saudaram-nos e o candeeiro, tocando os bois, afastou-os, abrindo-nos passagem no caminho estreito. E o carro perdeu-se. Ia para a estação, disse o Fraga.

Num cercado, em meio dum campo, bois caminhavam lentamente; outros ruminavam deitados.

— Estamos em casa, – anunciou o guia. – Chegando naquele alto onde está a touceira de bambus a gente avista a fazenda.

E íamos deixando atrás ranchos de palha, cabanas. Havia um grande e retumbante rumor d'águas.

— Que é isso?

— É o moinho, ali embaixo, – disse o Fraga.

E já sabíamos, os animais bufavam vencendo a ladeira áspera e, quando chegamos ao alto, na porteira, avistei, com alegria, as luzes da casa onde eu havia de repousar o corpo e o espírito à sombra amável da floresta que se estendia densa e escura, protegendo a vivenda hospitaleira.

CAPÍTULO XXII

À FRENTE DA casa corria um renque de janelas largas. A entrada era ao meio, sob um telheiro sustentado por vigas robustas de braúna entorçaladas de roseiras bravas.

O jardim cercava a habitação de folhagem e de aroma e, posto que toda a verdura se fundisse em sombra, não seria difícil dizer as rosas que ali desabotoavam, os lírios, as magnólias e as recendentes flores dos mandacarus que enchiam o ar de suave perfume. Os grilos guizalhavam e vagalumes faiscavam na espessa negrura da mata.

Quando os cavalos estacaram, um grande cão surgiu da sombra rosnando; mas o Fraga acomodou-o, afagando-o e eu vi aparecer um vulto branco, entre as árvores escuras.

— Deus lhe dê muito boa noite, seu coronel!

— És tu, capitãozinho?

Logo reconheci a voz do Amaro, que abria a cancelinha do jardim:

— Quem vem contigo?

Antes que o guia respondesse, bradei:

— Sou eu, Amaro. Venho pedir-te casa e pão por uns dias.

E desmontei, atirando as rédeas ao pescoço do cavalo que já procurava a erva mirrada da barranca.

Amaro não me reconheceu de pronto, mas como eu subisse os três degraus que levavam ao jardim, o luar deu-me em cheio no rosto e ele derreando-se, abriu os braços, exclamando festivamente:

— Pois és tu! Que diabo é isso?! Então os tais arrasaram a cidade?

— Quase, meu amigo. Estou aqui por milagre.

Abraçamo-nos e Amaro foi-me levando por entre as plantas do seu jardim até à entrada da casa. Duas senhoras, surpreendidas com as exclamações alegres do fazendeiro, estavam de pé alongando a vista e Amaro apresentou-me à mulher e à filha, introduzindo-me logo na sala vasta, onde crioulinhos brincavam rolando pelo chão, à luz escassa de uma lâmpada belga pendente do teto.

Amaro deu ordens: que trouxessem luzes, aquecessem um banho, matassem um frango e preparassem um quarto, o mais quieto e o mais vasto

da casa.

Vieram outras lâmpadas e, à luz mais clara, rebrilharam molduras nas paredes brancas e pude ver o rosto avelhantado e bondoso da senhora e as feições miúdas da menina: rosto moreno, olhos negros, grossa trança solta até à cinta. Amaro, risonho e feliz com a minha presença, esfregava as mãos passeando pela sala. Berrou – que me tirassem as botas, pediu um casaco fresco; e íntimo, franco, descerimonioso, quis ele mesmo aliviar-me do veston. Não consenti, vexado, neguei-me, mas uma negra, pondo-se de joelhos e atracando-se-me às pernas, arrancou-me as botas enfiando-me nos pés largos chinelos macios e frescos.

Um calor de vexame subia-me às faces ao ver ali as duas senhoras que não tiravam os olhos de mim, mudas e recolhidas. Dando pelo meu acanhamento, Amaro disse em expansão de intimidade:

— Que não fizesse cerimônias. Aquilo ali não era a cidade. Na roça o que a gente queria era estar à vontade com roupa fresca e chilenos. Era o costume, ninguém reparava.

Sentou-se e, atirando uma palmada prazenteira à coxa, pediu-me que lhe contasse o que havia. Narrei em poucas palavras a minha aventura, os transes amargurados por que passara, os perigos a que me expusera a loucura do guarda-livros, e, finalmente, a boa inspiração que tivera de procurar sua fazenda para asilar-me enquanto durasse o estado de sítio. Amaro agradeceu a confiança que eu nele depositara e jurou que eu podia estar descansado que ali ninguém me iria buscar, nem que ele tivesse de sair a campo com todos os seus homens.

E lastimou "como republicano" todos esses desastres, traçando um quadro triste da miséria no interior porque não chegavam gêneros: já o comércio se ressentia, havia falta de "um tudo." Mas ergueu-se assomado, rubro de cólera e disse:

— Eles estão enganados conosco, amigo Soares. Somos muito bons enquanto a coisa não nos irrita. Estão enganados! Se nos privam da farinha, do pão, da luz e do remédio matamo-los à fome. Isso é certo. Então é que hão de ver o que é bom. – E, com um gesto solene: Não desce um boi! Nem um! E se o gado não for de Minas quero ver onde é que eles vão buscá-lo. É assim, meu caro. Não somos carneiros. Tudo tem um termo. Não havemos de sofrer calados. Reunimo-nos todos, não fica uma ponte! não desce um boi! Que se arranjem.

Mas vieram chamar-me para o banho e Amaro, travando-me do braço, foi-me levando através de salas até um corredor conventual, que uma lanterna fuliginosa mal alumiava.

Era uma das faces do quadrado. Defronte eram as antigas senzalas; havia luz em algumas casas. Em uma, que tinha a porta aberta, uma fogueira morria no chão. No terreiro uma figura indistinta, homem ou mulher, erguia-se, curvava-se, e, a compasso, soavam pancadas surdas que deviam ser num pilão; crianças giravam de mãos dadas, ao luar, cantando. O enorme cão dormia estirado no corredor e, quando passamos, levantou a formidável cabeça, rosnou batendo festivamente com a cauda. E Amaro, solicito e hospitaleiro, abriu diante de mim a porta de um quarto, onde uma banheira fumegava.

Quando saí, um molecote espantado estendeu-me a mão à benção, dizendo que: "Sinhô estava-me esperando lá dentro." Acompanhei-o.

A mesa estava servida como para banquete. Ao centro, grande ramo de folhagens, entre as quais algumas açucenas cheirosas – em torno a família e um velhinho, a cara encarquilhada e glaba, muito encolhido no seu paletó de linho, espreitava-me e, antes que Amaro me apresentasse, ele, fungando, estendeu-me a mão trêmula e queimada:

— É o Padre Bento, disse Amaro, meu companheiro há mais de trinta anos, e meu compadre. É como um parente. É ainda do tempo de solteiro, hein, padre?

O velhinho arregalou os olhos, risonho, acenando com a cabeça. Sentamo-nos.

A menina sorria vendo o padre atarantado com um cigarro que lhe escorregava da orelha para o ombro. E, como eu estendesse o guardanapo sobre as pernas, o velho padre levantou-se e fungando, muito risonho, empunhando um talher, perguntou logo "se eu queria que me servisse."

Sorri agradecido e ele, atirando-se ao frango com o cuidado de um cirurgião, começou a trincá-lo encolhendo o beiço que de vez em vez, pendia flácido. Mas uma negrinha sussurrou:

— Tem canja.

O padre ficou com o talher erguido e houve uma explosão de riso. Ele, porém, sem desconcertar-se, continuou a trinchar sussurrando: — "que ficava feito" enquanto a senhora ia-me servindo a canja.

A noite, fora, resplandecia; o luar brilhava nas vidraças. Pelas janelas abertas entrava a aragem cheirando a silvados e insetos vinham voar em volta das grandes lâmpadas estonteados, atraídos pela claridade.

CAPÍTULO XXIII

RECOLHIDO ao quarto debrucei-me à janela abeberando a alma de poesia no esplendor da natureza. Rondava o silêncio vago murmúrio d'águas fugitivas, e, de instante a instante, um pio trêmulo passava melancolicamente.

Quem pode fugir com a alma, por mais que a blindem ceticismos amargos, à influência sugestiva e enternecedora de uma noite dessas, alumiada e muda, na braveza de outeiros copados d'árvores, desfiando sempre cristalinos prantos d'água, cortados de caminhos apenas percorridos pelo tropeiro andejo, pelo negro ou pelos carros de rodas maciças que bois mansos arrastam com prolongado chiar dos eixos!

A lua, redonda e alva, resplandecia no céu. No terreiro um grande boi taciturno caminhava vagarosamente, como uma sombra, e não havia outro rumor senão o da folhagem que se agitava ao vento.

A floresta subia pela fralda da colina vizinha soberba e forte e, por entre as árvores, o luar docemente escorria em brancuras diáfanas, trazendo-me à memória páginas velhíssimas de esquecidos livros que referiam as caçadas noturnas de Diana, nos bosques sagrados da Grécia, com os seus cães atrevidos e as suas companheiras virgens, nuas, castas, robustas, atravessando brenhas com alarido até repousarem à borda dos lagos dormentes, onde os cervos exaustos agonizavam, atravessados de frechas.

Que horas seriam quando fechei as duas abas pesadas da janela? Já a névoa punha arminhos nos montes e carneiros balavam.

O leito recendia à erva dos campos e, fofamente coberto, em tépido e macio aconchego, soprei a vela. O luar entrou em faixa como uma pequenina via-láctea por onde devia subir minh'alma transportada, por onde deviam descer os sonhos bons e consoladores.

Foi como em plena geórgica que abri os olhos à luz nevoenta da manhã friíssima. O gado mugia junto à minha janela e, através dos berros possantes dos touros, balidos ternos de ovelhas passavam tristonhamente. Saltei da cama e escancarei as janelas recebendo em cheio no rosto o ar balsâmico das matas, frio como nos ásperos invernos da cidade.

Tresmalhados no campo andavam morosamente os bois robustos; junto

ao alpendre uma negra ia ordenhando as vacas, e avistei, já longe, na trilha sinuosa e íngreme dum morro, os carneiros que subiam juntos, levados por dois pequenos que brandiam ramos.

Mas Amaro, que andava pelo jardim com o padre, dando comigo à janela, pasmou surpreso e, consternado, atribuiu à dureza das palhas do meu leito campestre aquele madrugar e, vexado e pungido, veio postar-se num roseiral em flor que alegrava a frente do meu quarto, prometendo-me leito mais macio para a noite próxima, que não recendesse a silvas, como o colchão crepitante, feito com erva do monte, em que eu me estirara e dormira.

Protestei – que era aquela a minha hora habitual e que o meu sono fora suave e ininterrompido, pedindo-lhe que não fizesse mudança alguma. O padre olhava-me com interesse, boquiaberto, curioso como se, do poial da minha janela, eu estivesse ditando conceitos ou pregando sobre as doçuras inefáveis da vida santa dos justos na eterna e beata vivenda do Senhor.

Asas tatalavam sonoramente no ar, já os campeiros tangiam o gado, cantarolando, quando saí do quarto tendo escolhido na mala um leve e fresco costume de flanela branca e uma gravata, que abri em dois laços à feição de borboleta.

Amaro abrigou-me sob uma latada de maracujás, e, sentados, enquanto as abelhas zumbiam nas passionárias e o padre afagava entre os joelhos a enorme cabeça do cão, ele me foi dizendo o que por ali havia para minha delicia e para meu repouso – o banheiro, que era um jorro d'água despenhado de pedras altas sobre um recôncavo discretamente cercado de taiobas; os animais que havia na estrebaria, os mais dóceis, os mais sôfregos; os cães de trela mais farejadores, de toques mais vibrantes. Citou-me os lugares de maior encanto, a mata sempre sombria, o vale onde um córrego límpido serpeava, o açude abundante em pescado, o silêncio pitoresco de um grotão onde havia o moinho. Onde eram as trilhas de pacas, onde piavam jacus e juritis gemiam, pôs-me ao corrente de tudo, enfim, que nessas terras havia para minha distração e encanto de modo que eu não sentisse os dias no degredo triste.

Agradeci, propondo logo uma sortida para a manhã seguinte – iríamos correr os cafezais, a roça, ver a riqueza e a formosura da fazenda. E o padre falou-me da horta e das flores que eram os seus cuidados.

E aí, nesse recanto de folhagem, trouxeram-nos o café e aí nos veio achar Lavínia (é este o nome suavíssimo da moça franzina e simples que, como diz Amaro, é o elo que o prende à vida).

Falou-me com timidez e sentou-se brincando com um ramo verde.

Amaro beijou-a na face morena e fina, dizendo-me, com enternecimento:

— Que estava ali o seu tesouro, mas doentinha sempre. Tinha até medo de levá-la ao Rio. Corada daquele jeito e não tinha pinga de sangue: só nervos. Qualquer choque, um simples aborrecimento bastava para levá-la à cama, com febre para semanas. Um não-me-toques; – disse gracejando.

Lavínia, muito vermelha, baixou os olhos. Ficamos todos calados e, como para quebrar o silêncio, um pássaro cantou vivamente entre as folhas da latada. O padre, que não arredava os olhos do meu rosto, pediu-me, então, pormenores da revolta: se eu vira alguma vez o Aquidabã atirar, se vira algum morto, se as casas estavam muito arruinadas... ? Amaro opôs-se: que me deixassem em paz; mas, Lavínia pediu também que eu falasse. E comecei a contar miudamente todos os episódios desde essa manhã sinistra de setembro quando, ao despertar da cidade, espalhou-se a notícia da revolta da esquadra até o momento terrível da minha fuga precipitada para essa terra acolhedora de Minas.

CAPÍTULO XXIV

A VIDA, que a princípio me parecera aprazível e boa, descansada e feliz, com o correr monótono dos dias pacatos, foi-se tornando insípida, numa seqüência imperturbável d'horas sonolentas, consecutiva e preguiçosa inércia, sem acidentes, enfastiadora e morosa. Eu ia enchendo os longos minutos com os meus bocejos cavados.

A luz das manhãs trazia-me tédio à alma; sentia-me infeliz, errando molemente pelos vastos salões sombrios onde crianças negras, atiradas sobre panos, dormiam, choramingavam. E por todos os ângulos da casa acompanhava-me doloridamente um gemido de um crioulinho enfermo que se arrastava, sempre perseguido pelas moscas, como imundície, ventrudo, quase nu, manchando as tábuas do soalho com o corpinho raquítico e sórdido, levantando para todos os olhos úmidos e magoados, com a resignação piedosa de um pequenino mártir. As negras não o tomavam ao colo, levavam-no suspenso pelos braços magros e, às vezes, deixavam-no no pátio do quadrado, ao sol, entre cães, em abandono desumano. E o pequeno, sem forças para chorar, debruçava-se pousando o rosto na terra quente e adormecia, com os olhos cheios d'água, fervilhante de moscas. A mãe ia despertá-lo com palmadas e carregava-o enojada, sentando-o na cozinha, junto ao forno de barro, onde o desgraçadinho, limpando maquinalmente as pálpebras molhadas, recomeçava a gemer, estendendo a mãozinha mirrada como a pedir esmolas, mesmo aos cães que entravam farejando restos de comidas.

— Dá um, neném... dá um!? Um negro caduco era o meu principal divertimento. Ia vê-lo, de quando em quando, ao quarto onde ele vivia, sobre um monte de palhas de milho, encolhido, murmurando em alucinação de fortuna, contando as palhas ou puxando da cabeça calva grandes fios imaginários de cabelo que enrolava vagarosamente no alto da cabeça.

Quando me via rosnava arrepanhando as palhas, defendendo-as como um avarento defenderia o seu tesouro e atirava-me tijolos, mancheias de terra, gritando, chorando, injuriando-me. Os cães dormiam com ele nas mesmas palhas que tresandavam como fumeiro.

Posto que a velhice já o tivesse imbecilizado, ainda os negros temiam-no

atribuindo-lhe terríveis conhecimentos, lembrando tremendos sortilégios do "Pai Quimbande" no tempo do cativeiro: a morte de um feitor negro, a loucura de uma mulata que resistira à sua fúria amorosa, o desaparecimento de um bando de crianças e, como havia no fundo do quarto, sobre velho caixão, a figura truculenta de um ídolo de barro, todo enfeitado de búzios, ninguém ousava transpor o limiar, o próprio moleque, que lhe levava a comida, deixava a cuia na porta e corria e era o negro que vinha, de cócoras, arrastando-se como réptil, buscar a ração que devorava lentamente, entre os cães.

Amaro guardava-o como relíquia. Era o mais antigo negro da casa, fora pajem do avô, disse-me o fazendeiro, sempre fiel e amigo da família. Efetivamente acusavam-no de feitiçarias, mesmo, uma vez, ficara quinze dias no tronco por suspeita de um crime; mas era um pobre velho, abandoná-lo seria crueldade, que morresse ali, coitado! E o padre, que o conhecera ainda forte, dava-lhe mais de cem anos.

"Pai Quimbande" foi, nos primeiros dias, a minha distração curiosa. Depois comecei a percorrer os cantos da fazenda, vendo tudo, demorando-me em longos passeios pelos sítios vizinhos, indo à mata, à roça onde os negros trabalhavam, ao sol, cantando.

Às vezes, ao amanhecer, montava a cavalo e saia, sem rumo, pelos caminhos orvalhados até que o sol, aquecendo, forçava-me a retroceder e em casa, na grande paz patriarcal da família, deixava-me levar pelo padre, ia com ele visitar as suas coleções de cobras e de insetos ou folhear os livros santos da sua biblioteca, onde apenas achei, de profano, um volume de Rocambole e uma história de França, desmantelada, que servia de pedestal a um Cristo de bronze ornando santamente a cômoda de mogno.

Na noite do primeiro sábado, Amaro preparou uma surpresa para distrair-me. Íamos deixando a mesa quando retumbaram no terreiro os atabaques dos negros e o canto agudo e nostálgico estrugiu na serenidade da tarde – era o caxambu.

Grande roda de homens e de mulheres movia-se à luz de uma fogueira. Dois negros curvados batiam com as mãos espalmadas no couro rijo e aquecido dos tambores, tirando um som rouco e profundo, e um dançador cabriolava, aos pinchos, alumiado pelo clarão sangrento da fogueira, os olhos esbugalhados, arquejante, pulando, gingando como um possesso.

As palmas estalavam. Outros negros saíam dançando, as negras sacudiam os quadris em meneios felinos. Negros ágeis saltavam estirando-se no chão, erguendo-se lestamente, em galões de tigres; crianças rodopiavam guinchando. E o delírio crescia, comunicava-se, com

estrepidante rumor de batuque selvagem.

Gente acudia de longe, correndo; o terreiro encheu-se. E, até meia-noite, já no meu quarto, os sons bárbaros do caxambu atordoaram-me. Mas o canto e o estrupido foram esmorecendo e o silêncio caiu mais pesado e mais triste.

Tudo, porém, concorria para aumentar o meu tédio, e nessa noite rumorosa e alegre, mergulhando morosamente nos lençóis perfumados, saiu-me, por entre bocejos, esta exclamação do meu nojo:

"Antes o cárcere! Isto é deveras patriarcalmente besta!"

CAPÍTULO XXV

OS JORNAIS chegavam do Rio, todas as tardes, na mu1a ronceira do pajem, dentro do mesmo saco em que vinha o pão. Depois do jantar era a preocupação de todos, a própria D. Senhorinha com a sua austeridade de matrona, saía, de quando em quando, à porta para espiar o pajem e, mal ouvíamos bater a porteira, arrastávamos as cadeiras para a varanda e não há termos que exprimam a sofreguidão com que nos atirávamos às folhas, esperando sempre encontrar, em breves e sinistras palavras, como as que a mão profética traçou nos muros do palácio de Nabunahid, a notícia tremenda da destruição da cidade.

Os jornais traziam estirados artigos comentando, com invectivas, a crueldade do almirante, um ou outro caso de morte nas ruas, uma ou outra casa aluída, o retumbar do canhoneio, da manhã à noite; mas, animadora, como testemunho patente da alegria do povo, a quarta página vinha atulhada de anúncios de teatros, de jogos, largas promessas de bambochatas, partidos renhidos nos frontões, páreos disputadíssimos nas raias. O povo folgava e isso provava, à evidência, que a calma e a confiança não haviam ainda desertado as almas.

Uma tarde, porém, líamos sossegadamente a descrição de terrível bombardeio quando Amaro, em sobressalto violento que fez com que se despencassem os óculos, ergueu-se esgazeado, encarando-me mudo e lívido. D. Senhorinha precipitou-se sobre o marido aflita e Lavínia, pálida e trêmula, agarrou-se à minha cadeira num enfraquecimento de corpo, abalada de susto.

Amaro não se movia e todos nós tremíamos diante dele com terror pusilânime. Mas, readquirindo a calma, ele veio a mim com um dedo cravado na página do jornal, perguntando-me assombrado:

— Que é isto? Como se explica isto?

Andei com os olhos sôfregos pela folha até que Amaro adiantou-se em meu auxílio mostrando-me uma notícia:

— Lê isto aqui. – E li, num círculo de curiosidade, estas palavras falsas:

"Entre outros revoltosos civis que se refugiaram nos navios da esquadra, consta que se acha Josefino Soares, comissário de café, estabelecido na Rua

dos Pescadores. Amigo dedicado de Custódio de Melo, trabalhava, com entusiasmo no comércio, procurando levantar capitais para auxiliar os rebeldes, quando a polícia teve denúncia dos seus manejos. Avisado em tempo, conseguiu iludir a vigilância, fugindo. A princípio dizia-se que seguira para a Europa, a bordo do Nile, mais tarde constou que se achava em Minas. Hoje, porém, podemos garantir que esse heróico brasileiro, que assim fomentou o crime, assalariando os assassinos dos seus irmãos, acha-se a bordo do Uranus com outros próceres do sebastianismo."

O jornal escorregou-me das mãos e fiquei, muito tempo, atordoado como um homem que recebe insulto em público.

— E então? Que me dizes a isto? Como é que, estando a bordo do Uranos, podes estar aqui conosco nos Três Córregos? Não sabia que eras feiticeiro.

E Amaro ria, mal encobrindo a indignação. O padre encarava-me como se quisesse ler na minha consciência. Senti um grande calor nas faces, nem sei como não me escapou ali mesmo um palavrão no assomo do justo furor. Levantei-me de golpe, arremessando o jornal amarfanhado.

— Aí tens, Amaro. Está explicado por que não recebo cartas de mamãe. Violam-me a correspondência. E tudo isso por causa daquele imbecil do Forjaz.

O coração batia-me com força como em grande canseira e o suor escorria-me da fronte copiosamente; eu sentia-me demudado e Amaro veio acalmar-me:

— Descansa, homem. Isso até tem graça. Pois há lá alguém que acredite que te metesses em revoltas! Deixa-te disso. Vem dai.

Mas bradei:

— Vou ao Rio! amanhã mesmo. Vou ao Rio!

— Ao Rio? Estás doido. Matam-te! – exclamou Amaro aterrado e D. Senhorinha ajuntou com severidade:

— Daqui o senhor não sai!

Juntaram-se todos em torno de mim, opondo-se, e o padre disse-me bondosamente:

— Que me lembrasse que havia criado uma agravante terrível contra mim, fugindo. Os juízes fariam fatalmente a pergunta "se era inocente por que fugira?"

Mas eu estava como louco pensando em mamãe. Teria ela resistido àquela mentirosa e pérfida notícia? E Luís Farinha? e Anália...?

E, rapidamente, em vertiginosa visão, passaram-me pelo espírito dolorosos quadros: mamãe agonizando, Anália louca. Voltei trincando os

lábios. Lavínia sorria, de repente, porém, rompeu às gargalhadas, frenética, contorcendo-se, estirando rigidamente as pernas, com agudíssimos gritos.

Levaram-na em braços e houve em toda a casa grande rebuliço de negras aflitas.

Esquecido na varanda, desabafei o meu furor atirando punhadas e blasfêmias para o espaço sereno e morno que abelhas trêfegas cruzavam, mas retomei o jornal e, abrindo-o de novo, pus-me a considerar sobre a notícia que ali estava, ameaçadora como uma sentença. Em acesso de ira, fiz o jornal em pedaços que o vento levou, mas o meu prazer foi breve lembrando-me, consternado de que outras folhas circulavam intactas espalhando a notícia ao norte e ao sul.

Toda a gente lia o meu nome, uns enjoados cuspindo-lhe em cima o escarro infamante, outros aclamavam-no e foi-se operando em minh'alma uma lenta mudança, transição consoladora do ódio para a vaidade, da indignação para o sonho.

Transportado, enlevado, fiquei gozando esse heroísmo imaginário que me atribuía a folha, em primeira notícia entrelinhada e extensa. E a minha imaginação povoou-se de sonhos como no delírio do cavaleiro triste do poema.

Afigurava-se-me o mar, à hora ardente do combate. Para o fundo os montes levemente azulados, em frente a cidade branca, rebrilhando ao sol. Duma selva de mastros o meu navio, alteroso e garrido, saía, com a flâmula branca tremulando ao vento. A maruja intrépida, em celeuma de guerra, cantando, brandindo espadas, pedia sangue.

As fortalezas conotavam-se de branco: eram cúmulos que espocavam em jatos, fluindo densamente e esgarçando-se à flor dos mares, pelo céu afora, deixando nas abas das montanhas fímbrias alvas de névoa; e o estampido atroava longo, cavo, soturno. Outros cúmulos branqueavam entre a verdura dos morros e o vasto recôncavo da baía ficava reboando com o trovejar da artilharia. Pelo ar ululando, uivando, cruzavam-se granadas. E eu, impávido, cabeça ao vento, disparava a carabina sem descontinuar. O navio seguia sempre, envolto em fumo. Pouco a pouco, porém, desfazendo-se a bruma, fui revendo os campos, o céu azul, toda a paisagem e recai na realidade amarga como se despertasse dum sonho. Ficou-me nalma, como lenitivo consolador, a doce vaidade. Amigos e conhecidos deviam ter tido grande surpresa calcada de inveja lendo essa ruidosa notícia. Entre essa gente pacata do comércio meu nome devia andar de boca em boca, pronunciado com respeito quase religioso.

Na Rua do Ouvidor comentariam o meu embarque – à hora alta da noite,

em frágil barco de pesca, afrontando o mar e as balas como um Nelson. A própria Anália, por entre lágrimas, havia de sentir o coração orgulhoso, julgando-me a bordo, no tombadilho, entre mortos, atolado em sangue, de carabina em punho e, à tarde, quando começasse o bombardeio, muita gente havia de apontar o Uranus, dizendo: "Ali é que está o Josefino."

E óculos alongados buscariam descobrir-me entre a marinhagem, afoito e destemido. Só mamãe, no egoísmo do seu amor, devia estar sofrendo com a nefanda mentira. Talvez tivesse morrido.

CAPÍTULO XXVI

Os GRITOS lancinantes de Lavínia despertaram-me. Fiquei a escutá-los como se só então os ouvisse e não lhes soubesse a causa. Então decidi-me a informar-me do estado da menina, a interessar-me por ela. A casa parecia abandonada. Ao longo do corredor escuro pequenos esgueiravam-se em pontas de pés e o crioulinho, que ali engatinhara, sempre a gemer, olhava atônito, estendendo vagamente os braços esqueléticos. Na sala de jantar encontrei o padre. Vendo-me, arregalou os olhos fazendo com a cabeça um aceno de desânimo:

— É uma desgraça isto. É uma pena!

— Mas não está melhor?

— Qual! Isto dura! Não vai assim. Fica gelada, quase sem pulso. Um canto triste interrompeu-o, e ele disse, quase a chorar: Está ouvindo? É a coitadinha. Canta assim horas a fio, depois ri, chora, conversa. De repente volta-lhe a fúria e não há contê-la. Os médicos não lhe dão volta, dizem que é dos nervos. O pai já a levou ao Rio, tem-se feito tudo, tudo e é o que está vendo.

Lavínia continuava a cantar. Amaro apareceu amarfanhado com a camisa a espoucar-lhe da cinta, a gola aberta.

— Então?

Encolheu os ombros e pôs-se a compor o desalinho das roupas.

— Está 1á a cantar. – E concluiu: — Acaba louca.

— Ora, louca... Isso não tem gravidade. Mas por que foi? Ela estava tão bem...?

Amaro encarou-me como se me quisesses confessar alguma coisa, por fim atirou o braço com desalento:

— Sei lá! Isso vem assim, à toa. E suspirou. Leva, às vezes, dias sem dar acordo de si, como doida ou como morta – a olhar, a olhar ou então a dormir, um sono que parece a morte. Sei lá.

Sentamo-nos. O padre acendeu o cigarro. Amaro ficou a pensar, balançando a perna. Negras passavam por nós como sombras, sem ruído; cochichavam com o padre inclinando a cabeça sobre a mão espalmada e iam-se.

— Adormeceu.
— Tranqüila?
— Sim.

Amaro foi até a porta do quarto, escutou e, voltando, fez-nos aceno para que o seguíssemos. Saímos ao jardim.

A tarde começava a cair calma e melancólica. Andorinhas revoavam e longe, nas várzeas, a boiada mugia. Sentamo-nos no banco de pedra, sob os ramos do jasmineiro e Amaro contou-me miudamente, com pormenores íntimos e delicados, toda a moléstia da filha.

"Até os treze anos fora uma criança alegre, traquinas, de inteligência viva. Andava como um rapaz – era pelos montes, metida n'água, trepada nos carros, subindo em árvores; sozinha atravessava a mata, entrava nas danças das negras e todos queriam-na. Um demônio! Certa vez, montando um animal em pelo, meteu-se pelo cafezal. Os negros viram-na passar, gritaram, puseram cerco ao potro e, quando conseguiram prendê-lo, a pequena ficou como uma fúria. Estava toda arranhada, com o vestido em tiras e teria morrido se os negros não houvessem corajosamente tomado a frente ao cavalo, que era fogoso. Vendia saúde. Com a puberdade veio a mudança: tornou-se outra – macambúzia, doentia, frenética. Passava os dias na cadeira de balanço, lendo ou trancada no quarto. Às vezes encontravam-na chorando, com o olhar perdido, imóvel como uma estátua. Uma noite acordou aos gritos, assombrada – que vira um vulto de branco junto à cama e, desde então, eram seguidos pesadelos, visões... Não há muito, estávamos à mesa do almoço, quando a vimos empalidecer abrindo muito os olhos, estendendo os braços como a repelir uma aparição: Fora o avô que lhe aparecera, disse-nos, depois, e o interessante é que não o tendo conhecido, nem de retrato, descreveu-o com todos os traços, jurando que o vira à mesa, sorrindo, encarado nela, a estender-lhe a mão abençoando-a.

"À noite, não se deitava sem examinar, com luzes, todos os cantos do quarto, espiando debaixo da cama e desde então sempre uma negra faz-lhe companhia. Mas não lhe haviam ainda aparecido os ataques e foi com a morte de um cão de estima, um grande terra-nova, que ela teve o primeiro. Todavia, não era muito afeiçoada ao animal, achava-o bruto, enxotava-o da sala quando o via entrar, abanando a cauda festivamente. Era pelo tempo da colheita quando um moleque, que rodava o café no terreiro, começou a gritar que o Leão estava morrendo.

"Lavínia estudava piano, mas vendo-me passar a pressa, levantou-se assustada e pálida, indagando. Eu disse-lhe que era o cão que estava morrendo e ela precipitou-se aflita, descendo as escadas a quatro e quatro.

"O Leão agonizava sobre o estendal de café, ao sol, e quando Lavínia apareceu junto dele o animal soergueu-se bambo, a boca aberta, fez uma lenta volta e tombou, morto. Lavínia tornou-lhe ao colo a grande cabeça, chamou por ele com aflição, desesperada, mas começou a arquejar e derreou-se a rir, caindo por terra às gargalhadas, debatendo-se como louca.

"Foi um trabalho para contê-la e durante duas horas esteve como morta. Desde então, à menor contrariedade, ei-la com o ataque – começa a ficar fria, desata a rir, chora, depois o canto e é isto que está vendo.

"Os médicos dizem que é moléstia nervosa . . . outros atribuem ao meu casamento, porque Senhorinha é minha sobrinha. Não sei! Tenho tentado tudo! Agora, então, são mais seguidos, não se lhe pode dizer nada, sente-se de qualquer coisa. Há dias em que acorda melancólica, não dá palavra, não come, isola-se, e se a mãe fala-lhe responde tremulamente: Que a deixem, que está com vontade de chorar e rompe em pranto e chora até que lhe passe o que ela chama, coitada! "a sua nuvem". E é mesmo como uma nuvem – passada a crise, enxuga os olhos e fica outra: ri, canta, conversa. Parece até que a lágrima é que lhe causa incômodo, enchendo-lhe o coração.

"Não sei que é, meu velho, mas confesso-te que nunca vi natureza assim. Tenho pena; é uma criança. Já me falaram em casá-la... Naturalmente, não a quero para freira, mas também não hei de oferecê-la nem tão pouco entregá-la ao primeiro que apareça. É uma menina amorosa e meiga, tem a sua educação, nada lhe falta, não é para cair nas mãos de um perdido que a maltrate, isso não.

"A mãe desconsola-se, fica que é uma lástima todas as vezes que vê a filha nesse estado, e isso ainda mais me incomoda. Já me lembrei de levá-la à Europa, mas se os médicos aqui não lhe deram volta, que hão de fazer os outros? Depois não sei que tenho com o mar, parece-me sempre que me vai acontecer alguma coisa quando penso em viagens. Nunca saí disto – é daqui para o Rio, do Rio para aqui. Isso d'águas salgadas não é comigo. Seja o que Deus quiser!"

Pelo céu, que o crepúsculo empalidecia, nuvens amontoaram-se, densas, plúmbeas, como a fumaça enovelada dum incêndio.

O padre, entre as planturosas couves repolhudas, fiscalizava um velho negro que ia regando os canteiros e a água ruflava nos legumes viçosos que se espanejavam, desabrochando com volúpia sensível, derreando-se como a caricia amorosa.

CAPÍTULO XXVII

UM CHEIRO de terra úmida subia e a calha de taquaraçu jorrava sempre com fresco murmulho, transbordando duma azequia para outra por um rego que cortava a horta em cruz. Mas Amaro bradou – que não valia a pena regarem, porque a chuva estava a cair. O padre, porém, sorriu, deu d'ombros olhando o céu que, de espaço a espaço, relâmpagos fulminavam.

Aves vinham dos matos procurando a casa: pintainhos, galinholas, perus tufados, de cauda aberta, grugrulejando. Ao longe chiavam carros. Negros desciam cantando e passavam saudando em nome de Cristo com o chapéu muito alto ou esticando o braço, a mão aberta, pedindo a bênção: uns pelos caminhos baixos da planície, outros pelos carreiros da colina, em rumo da mata.

Lufadas de vento revolviam as folhas secas, levantavam torvelins de poeira. As árvores desgrenhavam-se com ruflalhada violenta; e o céu escurecia como imensa ardósia.

Vendo-me pensativo e calado, Amaro saiu-se com uma facécia chamando-me revoltoso, querendo saber que plano eu engenhava. E a conversa tornou ao meu caso. Dizendo-lhe eu que ia escrever à mamãe, a Luís Farinha, para que refutassem a notícia declarando o meu paradeiro com uma razão que explicasse a minha retirada: enfermidade, negócios; Amaro encarou-me pasmado.

— Que não pensasse em tal, nada de cartas, eram todas abertas no correio e, conhecido o meu refúgio, podiam armar-me uma cilada. O melhor era deixar-me estar quieto. Para tranqüilizar mamãe, ele mandaria um próprio ao Rio, o Alfredo, um pajem inteligente: conhecia a cidade, podia até trazer as senhoras, se eu quisesse.

Resignei-me, e ficou assentado que o Alfredo partiria no dia seguinte, levando cartas para mamãe, para Luís Farinha e para Anália, informando-os minuciosamente do meu destino.

Falávamos quando uma rajada tempestuosa estortegou o arvoredo em convulsão de cataclismo. O céu fulgurou em esplendor de explosão e um estrépito retalhou os ares taciturnos como ao rebentar de uma granada.

Grossas gotas de chuva bateram na terra com força, levantando poeira. O

padre veio a correr, curvado. Os arbustos do jardim estorciam-se perdendo folhas que voavam levadas em turbilhão pela ventania. Névoa espessa encobria os montes, espectros de árvores iam esmaecendo e desapareciam, como se o horizonte viesse caminhando, devorando a paisagem e um estrépito, como de marcha, aproximava-se soturno.

Clarões alumiavam o espaço turbado pelos nimbos como as derradeiras faúlhas que serpentinam rápidas em papel queimado. Bateram janelas, caiu uma grande sombra e o aguaceiro jorrou em dilúvio, grosso, cerrado, escachoante. Fugimos.

Em pouco, pela colina, escorriam vastos lençóis d'água barrenta, vermelha, como o sangue vivo da terra escoando da ferida aberta pelo dardo fulminante. Pelos caminhos precipitavam-se corredeiras cavando brocas, abrindo barreiras, derrubando cercados. Formavam-se cachoeiras em todas as alturas; águas copiosas rolavam com estridor pelos flancos dos morros lavando a terra, e fecundando as raízes que as soalheiras queimavam e estarreciam.

E as árvores pareciam bailar contentes, mal se lhes viam os ramos eriçados através dos fios diáfanos da chuva que zimbrava à feição do vento trepidando nas telhas, entrando pelas janelas e a mata desesperada, aflita, debatia-se sôfrega como se procurasse desenraizar-se e fugir à tormenta cujo furor crescia.

Figuras de negros passavam mal distintas na transparência da chuva; e silvavam guinchos lamentosos, uivos tristes do vendaval desabrido. A porteira bateu com força; nada se avistava para o alto donde desciam jorros abundantes de água passando devastadoramente, entornando-se pelas ravinas. Mas um mugido atravessou o estrupido das torrentes que se despenhavam, alto, longo, lamentoso.

Era o gado que vinha dos campos, batido pelo temporal, deslumbrado pelos relâmpagos, vergastado pelo aguaceiro, galgando os íngremes pendores escorregadios, atolado n'água lodosa, trilhando os pastos inundados, quase em trevas, apenas alumiados, de instante a instante, pela fosforescência da tempestade.

E o primeiro touro apareceu assustado, escorrendo água, tonto, olhando sem saber o rumo do curral, e berrava esticando o focinho para o lado da casa como a pedir socorro. Outros chegaram em tumulto, as vacas com os seus novilhos e reunidos em lote, os cornos emaranhados ficavam à chuva pacientes, achegando-se apertadamente como para afrontarem juntos a fúria do céu.

Os campeiros bradavam, apareciam, desapareciam e ouvia-se o

chapinhar das patas que iam trepidamente pelo lodaçal, caminho do cercado. Mas um grande touro desgarrou para a colina e solitário, enorme, dentro do aguaceiro, ficou parado, imóvel, mugindo lamentosamente.

Amaro sorria satisfeito, abençoando a chuva:

— Deus te mande!

E radiante, fechando as janelas, porque já haviam trazido a lâmpada para a sala:

— Veio a tempo, felizmente. Com mais uns dois ou três dias de sol, como o de hoje, eu não colhia seis carros de milho. Isto é a benção de Deus.

E a tempestade fora zunia, enchendo a noite de uivos.

CAPÍTULO XXVIII

À LUZ TREMENTE e lívida de uma vela, ouvindo gemer o vento, fui escrevendo vertiginosamente, enchendo largas folhas de papel com a narração minuciosa das minhas horas nostálgicas, do meu desânimo, das agonias do meu desterro, das apreensões constantes do meu espírito e já a mesa estava coberta de papel escrito quando ouvi leves passos no corredor, vozes surdas, cochichadas em mistério. Pousei a pena prestando o ouvido, mas os rumores foram-se tornando indistintos, distanciavam-se, perderam-se, caindo de novo o grande e melancólico silêncio.

Pus-me a reler o que escrevera, corrigindo frases, quando percebi que choravam. Lembrando-me de Lavínia, que eu deixara prostrada, fui até à porta e abri vagarosamente para espreitar, mas o padre estava defronte, entre negras, com um castiçal onde ardia um coto de vela e pasmou de ver-me de pé àquela hora da noite.

— Estava às voltas com a minha correspondência, – disse-lhe e, vendo a Antônia, uma negra agigantada, soluçando, perguntei: que havia?

— É o Pedro, esse pobre crioulinho que vivia aí atirado às moscas. Está a expirar. É uma felicidade a morte para esse desgraçado.

E a Antônia, com voz máscula, acrescentou:

— E a mãe ninguém sabe dela. Já se mandou por aí e ninguém dá conta do diabo!

— Deixou o filho só?

— Sim, senhor. Se não fosse uma negrinha que ficou com ele, o inocente morria no escuro, sem ninguém.

O padre, protegendo a chama da vela com a mão em concha, ia seguindo quando resolvi acompanhá-lo.

— Espere um instante, vou também.

Voltou-se recomendando que me abafasse: Estava uma ventania medonha e tínhamos de fazer a volta do quadrado. Tomei, às pressas, a minha capa e acompanhei-o.

Chovia ainda e o vento ululava na mata. O corredor em trevas era apenas alumiado escassamente pela chama oscilante da vela que o padre levava. Os cães levantavam-se à nossa passagem, espreguiçando-se. Na casa era

absoluto o silêncio; no quadrado, porém, estavam todas as negras de pé, iam e vinham, cochichando: velhas, muito encolhidas, resmungavam contra Maria Rita, indignadas com a indiferença da negra.

Nas senzalas ardiam pequenas fogueiras enfumaçando o interior, uma apenas estava em completa escuridão – era o fumeiro do "Pai Quimbande". Mas o negro rosnava, enxotando cães, praguejando, grugrulejando um canto gutural. Ao lado era o cubículo da Maria Rita.

À porta havia um ajuntamento de negros que nos saudaram, afastando-se respeitosamente à nossa passagem. Penetramos.

O interior, alumiado por diversas candeias de azeite, que espichavam chamas fumarentas, tresandava a sarro e a suor – o fumo ondulava, tornando o ar espesso e morno; em meio da sala, de terra batida, crepitavam gravetos. De uma corda pendiam roupas.

Negras, acocoradas ao longo das paredes ou sentadas, as pernas estendidas, fumavam cachimbos e, em torno do jirau em que jazia a criança moribunda, duas velhas, de pé, os braços cruzados, pareciam esperar a morte do inocente para fecharem-lhe os olhos. Quando entramos houve um rebuliço – levantaram-se todas em silêncio.

O padre correu os olhos pelas mulheres:

— Que é da Rita?

Uma das velhas respondeu:

— Não se sabe dela, não senhor. Já se correu tudo. Ind'agorinha mesmo chegou José campeiro que foi até o paiol. Parece que ela está na casa de José Clemente.

— Pois é preciso que alguém vá chamá-la. Que venha, ao menos para abençoar o filho.

Houve um sussurro entre as negras e um moleque levantou-se amuado, resmungando:

— Que já estava estrompado. Não tinha faro de cachorro para descobrir aquela vagabunda. Havia de ir com uma noite daquelas, pra lá da mata atrás dum diabo que não tinha vergonha?

Mas cochicharam:

— Olha seu padre... Olha o moço, José. Cala a boca.

E o moleque, atafabando-se com uma capa grosseira, tomou de um cajado e, carrancudo, saiu para a noite, resmungando.

— E o carapina? – indagou o padre. – Também se não importa com o filho?

Disseram que estava na estação, tinha ido com o carro. E caminhamos até junto do jirau que duas candeias alumiavam.

O pequeno, deitado sobre panos, tinha os braços nus, abertos como um crucificado. Os olhos imensos rolavam com agonia, a cabeça enorme agitava-se e, por vezes, fino gemido fugia-lhe do peito e o rosto contraía-se-lhe em esgar de choro. As mãozinhas abriam-se, fechavam-se em crispações de angústia.

O padre, muito trêmulo, fungando, curvou-se sobre a criança, chamando-a:

— Pedro! Pedro! – e descobriu-a.

O crioulinho estava nu. Do grande ventre empanzinado partiam duas perninhas magras, engelhadas; os joelhos saltavam muito agudos. O peito, cavado em profundos sulcos entre as costelas, arfava aflitamente .

Às vezes os olhos giravam com ânsia, o ríctus contraía-lhe o rosto, escancelava-se-lhe a boca e as velhas diziam com tristeza contemplando-o:

— Está procurando a mãe, pobrezinho! Está procurando a mãe.

Levantava-se um sussurro de indignação, algumas negras praguejavam, persignando-se:

— Nunca tinham visto coisa assim... ! Nem bicho. Era mesmo preciso não ter coração. – E a Antônia, com a sua voz forte de virago, jurou que o crioulinho "não morria de moléstia de Deus, mas de fome, isso sim!"

O padre pigarreava, e encarou-lhe com ar de espanto:

— Há criaturas que não parecem ter alma. São piores que animais. Como é que se deixa uma pobre criança assim abandonada?

E, abrindo o paletó, com mão trêmula, tirou do bolso um pequeno crucifixo de bronze pousando-o com veneração à cabeceira do moribundo. Houve ligeiro movimento entre as negras quando apareceu a imagem com um brilho fosco à luz e o padre, aproximando mais o Cristo da criança, que parecia insensível, de olhos parados, arquejando, disse comovidamente:

— Ao menos aqui tens o Senhor para tua companhia, já que tua mãe...

Mas uma das velhas adiantou-se:

— Está morrendo. Está morrendo, seu padre.

E houve um murmúrio lúgubre:

— Deus te leve pro reino da Glória!...

As negras levantaram-se formando círculo em volta da criança que ficou imóvel, de olhos muito abertos em fixidez de espanto. Silenciosamente, vagarosamente, retiramo-nos.

O padre, revoltado com o precedimento da negra, que refocilava nas tarimbas, devassamente, esquecendo o filho, vaticinou a próxima extinção da raça:

— Vai acabando na miséria e no vício: Os homens vivem por aí

bêbedos, caídos pelos caminhos, preferindo a fome ao trabalho; andam rotos, cadavéricos, mas não querem saber da enxada. As mulheres são assim, com poucas exceções. Já aqui tivemos uma que, uma noite deixou o filho pequeno na estrebaria, num monte de palhas úmidas, enquanto dançava; embriagou-se, e, na manhã seguinte, o pajem encontrou a criança morta, pisada pelos animais. É pena porque não há melhor gente para o serviço, – lamentou.

À porta do meu quarto despedimo-nos. Recolhi-me, mas só para a madrugada consegui adormecer, impressionado, ouvindo vagamente o choro triste do crioulinho abandonado.

CAPÍTULO XXIX

O DIA AMANHECEU sombrio e úmido. Lavínia passeava pelo corredor, de cabelos soltos, quando sai do quarto. Vendo-me, corou e sorriu, respondendo, de olhos baixos, à minha saudação. Amaro vociferava à porta da cozinha e quando me viu, desfranzindo a fronte, desabafou:

— Já viste? É um desaforo! Pois essa negra, com o filho doente, não é que se foi meter em samba toda a noite? É uma pouca-vergonha!

E berrou para o quadrado, por onde andavam crioulas:

— Pois estão enganadas! Quero muito respeito aqui dentro, senão levo tudo a relho, canalha! Quem sabe se isto aqui é o curral do concelho súcia de vagabundas! Pois de agora em diante o portão do quadrado não me dorme aberto, quero todas aqui, à noite! – E, mais calmo, falando-me: – É uma falta de respeito. Um diabo que nunca deu um banho no filho. Andava a pobre criança por aí coberta de moscas como carniça e, ainda por cima, com fome... e essa vagabunda metida com os negros.

Maria Rita aproximava-se trombuda, e Amaro investiu de punhos cerrados, colérico, atirando-a de encontro a parede:

— Ainda estás resmungando? Que é? Ainda estás resmungando?

A negra, encolhida, torcia o avental sórdido, sem levantar os olhos e, vagarosamente, foi seguindo, colada à parede, até à cozinha.

Lavínia interveio:

— Está bom. Vamos para dentro.

Entramos.

O padre, diante de uma pequena mesa, arranjava, com velhas flores de pano, uma coroa, procurando colocar um beija-flor ressequido entre as rosas fanadas. O cigarro tremia-lhe nos beiços e ele fungava, muito preocupado com o seu trabalho de florista. Sobre uma cadeira estava uma grande caixa cheia de insetos espetados, em alfinetes.

Mas o padre lidava com o beija-flor, sem achar lugar onde o pusesse. Paramos admirando a obra caridosa do reverendo, e Lavínia, risonha, interrogou-o:

— Que flores são essas, padrinho?

— Umas rosas que eu tinha lá dentro, foram de um ramo. E quero agora

arranjar com elas uma coroazinha para o pequeno.

— Mas vais enfeitá-la com essa bicharia toda, homem? – perguntou Amaro.

E o padre, com o cigarro babado a tremer-lhe nos beiços flácidos, tomou o beija-flor entre os dedos manchados de fumo, dizendo:

— Não, vai só o pássaro; como estava na caixa trouxe-o. Vai só o pássaro e fica bem. Fica bem!

Curvou-se e, trêmulo, sorvendo a saliva, passou um fio de arame por baixo das asas da avezinha, prendeu-a à coroa, suspendendo-a para que parecesse pousada sobre as flores. Quis abrir-lhe as asas, mas um estalo seco desanimou-o. Contemplou satisfeito o trabalho e foi-se vagarosamente com ele, a caminho da senzala, para ornar o esquife da criança.

Ao fim do almoço o Alfredo apresentou-se pronto para partir. Amaro pediu-me as cartas, corri a buscá-las. E acompanhamos o pajem para vê-lo montar e segui-o com os olhos até que desapareceu no alto, batendo a porteira.

Fiquei profundamente triste. Parecia-me que o meu exílio ia tornar-se mais longo depois da partida dessas cartas cheias de queixumes; e, pensativo, lembrava-me dos meus queridos ausentes, quando Lavínia apareceu risonha e foi a primeira vez que me falou com intimidade:

— Está tão triste!? – Sorri, encolhendo os ombros, levantando os olhos para fitá-la: Quer vir comigo ao jardim? Vou ver se arranjo algumas flores para o Pedro. Já que mamãe não quer que eu faça a camisinha, levo-lhe flores. Quer vir comigo?

Levantei-me para acompanhá-la e descemos.

A terra, úmida e mole, lentejoulada de pirite, afundava sob os nossos passos. Os ramos esparziam orvalho quando os afastávamos para passar.

A verdura dos cerros parecia mais tenra depois dos aguaceiros. Os montes, copiosamente lavados, destacavam-se, muito azuis, nos horizontes pardacentos. Os canteiros estavam juncados de pétalas; as rosas, sacudidas violentamente pela tempestade da véspera, desfolhavam-se, e raras flores podíamos conseguir para enfeitar o esquife do pequenino cadáver.

Passando por baixo das esponjeiras, Lavínia perguntou-me de improviso:

— Então queria partir? Por quê? Acha isto aqui muito aborrecido, não é?

— Não, senhora, mas tenho lá minha mãe, uma pobre velha, doente. Demais, o que principalmente me fez pensar em partir, foi aquela notícia. A senhora compreende que, não sabendo mamãe onde me acho e lendo em um jornal que eu estava a bordo de um dos navios da esquadra, é natural

que tenha acreditado e que momentos cruéis não terá passado a pobre velha julgando-me ferido, morto... quem sabe lá?

"No Rio os boatos multiplicam-se, são dez, vinte por minuto. Como inventaram que fui para bordo, podem inventar mais... e minha mãe... Deus me livre! Nem é bom pensar em tal. Quando embarquei nem me despedi dela porque a deixei com um ataque, nos braços de minha tia.

— Por que não escreve?

— Já escrevi e se não tenho resposta é porque não lhe entregaram a minha carta.

— Talvez. Mas agora não tem razão para estar triste. Hoje mesmo ela terá notícias suas, disse, – e, curvando-se, passou por entre as esponjeiras já com uma abada de flores.

Eu ia colhendo e atirando para o côncavo do avental que ela trazia: cravos, cravinas, bogaris, o que encontrava nas moitas.

Ela tornou:

— Eu sei que a vida aqui é muito triste; não há distrações, é sempre a mesma coisa. Aqui só para os que não têm remédio, como eu. Enfim, já estou habituada. – Sorriu mostrando-me os lindos dentes alvos. – Nasci aqui e só fui ao Rio duas vezes, mas por pouco tempo. Tenho ido mais a S. Paulo, passar com minha tia. Conhece S. Paulo?

Afirmei, curvando um ramo para colher umas florinhas miúdas, cor de sangue, que haviam resistido à tempestade.

— Mas a senhora, pelo que me disse seu pai, está aqui porque quer. Ele já até propôs mudarem-se para o Rio. – E ajuntei maliciosamente: Quem sabe se há por aqui nestes bosques algum laço que prende o seu coração?

Ela voltou-se pálida, encarou-me algum tempo e, baixando os olhos, murmurou:

— Agora... quem sabe! Fiquei aterrado e não achei uma palavra para responder à declaração formal e abrupta de Lavínia que me lançava furtivos olhares como para descobrir nos meus olhos a impressão que produzira o seu afoito galanteio. Vendo-me calado, adiantou-se passando o braço por entre os galhos espinhosos das esponjeiras, trêmula, nervosa, esmagando as florinhas nos dedos e foi distanciando-se de mim, muito vermelha, cantarolando.

Não tive ânimo de segui-la, impressionado com a sua frase que me ficara viva nos ouvidos, zumbindo com a insistência de um remorso.

— Vamos? – disse ela, por fim. – Está muito úmido aqui.

Caminhei e, alcançando-a, ela perguntou-me baixinho, comovida:

— Está zangado comigo?

— Zangado? Por quê?

Mas todo eu tremia, superexcitado. Estávamos entre ramos, as esponjeiras escondiam-nos e Lavínia voltou-se e encarou-me.

Meus olhos fitaram-na e notei que o seu colo arfava. A cor dos lábios esmaecia; desbotavam-se-lhe as rosas das faces e, como esquecida, deixou cair uma das pontas do avental e as flores rolaram espalhando-se na terra.

Abaixei-me e ela, só então, percebeu e deixou escapar um gritinho; abaixou-se também e junto começamos a recolher as flores. Por vezes os nossos dedos encontravam-se, ela levantava os olhos, fitava-me sorrindo, e, muito perto de mim, sem levantar a cabeça, balbuciou:

— Está zangado, sim.

— Não estou. Zangado por quê?

— Jure!

— Por Deus! Mas por que havia eu de zangar-me? Que me fez a senhora...?

Ela, então, erguendo-se de golpe, atirou-me à cabeça um punhado de flores e fugiu, arisca como uma corça. De longe, porém, voltando-se, sorriu de novo fazendo um momo e desapareceu por entre os flamboyants que ensombravam uma volta do jardim, quase em frente ao meu quarto.

Foi para mim uma triste surpresa esse fato. Como poderia eu 'viver ali, alimentando um amor impossível no coração virgem e impetuoso dessa moça enferma? Que havia de fazer? Como dizer-lhe a verdade: que era noivo, que não podia amá-la... E Amaro? Lentamente, revolvendo no espírito esses pensamentos, subi para a varanda onde Amaro digeria, preguiçosamente esticado numa cadeira de lona. E sentei-me.

Lavínia reapareceu no jardim, cantarolando, arrancando folhas dos arbustos, sempre a fulminar-me com olhares furtivos. Ia e vinha, e vendo-a, correspondendo com sorrisos aos seus sorrisos, eu imaginava os dias tremendos que me estavam reservados, dias de luta com essa criatura quase selvagem, franca como a natureza, ardente como animal bravio, que confessava o seu amor sem rebuço, com a impudência ingênua dos simples.

Encerrada entre aquelas árvores, era a primeira vez que um homem lhe aparecia demorando-se diante de seus olhos, falando-lhe com intimidade, vendo-a na singeleza encantadora dos seus vestidos domésticos, sempre a seu lado da manhã à noite.

Quem passava por ali? viajantes em trânsito, gente rústica, caçadores que pediam licença para dar cerco a um animal que entocara em terras dos Três Córregos e, raro em raro, um bufarinheiro que pernoitava partindo de madrugada.

Era eu o primeiro homem que ela via com a sem-cerimônia da intimidade e habituou-se comigo; procurava-me, sentia a minha ausência e, se me demorava no quarto, ela sempre descobria pretexto para ir rondar o corredor, esperando-me como para ser a primeira a dar-me os bons dias.

Entanto esses fatos nunca me haviam feito suspeitar, foi preciso que ela fosse ao extremo da confissão para que, recapitulando todos os antigos incidentes, eu chegasse a convencer-me de que esse amor já, de muito, martirizava-lhe o coração ingênuo.

CAPÍTULO XXX

AMARO, despertando da modorra e vendo-me distraído, d'olhar fito, falou-me:

— Já estás aí a pensar em coisas, homem. Deixa-te disso, coração à larga. Nada de tristezas. O Alfredo pode estar de volta depois de amanhã. Descansa.

A voz de Lavínia, muito meiga, passava por entre as esponjeiras numa cantilena campesina. Amaro, ouvindo-a, ergueu-se incomodado e chamou-a:

— Que entrasse! Aquilo lá fora estava ainda encharcado, podia apanhar um resfriado. Que viesse para dentro.

Mas Lavínia, de longe, protestou: que a terra já estava seca, não havia perigo!

Amaro, porém, levantando-se, lançou os olhos pelo jardim procurando-a:

— Onde estará metida essa menina!...

A voz meiga orientou-o e ele não se conteve, alarmado:

— Sentada no chão, minha filha! que é isso? Vem para dentro.

Efetivamente Lavínia sentara-se à beira de um canteiro, debaixo das esponjeiras e, cantarolava desfolhando galhos. Ouvindo o pai e vendo-o, fugiu, a rir, a cabeça enfeitada de esponjas como pequeninos botões de ouro.

D. Senhorinha, que eu não vira ao almoço, apareceu à tarde, alquebrada, arrastando as pernas. Passara o dia na rede, sem ânimo de levantar-se; tinha o corpo moído, disse-me. E, sentando-se, de mãos ao colo, ficou a suspirar, reclamando um médico porque já não podia com o martírio daquelas dores. "Parecia, às vezes, que lhe estavam raspando os ossos."

Estávamos numa grande paz quando o padre veio dizer-nos que o Pedro ia sair. Quase no mesmo instante um velho negro surgiu no caminho, vagaroso, levando à cabeça um tabuleiro, coberto e acogulado de flores. A coroa de rosas lá ia em cima ornando o pequenino esquife rústico e um velho cão esgrouviado seguia o enterro.

O negro, oscilando nas pernas tortas, fincando o cajado na terra balofa,

subia cantarolando monotonamente e já havia desaparecido entre as barrancas, quando Maria Rita passou com uma enxada ao ombro.

Amaro levantou-se inopinadamente.

— Onde vai? Eh! Onde vai?

A negra parou e, mostrando a enxada, disse:

— Vou fazer a cova.

— Então não há aí um homem para abrir um buraco?

— Não há não, senhor. Estão todos na roça.

— Estão na roça ...! Pois sim. – E, ameaçando-a: – Vá! mas à noite quero-a aqui no quadrado, entende? Vadia!

E a negra, baixando a cabeça, foi subindo pelo caminho íngreme seguindo o negro que, já no alto, cantava levando o esquife da criança.

CAPÍTULO XXXI

COMEÇOU PARA MIM uma nova existência. Os dias corriam enevoadamente, em desfiar monótono, ramerrameiro e tristonho, mas como um raio de sol descendo pela fresta dum cárcere, consolava-me a esperança da volta do Alfredo.

Todas as tardes, íamos devagarinho, em grupo, até a porteira espiar os caminhos, distrair os olhos na paisagem e era doce o bom ar vesperal que se respirava na altura, entre as grandes árvores.

Passavam por nós os grandes bois recolhendo, os mansos carneiros, a cavalhada e, sentados nas barrancas, deixávamo-nos estar, às vezes até o nascer da lua, só descendo quando a claridade serena alagava as campinas e as montanhas.

Às vezes, alta noite, ouvindo rumor no terreiro, eu abria pressurosamente a janela pensando no pajem. Talvez fosse ele que um atraso de trem houvesse demorado. Ficava à escuta mas recolhia-me desolado e, antes de adormecer, quantos pensamentos se me revolviam no espírito!

Para combater os meus cuidados Lavínia, com solicitude amorosa, inventava surpresas. As mais lindas flores do jardim eram para os pequeninos vasos que haviam aparecido no meu quarto: dois vidros de perfume, intactos, ornavam o meu lavatório; o tapete, que havia aos pés do leito, foi substituído por um couro de veado e, diariamente, eu encontrava uma novidade nesse aposento que uma fada parecia zelar. Não raro, durante o dia, encerrando-me para ler, sentia alguma coisa cair no soalho ou no leito – eram flores, folhagem, e, se eu chegava à janela, via sempre Lavínia entre as moitas, com mancheias de rosas.

Para evitá-la passava os dias no quarto folheando velhas revistas, O Mosquito, A Semana Ilustrada ou lendo romances pantafaçudos. Chamavam-me para as refeições e D. Senhorinha foi a primeira a notar a minha concentração: "Que estava ficando jururu, muito enconchado." Queixei-me de moléstias, moleza de corpo, enxaqueca.

Lavínia, porém, uma noite, veio sentar-se a meu lado, na varanda, enquanto os pais, que haviam arrastado cadeiras para o jardim,

conversavam baixinho, ao luar.

O padre, na sala, à luz da lâmpada, separava insetos. Uma viola cantava ao longe e os grilos, na alegria da claridade, estridulavam vibrantemente. Sussurrando, para que eu apenas ouvisse, ela anunciou-me – a sua partida: ia para S. Paulo. Encarei-a sem uma palavra, com o coração aos esbarros. E ela insistiu: "Não queria aborrecer-me... " E inclinou a cabeça.

— Está chorando? – indaguei.

— Não.

Calamo-nos. De repente ela levantou-se, atravessou a sala, quase a correr, sufocando soluços. O padre, que parecia entretido com as suas coleções, ergueu os olhos e acompanhou-a, depois voltou para o meu lado o olhar.

Na penumbra eu podia observá-lo sem que ele notasse e vi que sorria com um inseto entre os dedos examinando-o à luz da lâmpada. Os lábios tremiam-lhe; olhou de novo para a varanda e baixou a cabeça, entregando-se de todo ao seu trabalho. E, nessa noite, Lavínia não apareceu ao chá.

No dia seguinte a mesma ansiedade pela chegada do pajem; o próprio Amaro parecia inquieto:

— Teria acontecido alguma ao rapaz?! Ele era afoito, curioso. Quem sabe se não fora apanhado por alguma bala! Os jornais não davam notícia, mas nem tudo os jornais diziam.

Mas o padre lembrou:

— Que o podiam ter recrutado – era um rapaz novo, forte, bonita figura... e o recrutamento estava sendo feito às escâncaras, até nas estações pegavam gente.

Todos concordaram.

— Não é outra coisa!... – afirmou Amaro consternado. – O rapaz já podia estar de volta. Há seis dias que partiu e ele não é de folias. Aconteceu-lhe alguma, não há dúvida.

E teve um assomo de revolta:

— Nem durante a guerra do Paraguai! Afinal, como se havia de viver? Escrevia-se, o correio dava sumiço às cartas; a estrada de ferro não despachava os volumes encomendados e, se se mandava um portador, deitavam-lhe a mão! Era uma infâmia! E se ele fosse para buscar remédios, num caso de moléstias? o doente que morresse, porque o governo não tinha nada com a vida dos outros, queria soldados!

E, ameaçador, ponderoso, falando pausadamente:

— Ah! isto não acaba bem. Esses homens estão provocando o povo... estão provocando o povo... e saem-se mal! – Mas concluiu: Não há que ver:

recrutaram o rapaz.

Rapidamente espalhou-se pelo quadrado a notícia de que o Alfredo havia sido recrutado e estávamos ainda à mesa quando irrompeu na sala uma velha negra, soluçando, a perguntar baixinho, humildemente, por ele: "se tinha sido preso, se estava na guerra."

Amaro respondeu em tom seco:

— Não, Balbina. Não se sabe ainda. Quem te falou nisso?

A negra estendeu o braço magro para o quadrado, sem uma palavra. Seus olhos fundos estavam marejados d' água.

— Não se sabe ainda, Balbina, – Disse D. Senhorinha, muito calma.

E a negra, de mãos postas, ergueu os olhos piedosos.

— Ah! meu Pai... é ele só que eu tenho! é ele só...!

E, mantendo o gesto súplice, dirigiu-se a Amaro:

— Ah! meu senhor... Se agarram meu filho que há de ser de mim?! – E ajoelhou-se com a cabeça derreada, a soluçar: Coitada de mim! Coitada de mim!

Amaro erguia-se impaciente quando a negra perguntou, em voz sumida e lacrimosa:

— É muito longe onde ele está, meu senhor?

— Não, Balbina. Ele vem aí, descansa. Vai lá para dentro. Teu filho vem aí.

A negra ergueu-se tremulamente e foi-se, parando, de espaço a espaço, de mãos postas.

O padre, que ouvira calado, falou-me com tristeza:

— Veja o senhor! Como esta há muitas que andam por aí chorando.

E Amaro afirmou surdamente:

— Pois não há que ver. O rapaz foi recrutado.

E assim, nessa expectativa ansiosa, correram duas compridas semanas, e, até novembro, dia por dia, a minha vida foi um lento bocejo, uma tediosa e infinita modorra.

Amaro opunha-se às minhas idéias de escrever cartas, de telegrafar, sempre receoso de alguma perfídia, garantindo que era perder tempo e trabalho, porque nem cartas nem telegramas chegariam ao destino e, como desabassem grandes chuvas, propôs-me mandar o Padre Bento ao Rio logo que voltasse o sol. Ele, por certo, não seria confiscado para as fileiras, era um ministro de Deus, carregado de anos.

O padre, com a resignação de mártir, apenas sussurrou – que estava pronto. Não obstante os seus velhos anos, resistia bem às viagens, tanto que afrontava estiradas léguas íngremes através das montanhas, para visitar as

suas capelanias, espalhando o batismo pelos cerros, como um missionário. Logo que as chuvas estiassem, iria ao Rio, e, apesar de seu gênio tranqüilo, ajuntou – que ao menos teria ocasião de ver, uma vez que fosse, esse tremendo navio.

Mas os ares frios dos montes, a exalação das águas dormentes das lagoas, em cujas margens eu costumava ficar esquecidamente, com o Ludgero e dois cães, à espera das pacas, nas claras noites, à hora em que elas desciam para beber, minavam-me a saúde e, uma tarde, à hora em que devíamos montar para um passeio aos novos cafezais, tomaram-me o ventre cólicas agudas, suores frios inundaram-me o rosto e caí regelado em um banco da varanda, contorcendo-me, varado de dores, como se me cravassem punhais.

D. Senhorinha, aturdida, acudiu com um chá de ervas amargas e, amparado pelos braços de Amaro e dum negro, caminhei para o meu quarto, gemendo, aflito, a revessar, nauseado.

CAPÍTULO XXXII

DO QUE HOUVE nesse fim de tarde e por toda a noite nada sei até hoje; lembro-me apenas que amanheci prostrado ardendo em febre. Aos pés do meu leito, sentada no couro de veado, uma negrinha cabeceava e, estirada na chaise-longue, Lavínia fitava-me com uma doce ternura nos olhos amortecidos.

Vendo-me aflito, ergueu-se em pontas de pés para indagar se me sentia melhor, recomendando-me calma, que não me movesse, que não falasse. E passou-me de leve a mão pela fronte, enxugou-me o rosto com o seu lenço e ficou a olhar-me, enlevada, absorta, sem mesmo notar na negrinha que nos via.

— Que tive eu? perguntei.

— Uma indisposição, coisa à toa. O médico está aí. Com mais dois ou três dias de cama fica bom. – E, ameaçando-me com o dedinho: Isso é para o senhor não se meter em caçadas à beira do açude, um lugar de febres. Eu, que estou acostumada, já escapei de morrer com uma febre que apanhei ali, quanto mais o senhor.

Os olhos ardiam-me como duas brasas e uma grande sede ressecava-me a garganta. Pedi água e Lavínia, feliz em poder servir-me, foi pressurosa à cômoda e veio com um copo límpido. Tomou-me a cabeça delicadamente e aproximou o copo da minha boca sedenta. Olhamo-nos; ela suspirou sorrindo e, deixando-me nas altas almofadas, afastou-se sem rumor.

Cerrei as pálpebras, caí em torpor suave e foi assim, nesse doce estado de quebranto, que senti o afloramento dos lábios de Lavínia na minha fronte escaldada. Deixei-me estar de olhos cerrados para não afugentá-la, tão bem me faziam esses beijos afagantes que roçavam apenas a pele do meu rosto, mas parecendo que me penetravam lentamente, gota a gota, como o orvalho em flor que murcha.

Depois houve um sussurro de vozes junto de meu leito, tinir de louça e nada mais ouvi.

Para a tarde, quando reabri os olhos, senti grande ardor nas plantas dos pés, mas um velho alto, de longas barbas, tomou-me o pulso, falando-me com intimidade:

— Então que é isso?

Olhei-o e Lavínia apresentou-mo:

— O Dr. Figueiredo.

— Dr. Figueiredo, hein?! – fez o médico sentando-se à borda do meu leito: – Estás uma enfermeira exemplar. Estou vendo que ainda acabas irmã de caridade. Deixa-te estar: agora, quando eu adoecer, mando buscar-te; quero ver se ficas à minha cabeceira com a mesma paciência. – E, falando, a rir, ia introduzindo o termômetro por baixo da minha camisa, direito à axila. – Não dorme, não come. Pois sim... Eu conheço.

E o quarto encheu-se. Amaro, o padre e D. Senhorinha entraram sutilmente, cuidadosos, cercaram-me com interesse. O médico, porém, erguendo-se, foi à janela examinar o termômetro e, dirigindo-se a Amaro, disse:

— Não há perigo, está muito bem. E com enfermeira como esta... Assim até eu queria ficar doente toda a vida. – E saiu rindo.

O padre veio então perguntar se me sentia melhor, se ainda tinha dores. Lavínia, porém, avançou pedindo-lhe que não falasse: o médico proibira conversas. E debruçando-se ao respaldo do leito, olhando-me risonha, abafava bocejos de vez em vez.

Anoitecia. Trouxeram luzes e Lavínia distraía-me com as suas conversas ingênuas. Falou-me do médico.

— Era um velho amigo da família; salvara-a da morte muitas vezes; era como um parente em casa. Lá estava na sala de jantar, com o pai e o padre, jogando o voltarete e discutindo a revolução.

"Bom homem, vivia com duas irmãs: uma viúva, mãe de uma pequena, idiota e paralítica, a Alice, de 15 anos, que jazia na cama, entrevada, encolhida, pequenina como uma criança, sempre rindo, com os cabelos louros emaranhados rolando-lhe pelo rosto. Era, talvez, o homem mais querido do lugar; brancos e negros, ricos e pobres estimavam-no e, se não fosse a política, podia ter uma fortuna, mas no tempo das eleições, perdia a cabeça, ficava como um louco: gastava rios de dinheiro, brigava, ameaçava e podiam morrer os próprios parentes porque não deixava o animal, cabalando de fazenda em fazenda.

"Com a República jurara não se meter mais em política, mas logo que chegou o tempo das eleições não se conteve: montou a cavalo, recomeçou a campanha, viajando léguas para conquistar um voto.

"Tinha um pequeno sítio, era toda a sua fortuna . As irmãs cosiam, em compensação os fazendeiros abasteciam-lhe a despensa com presentes; os próprios negros levavam-lhe caça, criação, produtos das suas roças."

Dois dias passou o médico a meu lado, tomando-me a termperatura, dando-me remédios e, apesar da recomendação que me fizera de abso1uto repouso de espírito e de corpo, às vezes pedia-me pormenores da revolta. Mas na manhã do terceiro dia despediu-se, confiando-me aos desvelos de Lavínia, prometendo voltar e, apertando-me a mão, disse, com a sua voz estentórica e o seu eterno sorriso:

— Olhe, meu amigo, desta está você livre. A febre foi sempre mais benigna do que as balas de Sepetiba que lhe deram cabo do canastro. Vocês não se fartam de dizer que os médicos são assassinos, pois aí está – você escapou das minhas mãos... depois de morto!

E explodiu uma gargalhada estrondosa e todos riam em torno de mim. Mesmo D. Senhorinha, sempre grave, levava um lencinho à boca para abafar o riso.

Lavínia, que não me abandonava senão à hora das refeições, acompanhou-os até à porta, voltando para a cabeceira do meu leito; e sorria.

Ao vê-la, tomou-me uma excitação de curiosidade que ainda mais recrudescia à lembrança das palavras estranhas do Dr. Figueiredo. Olhei-a enternecidamente, estendi-lhe as mãos; ela abandonou-se ao meu carinho com a submissão de uma escrava. Então pedi-lhe que me explicasse por que todos riam, que razão havia para tamanha hilaridade, dissesse por amor de Deus!

E, falando, acariciava-lhe a pequenina mão macia, correspondia aos seus olhares, afaga-a com o meu sorriso.

— Pra quê? – fez ela em turturino, – o senhor vai impressionar-se. Está ainda tão fraco, pode ter uma recaída. Não vale a pena...

Tais palavras irritaram ainda mais a minha curiosidade, fiquei em ânsia e, alucinadamente, atraindo-a, pedia, implorava, procurando vencê-la pelo carinho e ela, abandonadamente, entregava-se, deixando-se cair sobre o meu peito.

Já o seu rosto vinha próximo do meu, o seu hálito bafejava-me quando, de novo, intercedi e, tremulamente, os nossos lábios uniram-se e ficaram longo tempo colados. As duas tranças rolaram sobre o meu rosto e ela, em torpor de delíquio, parecia sucumbida, sem forças para erguer-se, quando ouvimos passos no corredor. Levantou-se d'ímpeto, retirou as mãos e ficamos sem falar, olhando-nos, até que o rumor distanciou-se.

— Conte-me, diga-me! – implorei: – que é?

Lavínia suspirou como se lhe custasse a confissão, mas disse resignada:

— Foi um homem que esteve aqui ontem, um Loubeira, que viaja por conta de uma casa do Rio. Falou da revolta. Fez um momo, retraiu-se,

balbuciando: Não vale a pena, o senhor vai impressionar-se... depois é mentira. Nós ríamos justamente da mentira.

— Mas fale!

— Não fica incomodado? Não se impressiona? Olhe que o médico recomendou toda tranqüilidade. O senhor pode ter uma recaída e papai zanga-se comigo.

— Qual!

E afaguei-lhe as mãos que ela, de novo, abandonara aos meus carinhos.

— Olhe lá? – E contou: – Ontem, à mesa, papai, conversando com o homem, pediu notícias da revolta. Não imagina o que ele disse: caem balas na cidade todos os dias, tem morrido uma infinidade de gente, há não sei quantos prédios derrubados e da Ilha das Cobras já começaram a fazer fogo para a terra. Mas o que nos fez rir não foi isso.

— Então?

— É que corre no Rio que o senhor foi fuzilado em Sepetiba.

— Como? – Lavínia obrigou-me a repousar porque, no ímpeto do espanto, quase me sentei no leito, a tremer.

— Não conto mais! Eu bem disse que o senhor ia incomodar-se. – E rindo: – Mas não vê que é mentira? O senhor não está aqui? então? Que tem que corram essas notícias? é até melhor porque ninguém se preocupa com o senhor.

— Mas fale... E depois?

— Diziam que o senhor estava a bordo do Uranus, um nome assim, papai sabe. Eu não entendo nada dessas coisas, vou ver se me lembro do que disse o homem. Esse navio, tentando forçar a barra, foi pressentido pelas fortalezas que o crivaram de balas, estragando as máquinas de modo que não puderam funcionar e foi com recurso de uma pequena vela que ele conseguiu fazer-se ao largo, ficando fora do alcance dos fogos das baterias. Mas no momento do combate, muitos do que iam a bordo precipitaram-se n'água; uns ganharam as praias a nado, outros em escaleres e entre eles o senhor. Mas as forças de terra, que guardavam o litoral, não deixavam as embarcações atracar e os poucos que conseguiram chegar às praias foram fuzilados. O senhor e mais cinco marinheiros... morreram em Sepetiba.

E Lavínia rompeu a rir, apertando-me a mão nervosamente. Eu estava pasmado:

— Mas... isso vem nos jornais?

— Não, foi o homem que disse. É o que corre no Rio. Afirmam até que o seu cadáver foi reconhecido por um oficial seu amigo, um Brito. Papai não disse nada ao homem, mas o Dr. Figueiredo rompeu a rir e, enquanto

não confessou que o senhor estava aqui, doente, não descansou.

— Esse homem... Quem sabe se não é um espião? Quem sabe se não fez tudo isso para surpreender a verdade? Quem sabe se não veio aqui procurar-me? Conhecem-no? Quem é?

Agitado, sentindo dores agudas na cabeça como se ma apertassem em capacete de aço, lembro-me de que tentei levantar-me, mas uma nuvem passou-me pelos olhos, vieram-me tonteiras e o delírio, o tremendo delírio de que ainda me lembro como se tivesse sido um sonho, um sonho mau, supliciante.

Foi numa tépida manhã de domingo que me levantei da cama enfraquecido, arrastando-me para uma cadeira ampla, toda forrada de lãs. A sineta do quadrado repicava em festa e as camaxirras vinham trissar, com familiaridade, no poial da minha janela. O ar muito brando recendia.

O padre, já revestido para a missa, entrou para felicitar-me, ajuntando que ia agradecer a Deus o milagre da minha salvação. Amaro, Lavínia, D. Senhorinha, em trajos domingueiros, demoravam-se comigo repetindo palavras dos meus delírios, falando-me do desânimo do Dr. Figueiredo e das preocupações religiosas do padre, que propusera sacramentar-me. Mas um moleque veio chamá-los para a missa! Partiram.

Comigo ficou a negrinha, sempre muda, cabeceando a um canto. Com as mãos nas pernas quedei olhando o céu, mas os olhos ardiam-me, a vista turvava-se e grandes névoas escureciam o esplêndido horizonte como repentino crespúsculo.

A barba, que repontava durante a moléstia, eriçava-me o rosto; tive curiosidade de ver-me. Pedi o espelho à negrinha.

Pálido, os olhos fundos, cercados de olheiras, mal brilhavam amortecidos e tristes, a barba híspida, os cabelos compridos davam-me ao rosto expressão ascética.

Apalpando-me sentia a ossada à flor da pele; as mãos tinham a transparência do jaspe. Só então compreendi a gravidade da moléstia que me prostrara por mais de um mês, entre a vida e a morte, longe dos meus, num desamparo de terras remotas.

E lembrei-me do pequenino cemitério da fazenda onde jazia o Pedro – um agreste acogulado de tumbas entre ervas altas. A cerca de espinhos estava toda em flor quando eu lá fora. Uma grande cruz abria os braços toscos ao meio dessa área tristonha; outras pequenas, tombadas, apodreciam ao tempo.

Pensando que podia ter sido enterrado ali, naquele jazigo de negros onde os porcos, fossando, faziam aparecer ossadas, arrepiei-me com repugnância.

Mas Lavínia apareceu risonha, com o seu livrinho de missa, contando que pedira a Deus por mim, que já havia começado a pagar a promessa que fizera no dia em que o Dr. Figueiredo me desenganara.

Pouco e pouco foram-me voltando as forças. Já caminhava apoiado a um bengalão, quando Amaro referiu-se ao homem que trouxera a notícia da minha morte e fiquei sabendo, com todos os pormenores trágicos, essa terrível aventura em que me haviam metido os visionários. E, por entre gargalhadas, Amaro contou "o meu caso."

Uma corajosa travessia em escaler, com marinheiros ébrios que remavam ao acaso, demandando um ponto qualquer de desembarque. A prisão em Sepetiba, noites ao relento, noites ao sol, descalço, faminto. Por fim o fuzilamento e Amaro narrou:

— Já estavas mais morto do que vivo, porque os soldados divertiam-se espetando-te com as baionetas quando, uma manhã, foram buscar-te à prisão entregando-te uma enxada. A coisa devia ser feita num campo deserto e lá seguiste com a soldadesca. Chegando ao tal lugar mandaram que te despisses e que, de joelhos, cavasses a tua sepultura. Pediste, imploraste, ofereceste fortunas, mas a gentinha era terrivel e não tiveste remédio senão fazer o buraco. Quando ficou bem fundo, um soldado empurrou-te e todos descarregaram as armas sobre o teu corpo. Já se vê que, depois disso, não podias sair da cova... E lá estás com um pouco de terra em cima, tu e os marinheiros.

E Amaro rompeu a rir apesar das exclamações de D. Senhorinha "que nem podia ouvir falar em semelhante coisa."

— De sorte que, no Rio, sou um homem morto?

— Mas muito bem morto!

— E o Alfredo, Amaro... ? Que é feito dele?

— Sei lá! Até hoje nada! Com certeza levou-o alguma granada. Mas vou tirar tudo isso a limpo: O padre vai ao Rio não só para tranqüilizar a tua gente como para ver se descobre o crioulo. Afinal vai já para quatro meses que estás longe dos teus e perseguido por essa chusma de boatos.

— E se mamãe acreditou na minha morte, Amaro?!

— Qual acreditar, homem! Quem acredita em balelas?!

— Ora, quem! – exclamou Lavínia, – o Sr. Loubeira. Se ele até disse que conversou com o oficial que mandou cobrir o corpo do Sr. Josefino.

— Ora! o Loubeira! O Loubeira é um sonhador! Pois ele não garantiu que na tentativa de assalto a Villegaignon haviam morrido mais de quinhentos homens? Não disse que os marinheiros tinham tomado Niterói? Não jurou que o Javari foi metido a pique por um sujeito, pago pelo

governo, que conseguiu engajar-se como maquinista? O Loubeira... !

— Mas Amaro, esse Loubeira representa bem o tipo do fluminense, disse eu; são todos assim: aceitam, sem discussão, o primeiro boato como verdade incontestável. O Brasil é o país do sonho. De resto, há todo fundamento para que se acredite na minha morte. Desde que aqui estou nem uma só carta escrevi; não falo das que levou o Alfredo porque essas, tenho certeza de que não foram entregues. Mamãe será a primeira a confirmar os boatos. – E lastimei: Fiz mal em não ter escrito... !

Mas Amaro acudiu logo:

— Não há tal! foi uma resolução prudente. Eles que andam a espalhar que morreste é porque não sabem onde estás. Agora imagina que uma das tuas cartas, uma só, era pilhada no correio, e depois? Os homens desconfiam de ti, dariam muito pela tua cabeça e... e então?

Se arranjassem meios de chegar até aqui, – tu sabes que quando eles querem fazer as coisas fazem mesmo, – metiam-se uns quatro ou cinco patifes como colonos, porque afinal isso é comum, vem gente todos os dias pedir trabalho, aqui e nas outras fazendas, e então? metiam-se aqui como colonos e, um belo dia, apanhando-te a jeito numa volta de caminho, pregavam-te umas balas nas costas e punham-se a andar. Deixa lá! Foi muito bom não escreveres. Vão lá saber onde está o Sr. Josefino Soares ou Firmino Caroba, como diz o teu passaporte. Assim, estás descansado. Amanhã o padre vai ao Rio, deslinda tudo e está acabado. Meu amigo, com políticos toda cautela é pouca.

CAPÍTULO XXXIII

EFETIVAMENTE, no dia seguinte, o padre partiu para o Rio com um maço de cartas.

E do que houve durante o tempo ansioso da sua demora só registro o epílogo passional do meu idílio.

Foi justamente na véspera da chegada do padre, já eu caminhava livremente pelo jardim, ao sol, aspirando o ar puro dos campos, que Lavínia me apareceu de manhã, cedo, em companhia de Amaro, dizendo-me que não queria ficar mal com Deus nem comprometer minh'alma. E expôs ingênuamente: Que no dia em que o Dr. Figueiredo me desenganara, abandonando a cabeceira do meu leito, ela fizera um voto no coração – que assim que eu me levantasse iria à capela fazer uma oração à Senhora das Dores. E ameaçou-me: Se eu não cumprisse a promessa não só ficava mal visto aos olhos de Deus como também a indispunha com a Virgem, que ela nunca invocara em vão.

Amaro veio em auxílio da filha:

— Que devia ir. Não era carola, mas em coisas de religião não admitia brincadeiras. Desde que a pequena fizera a promessa, era cumpri-la. Assim como assim eu estava de pé e o próprio médico apregoava o milagre.

Objetei sorrindo – que não entendia de rezas, mal sabia o padre-nosso. Mas Lavínia acudiu logo – que me ensinava. E, rindo, caminhamos para a capela, enquanto Amaro ia fincando pequeninas estacas para sustentar os craveiros.

A capela ficava no extremo da casa, com duas janelas para a mata. Aos domingos o pequeno retiro sagrado enchia-se de colonos, mas nessa linda manhã, quando Lavínia abriu de par em par as janelas, apenas o sol entrou, o sol e a aragem perfumada.

O altar erguia-se ao fundo, vistosamente ornado, com os círios dourados, o cruzeiro de prata. O missal fechado repousava na pequena estante e no alto, dentro do seu nicho resplandecente, a Virgem das Dores mostrava o coração atravessado de espadas.

Pelas paredes havia quadros religiosos – a Ceia, a Conceição, o Senhor Morto e, sobre um mesinha, a um canto, o presepe com a Sagrada Família –

uma gruta coberta de musgos, à porta pastores adorando o infante e dentro os animais que bafejaram o Divino Mártir.

Largo tapete amortecia os passos e, pendente do teto, uma lâmpada de prata alumiava.

Lavínia, cheia de contrição, ia e vinha em pontas de pés como para não interromper o êxtase da Virgem; por fim ajoelhou-se acenando-me para que me ajoelhasse a seu lado e mostrou-me as mãos juntas dizendo-me apenas, baixinho:

— Reze.

E inclinou a fronte sobre o colo; mal eu percebia o movimento dos seus lábios. Estava absorto, olhando para o altar, mas a minha atenção fixou-se no rosto incomparável da imagem que, apesar da expressão de suprema angústia, era ainda formoso e, aberrando-me pelos pensamentos, perdi-me nos sonhos lembrando-me de mamãe, de Anália, com o espírito muito longe, como se minh'alma me tivesse abandonado para errar, cheia de saudade, pelos sítios amados em torno dos meus afetos. Uma ovelha, balando fora, fez-me reentrar na realidade. Lavínia rezava sempre, muito recolhida, mas, como se sentisse o meu olhar, voltou rapidamente a cabeça e insistiu:

— Reze.

Sorri e, pretextando tonteiras, porque ainda me sentia fraco, levantei-me, fui apoiar-me à janela, lançando os olhos pela linda paisagem que o sol dourava. Dando comigo nessa enlevada atitude de contemplação, Lavínia chamou-me:

— Então?

— Já rezei.

— Venha cá, ainda não é tudo. O senhor já está bom... E eu? agora é a minha vez. Venha cá. – E sorrindo, iluminada pelo raio de sol como numa apoteose, atraía-me e, de novo, obrigou-me a ajoelhar-me a seu lado.

Nao sei se esteve a rezar, mas guardou silêncio; por fim, muito vermelha, encarou-me:

— Não acredita em Deus?

— Eu?! – e fiquei pasmado dessa pergunta abrupta e sem razão de ser. – Quem lhe disse tal? Não sei rezar as orações dos livros, mas intimamente faço as minhas preces e era preciso que não tivesse sofrido tanto para não acreditar em Deus.

— Então crê? E em Nossa Senhora?...

— Também.

— Não é capaz de mentir diante dela?

— Não!

Baixou de novo a cabeça e recaiu em silêncio; e o seu colo arfava, as narinas palpitavam-lhe.

— Mas por que faz tais perguntas?

— Por quê? Porque quero que me diga a verdade... toda a verdade. É capaz? E, olhe lá! é aqui diante de Nossa Senhora! – Seus olhos flamejavam e percebi imediatamente que ia falar-me de amor. Diga-me: gosta de mim? – E falando torturava as mãos, sempre de olhos baixos.

— Por que não?

— Sim, mas não é gostar como o senhor pensa...

— Como?

— Porque o tratei, porque sou sua camarada; não, não é gostar assim. Olhe, se eu estivesse para morrer e se outro qualquer me oferecesse a vida em troca do meu coração, eu não aceitava... por sua causa. E, como se a expressão fosse indecorosa, estremeceu, sussurrando: Ama-me?

Vendo-me, porém, hesitante – porque não sei que força estranha me conteve quando eu quis pronunciar mentirosamente que a amava – falou nervosa, mostrando a Virgem impassível que desvelava o coração martirizado:

— Veja lá! não minta!

Ergui-me e ela seguiu-me com os olhos muito a fito, e havia tanta ânsia no seu olhar que não tive coragem de lhe dizer a verdade e afastava-me sensibilizado, escondendo lágrimas quando ela, avançando, embargou-me a passagem, transfigurada, de mãos postas, ameaçando ajoelhar-se a meus pés como estivera ajoelhada diante do altar.

— Fale, pelo amor de Deus! Não me zango. Então é crime? Nenhum de nós tem culpa, não é? Nenhum de nós tem culpa. Fale! Não gosta, diga.

Sei que lhe disse que era noivo porque a desgraçada afastou-se lentamente, de olhos baixos, indo encostar-se ao altar, balbuciando:

— Ah! meu Deus!

Mas voltou-se banhada em pranto, quase a gritar, ameaçando-me:

— O senhor é mau! Muito mau! Por que não disse logo? Isso não se faz. E agora? – E, como se eu a tivesse ofendido duramente, abria os braços, encarada em mim, perguntando-me com a voz presa: – E eu? E eu?

Eu tremia com o ouvido atento aos mínimos rumores, mas avancei impetuosamente, tomei-lhe as mãos e falei:

— Pois não me pediu a verdade? Queria que mentisse diante de Deus? Queria?

Ela, abandonada, apenas disse:

— O senhor é muito mau.

E desatou a chorar perdidamente.

Chamei-a, implorei que saíssemos, podiam achar-nos ali sós. Que diriam se a vissem chorando? E sempre, enquanto viver, hei de lembrar-me da resposta magoada e cheia de resignação dessa pobre moça enferma:

— Não dirão nada: eu choro sempre.

E repeliu-me brandamente:

— Vá o senhor, eu fico para fechar a capela. Vá.

Limpou os olhos doloridos e pôs-se a arranjar a palma de um vaso. Encaminhei-me para a porta, mas voltando-me, vi que me acompanhava com os olhos marejados trincando os lábios, desfigurada pelo sofrimento.

— Não chore ! – pedi ainda.

— Pode ir, não choro mais.

Saí, mas em caminho, ouvi os gritos agudíssimos de Lavínia e corri para chamar Amaro que cuidava das suas flores e o pobre amigo, com as mãos negras de terra, precipitou-se para a capela:

— Era de esperar! Não viu como hoje amanheceu alegre? – E lá foram encontrá-la rolando pelo tapete, às gargalhadas.

Não sei que houve na capela, creio, porém, que Amaro percebeu a triste verdade, porque, à noite, falou-me sentido:

— Ali havia coisa. A pequena estava impressionada e D. Senhorinha lembrou um passeio a S. Paulo, para distraí-la.

— Também aquela vida de encerro enfastiava. E, ao chá, não sei se foi por preocupação do meu espírito, mas pareceu-me que a excelente senhora, sempre afável, tratava-me com secura, evitando os meus olhos.

Lavínia encerrou-se e sofria, sem dúvida, pois, de vez em quando D. Senhorinha ia pé ante pé espiá-la ao quarto e voltava a suspirar, lastimando-a.

Amaro, entretanto, continuava o mesmo e, na manhã seguinte, ainda rolavam névoas pelos montes, foi bater à porta do meu quarto convidando-me para um passeio à lavoura, antes do sol forte.

Vesti-me e saí com ele.

Já os cavalos selados esperavam-nos e partimos vagarosamente em rumo dos cafezais. Calados, íamos olhando a lindeza do panorama alpestre, quando ouvimos um grito agudo que parecia vir das grotas. Retivemos os animais e foi Amaro quem descobriu, num estreito caminho serpeante, Lavínia, lançando a galope um fogoso cavalo. Acenava-nos e o bom velho disse com um triste sorriso:

— É a pequena. Agora vamos esperá-la um instante.

O cavalo desaparecia, por vezes, no mato denso, mas logo surgia impetuoso, açoitado pela cavaleira.

— Pobre rapariga! Afinal, coitada! é preciso ter pena dela – é doente. Ontem, à noite, fazia dó: chorou até tarde pedindo a morte e já esta aí lépida e alegre como se nada tivesse havido. É uma criatura incompreensível. Queres saber? Cheguei a pensar que ela estava apaixonada por ti... Mas qual! rompeu a rir quando lhe falei nisso. – E encarando-me:

— É verdade que estás noivo?

— Sim, é verdade.

— E de quem? Pode saber-se?

— Da filha de Luís Farinha.

Amaro meneou com a cabeça e, depois de um silêncio, felicitou-me:

— Parabéns! É uma linda moça.

Mas já ouvíamos o tropel do cavalo de Lavínia e vimo-la aparecer com os cabelos ao vento, corada e sorrindo.

— Então não me quiseram convidar para o passeio? Se mamãe não me dissesse que tinhas saído eu ainda andaria por lá à tua procura, papai. – E, arranjando os cabelos: Onde vão? à mata? Vamos à mata?

— Não, filha, há muita umidade agora. Íamos aos cafezais novos. Queres vir?

— Não, vamos à mata! – implorou. E acedemos.

E nunca a vi tão gárrula, tão alegre como nessa manhã. Atravessando os estreitíssimos caminhos cruzados de cipoais, ria, cantarolava, vergastando a folhagem, rompendo as teias de aranha. E colhia flores, parasitas, madressilvas, folhas de cores vivas, enfeitando-se, arrecamando o palafrém que bufava escorrendo em suor.

Negros lenhavam cantando e ouvíamos o bater dos machados, os estalos dos troncos, o farfalho dos ramos derreados e era festivo e vário o canto dos passarinhos.

Lavínia seguia à frente voltando-se, de vez em vez, para prevenir-nos – que abaixássemos a cabeça, que íamos descer, que íamos subir e, rápidos, seus olhos macerados, cheios dum brilho diamantino, miravam-me, mas logo, para disfarçar; ela anunciava qualquer coisa – uma orquídea num tronco, um fio d'água atravessando o caminho, o canto triste de um pássaro.

Por fim saímos na planície, perto do açude, onde o gado pastava e, como Amaro guiasse o animal para um trilho que levava à casa, Lavínia, surpreendida, indagou:

— Já?

— Então? O sol não convida, minha filha. À tarde, se quiseres, faremos

outro passeio. Agora não.

— À tarde! Que vou eu fazer em casa agora? – E, resoluta: Pois sim, vão os senhores.

Voltando, então, o animal, chicoteou-o, desaparecendo logo entre os matos. Amaro encolheu os ombros:

— O melhor é não contrariá-la. Demais, enquanto ela viveu assim à solta não teve os tais ataques: era robusta. Deixá-la! Mesmo o Figueiredo já disse que é dessas coisas que ela precisa, nada de vida sedentária: exercícios, passeios. Que ande! É capaz de ir daqui à fazenda do Cruz, que fica a mais de légua. Vai só, conhece esses caminhos como ninguém. Deixá-la.

D. Senhorinha, mal nos avistou, disse que Lavínia saíra como uma louca à nossa procura. E perguntou por ela.

— Não quis vir, disse Amaro, deu-lhe hoje para passear.

— Assim doente, fraca?!

— Qual, disso é que ela precisa.

Era mais de meio-dia quando se serviu o almoço sem que Lavínia aparecesse. D. Senhorinha, aflita, queria mandar negros procurarem-na – podia ter tido alguma coisa, de mais a mais num cavalo chucro. Amaro tranqüilizou-a:

— Qual, foi com certeza à fazenda do Cruz, lá tem a Eugênia, estão juntas. Que podia ter acontecido? uma queda? disso não tinha ele receio: era mais fácil um burro voar, afirmou orgulhoso. Cavaleira como ela podia haver, melhor, isso não.

E, calmo, sentou-se à mesa repetindo – que era daquilo que ela precisava.

CAPÍTULO XXXIV

A TARDE EMPALIDECIA quando um crioulinho entrou a correr pela sala, gritando:

— Aí vem seu padre.

Saímos à varanda para ver chegar o bom velho que vinha resignadamente ao passo moroso da mula preguiçosa, as pernas bambas, o guarda-sol aberto.

Precipitei-me ao seu encontro e, antes que ele desmontasse, pedi-lhe novas de casa.

— Tudo bem, com a graça de Deus! – disse atirando ao pajem as rédeas do animal. E, rindo:

— Mas olhe que foi um trabalho para que me acreditassem! A senhora sua mãe, que fui encontrar de luto fechado, desconfiou de mim e, se lhe não tivesse mostrado a sua carta, estou certo de que me teria despedido da porta. Mas que alegria quando reconheceu a sua letra. As lágrimas saltaram-lhe dos olhos com tanta força que teve de suspender a leitura. E, durante toda a manhã, falou-me dos boatos que por lá têm corrido sobre a sua morte. Creio que ela vem a Juiz de Fora encontrar-se com o senhor. Lá do homem, trago também uma carta e outra da menina. Mas vá lá, console-se com a leitura enquanto vou arrancar do corpo esta camisa que está alagada.

E, atafulhando a mão no bolso, tirou um pesado pacote que me entregou.

— E o Rio, senhor padre?

— Um horror, meu amigo! parece que vêm os céus abaixo quando Villegaignon faz fogo. E agora não é só para as fortalezas, atira para o holofote da Glória e as balas passam sibilando no ar indo bater numa pedreira; caem, às vezes, na rua. Um horror! Durante o dia é o tiroteio para os cais; é um perigo andar a gente nos bondes de Botafogo. Quando passei para a Gávea fiz a minha oração a Deus porque estava a ver a hora em que uma bala me atravessava. Um horror!... Mas bonito, palavra!

Amaro veio interromper o padre perguntando pelo Alfredo: se o vira, se não tivera notícias dele e os crioulinhos, aos pulos, cercaram o bom velho, pedindo-lhe a bênção, acompanhando-o até a varanda onde D. Senhorinha, de braços abertos dava graças a Deus por vê-lo vivo, dizendo que havia tido

sonhos terríveis com ele.

Desfazendo o pacote, fui caminhando para a sombra do caramanchão, e rasguei nervosamente o invólucro da primeira carta, que era de minha mãe. E li, com os olhos marejados d'água, todas as linhas trêmulas que enchiam, em letra miúda e compacta, as quatro páginas da folha.

"Meu filho. Não tenho ânimo de acusar-te nem encontro palavras que não sejam de amor, porque a alegria do meu coração não dá tempo a queixas nem a censuras. Imagina, meu querido, que há já três meses trago a alma mais negra do que os crepes com que me vesti pela tua morte.

"Quando daqui partiste falaste em Ouro Preto, mas deixaste o teu endereço para Itatiaia, fazenda de S. Borja e para lá escrevemos seguidamente sem que obtivéssemos resposta até que, aparecendo por aqui o Dr. Antero, por ele soubemos que não só não estavas na fazenda como por lá não havias aparecido.

"Isso coincidiu com as notícias que aqui correram da tua saída no Uranus e, mais tarde, da tua morte em Sepetiba.

"Foi o Julião, o bom Julião, quem trouxe a notícia do teu embarque e tu, meu filho, não podes imaginar sequer as torturas por que passou o meu coração. Sem dormir, rejeitando todo o alimento, adoeci gravemente e estive entre a vida e a morte até princípios de fevereiro, quando o Sr. Luís Farinha me veio buscar para convalescer na sua chácara da Gávea.

"Ah! meu filho, à vista de Anália eu mal podia conter as lágrimas. Pobre menina! Mas quando me chegou aos ouvidos que havias sido fuzilado, não sei como não enlouqueci. Hoje estou convencida de que a dor não mata. Encerrei-me com tua tia recebendo apenas a gente do teu futuro sogro, Julião, o Rodrigues e uma senhora que mora atualmente na vizinhança, mãe de um aspirante de marinha que lá está na ilha, com o Saldanha.

"O Sr. Luís Farinha nunca acreditou na tua morte, dizia sempre que estavas por aí algures, que um dia, sem que esperássemos, surgias em casa, forte e lépido e quase zangou-se comigo vendo-me de luto e sabendo que eu mandara rezar uma missa pelo descanso de tua alma. Mas, meu filho, que havia eu de pensar se me não vinha às mãos uma só carta, se não me davam notícias de ti?

"Quando esse bom padre entregou-me a tua carta não te sei dizer que senti – as lágrimas rebentaram-me dos olhos. Ele que te diga como

fiquei, e tua pobre tia que não tem feito outra coisa senão chorar. Conforme pediste, apenas mostrei a tua carta ao Julião, que tem sido para mim um verdadeiro amigo.

"Do que tem havido por aqui que sei eu? Vivia para o meu luto, alheia a tudo, indiferente a tudo. Só te posso dizer, porque vi nos jornais, que o pequeno Celestino morreu no combate da Armação. Morreu como um bravo, levantando vivas. Quanto ao Sr. Forjaz, dizem uns que está na Detenção, outros que foi passado pelas armas. Mas depois do que houve contigo, não creio mais em morte de ninguém. O Celestino sim, esse, coitadinho! foi para Deus. Dias antes jantou aqui comigo muito satisfeito, contando façanhas, com uma grande confiança na vitória e procurou consolar-me, dizendo que não podia acreditar na tua morte. E foi a última vez que o vi. Pobre criança!

"A vida torna-se cada vez mais difícil. Agora não se fala senão na próxima entrada da esquadra do governo, mas eu não creio nisso, parece-me que a tal esquadra é um boato como tudo mais e para que ela vença os revoltosos é necessário que seja muito forte, porque esse Aquidabã, meu filho, zomba das fortalezas, zomba dos torpedos, entra e sai quando quer.

"Não sei que vai ser de nós. Se Deus não se compadecer desta pobre terra, não sei que será dela.

"E tu? Sei que estiveste doente... tão longe de mim, mas a família que te hospedou fez tanto ou mais do que eu faria, nem sei. Deus há de pagar-lhe em benefícios. E de roupa, meu filho? E de dinheiro? Como te arranjas? Meu pobre Josefino! Resolvi encontrar-me contigo em Juiz de Fora, para onde parto no próximo domingo. Contigo a meu lado tenho certeza de pronto restabelecimento. Foi bastante a notícia de que estavas vivo para que me sentisse outra.

"O reverendo há de entregar-te um embrulho de charutos e dinheiro que te manda o senhor Luís Farinha. Ah! meu filho... Mas eu não sei escrever o que sinto, reservo-me para quando nos encontrarmos. Adeus! beijo-te muito e muito e que Deus te abençoe. – Tua mãe, Luisa."

E havia um post-scriptum em que ela insistia para que eu a fosse encontrar em Juiz de Fora, no próximo domingo, e duas linhas abaixo, numa letra muito trêmula, minha tia mandava-me beijos e bençãos. Beijei a carta e, guardando-a, abri o envelope que trazia o suave perfume de Anália.

Sempre meiga, apesar de sentida e magoada, Anália não teve uma

expressão amarga:

"... Eu, ainda ameaçada de morte, não partiria sem ver-te. De que me serviria a vida para o corpo se a alma havia de levar a saudade, pior que a morte? Por que não me escreveste contando-me detalhadamente tudo: para onde ias a fim de que, ao menos, meu espírito pudesse acompanhar-te? Ignorando o teu paradeiro, minh'alma andou errando até que estacou diante de um túmulo, porque houve quem me dissesse que havias sido fuzilado numa praia deserta. Tu, que dizias sempre que não me podias ver triste, tornaste-me, para o sempre, melancólica.

"A gente tanto usa um sentimento que acaba por adotá-lo – sou hoje uma meditativa, uma concentrada. Tanto pensei em ti, acostumei-me ao silêncio que me sinto mal em companhia e, o meu grande prazer é estar só, deixando o pensamento peregrino, no sonho, na divagação, em busca de um bem que foi tão rápido junto do meu coração.

"Vives... louvado seja Deus! Quando li a tua carta senti que dentro em mim ressurgia alguma coisa – era minh'alma que vivia ajoelhada no meu coração como diante de um sepulcro. Vives! Nota, porém, que por tua culpa vens encontrar-me desfigurada e torturada, não só no corpo como no espírito.

"O longo prazo de vigília ao meu amor finado tornou-me triste! E dai? Por que não me escreveste? Não creio que as árvores tenham ocupado tanto o teu espírito a ponto de o tornarem indiferente aos que te amam. Que encontraste aí que tanto te distrai e preocupa que não tenhas um minuto para os teus juramentos? Éramos duas na agonia – tua mãe e eu, e, confesso-te que me convencia da tua morte pelo esquecimento em que nos deixaste. Mas não quero acusar-te, longe disso, acho até que fizeste bem. Foi melhor assim. Apesar das torturas das minhas horas de soledade, hoje bendigo o teu silêncio, porque vejo que dele vens de novo para o meu coração solitário.

"Acredita que só agora ele existe. Dantes eu era uma sombra, sem vontade, sem energia, sem força, vivendo nem te sei dizer como, porque as minhas noites passavam inteiras diante dos meus olhos abertos e os meus dias eram tristonhos e povoados de pesadelos. Vivi acompanhada como uma enferma, ora mamãe, ora papai, um deles sempre a meu lado distraindo-me, procurando afastar de mim as idéias sinistras que me afligiam. E, quando tua mãe me apareceu de luto, não sei como tive forças para abraçá-la, mas nada dissemos – os nossos olhos tiveram a dolorosa expressão, e a minha garganta ficou

embaraçada pelos soluços; mesmo meu pai teve lágrimas, não sei se por pensar em ti, se por ver tamanha dor em duas almas tão frágeis, e mamãe soluçou conosco sentidamente.

"Onde andarias nessa hora, ingrato, que assim nos deixavas entre lamentosas lágrimas e saudades profundas! Teu retrato, que tenho à minha cabeceira, não sei como ainda existe, tantos são os beijos que nele tenho posto, tantas são as lágrimas que por ele têm passado!

"Tu, que falavas, com ironia, da minha beatice muito havias de folgar se uma noite me surpreendesses na câmara por que, desde que daqui partiste, deixei de ajoelhar-me diante do Cristo para ajoelhar-me diante da tua imagem. E que rezas inventou o meu espírito sentido! Em verdade, afirmo que ainda não encontrei orações mais belas do que as que me saíam torrencialmente dos lábios nas horas devotas do meu amor. Mau que foste!

"Enfim, regozijo com a esperança de tornar a ver-te e já preparo uma primavera nas minhas feições para que não as encontres demudadas pelo inverno de angústia que passou por elas. Já agora é melhor prolongar a ansiedade para que a minha alegria seja ininterrompida. Deixa-te estar onde vives até que esta pobre terra, desassossegada como o meu coração, reentre nos dias tranqüilos da paz! Não voltes se não com a calma completa. Quero que sejas o símbolo dessa mesma paz, que é o sonho de todos. E, como eu, quantas haverá por aí aflitas e muitas, talvez, sem esperança? Adeus! adeus! A não ser o meu coração que convalesce nada há de mau em nossa vida.

"Mamãe queria ajuntar algumas linhas a esta carta, mas sofre tanto do braço, coitada, tem tantas dores! Papai escreve-te. Adeus! pensa em mim e sê prudente. Adeus. – Tua Anália.

E uma folha de malva, seca e cheirosa, vinha entre as páginas com estas linhas: " É do nosso canteirinho, junto ao muro. Foste tu que a plantaste. Adeus" um A. E, mais adiante, tremulamente: "beijo-te".

Um espelho não refletiria melhor a minha bem amada, ela estava toda nessas linhas comovidas e o perfume, que era como a essência suave das suas palavras, ainda mais concorria para a sugestão de amor. Extasiadamente fiquei um tempo imenso relendo as duas cartas, passando dum a outro pólo do coração, do beijo à bênção, e, quando tomei a carta de Luís Farinha, pareceu-me encontrar nela as mesmas expressões de extremoso afeto que havia encontrado nas duas primeiras. Mas Luís

Farinha, sempre imperativo e seco, repetia. logo em começo, presságios remotos.

"Eu sempre dizia que te deixasses de amizades com esse Forjaz. Nunca me entrou bem, sabes. Quando pediste a minha opinião sobre ele não tive meias palavras, disse claramente que era um mau homem, sujeito de muitas gravatas e de muitas lérias. Estás pagando pela teima.

"O outro, o tal pequeno, lá se ficou picado pelas machadinhas dos marinheiros. Eu, se lá estivesse, tinha-lhe esfregado as orelhas e, a esta hora, não andaria a pobre mãe por aqui, como uma louca, a pedir que, ao menos, lhe digam onde está enterrado o filho. Vão lá saber.

"Se eu lá estivesse nada disso teria acontecido, porque, no momento em que o tal senhor Forjaz começasse com os boatos, punha-o no andar da rua, que uma casa de negocio não é lugar de políticos. Quem quer ter opiniões não se emprega.

"Enfim, o mal está feito, agora é tratar de aproveitar o exemplo para não cair em outra: Isto continua na mesma – tiro para lá, tiro para cá. Todos os dias anunciam que chega a esquadra do governo e eu já estou cansado de esticar o óculo para a barra para ver entrar essa encantada frota. A vida de mal a pior e não há tranqüilidade para nada. Os negócios parados. Uma miséria!

"E, afinal, como diabo foste parar em Carandaí, quando escreveste que ias para Itatiaia? Que resolução repentina foi essa? Perseguiram-te? Se me tivesses ouvido, estarias livre de tudo isso. Enfim, agora é tarde para arrependimentos – purga a tua quarentena até que possas voltar sem risco para o teu lugar. O Rodrigues tem trabalhado como um mouro e, apesar das granadas, não arreda o pé do escritório, sempre firme e valente.

"Quem nos deixou foi o Amâncio. Conseguiu a hipoteca da fazenda, mas creio que o dinheiro que levantou ficou todo aqui, numa casa de jogo, porque é disso que agora vive a maior parte da gente. Joga-se tudo – as roletas escancaram escandalosamente as portas; são os frontões, são as corridas, são os bichos, um horror!

"Um dia desses, passando pela Rua do Ouvidor para ir ao médico, fiquei pasmado de ver a multidão que se apinhava em uma dessas casas que chamam book-maker. E atiravam para a cidade.

"Também de que há de viver o povo? O operário não pode ir à oficina, muitos não saem de casa com receio do recrutamento; o comércio não faz nada e o pão não cai do céu, é preciso buscá-lo.

Joga-se – os que têm perdem para os que não têm e assim eqüilibram-se. E os teatros aí estão funcionando e cheios todas as noites.

"O povo já se habituou com as balas, e os bombardeios são agora um espetáculo. À tarde, os cais e as praias ficam negros de gente que vai ver o Aquidabã, que vai ver Villegaignon, creio até que já há um jogo, inventado não sei por quem, sobre a pontaria dos artilheiros – uns jogam nos revoltosos, outros nos legais... e ninguém se preocupa com as balas que passam uivando dum lado para outro.

"Bem, fiquemos aqui, vai já para as onze horas da noite e os olhos ardem-me. Adeus! Cumpre a tua penitência e engorda. Aperta nos braços esse velho Amaro e pergunta-lhe se ainda se lembra dos famosos codilhos no tempo dos nossos voltaretes. Adeus! Vai pelo Padre Bento o que mandaste pedir. Anália escreveu-te e tem estado... Sim, ela que se encarregue de contar as suas tristezas, porque eu estou a cair de sono. E fecho sem mais despedidas, porque não sei quantos adeuses meti neste final; isto bem prova que estou mais para a cama do que para a mesa de escrita. Sê feliz e prudente, porque já é tempo de teres juízo. – Luís".

Dobrei a carta e, prostrado de saudade, numa negra melancolia, deixei-me estar, sonhando com toda essa gente querida que, de tão longe, falava-me derramando um bálsamo consolador no meu coração torturado. Minha mãe e Anália! Boas e meigas criaturas... E a ânsia de vê-las foi crescendo, num desespero insofrível que alanceava minh'alma, demais, concorrendo tristemente para acumular névoas no meu espírito, caía do céu, vagaroso, como um baixar de pálpebras sonolentas, o funéreo crepúsculo.

As cigarras chamavam das altas ramas a tarde que partia sem voltar os olhos ao mundo; a folhagem, em delírio voluptuoso, rumorejava; as águas choravam pelos regos e ao longe, docemente, numa mansidão de bucólica, ovelhas balavam chegando à casa.

Iam-se-me os olhos para o longínquo, dispersamente, ora num ponto, ora noutro, a alma partia nos meus olhares e eu sentia como um bafejo carinhoso dentro em mim, intimamente, recapitulando as doces palavras de minha mãe e de minha noiva.

Começavam a gemer na mata as juritis tristonhas quando Amaro veio festivamente tirar-me da melancolia.

— Então, estás agora satisfeito?

— É verdade, Amaro. Felizmente!

CAPÍTULO XXXV

AO JANTAR, o Padre Bento, ouvido como oráculo, fez a narração minuciosa da sua passagem rápida pela cidade, através das balas e, sem parcialismo, celebrou a bravura dos que se batiam em terra e no mar, gente do mesmo sangue, aquecida pelo mesmo sol.

Descreveu Villegaignon com a tristeza romântica de um Volney. Serena e grande nas águas a praça insular mostrava as cicatrizes heróicas do seu corpo. Com os telhados abertos em rombos e taliscas, os muros escalavrados, resistia ainda desmantelada, ao fogo intenso dos fortes. Tudo ruína, apenas um coqueiro, entre as hastes hirtas de dois outros desplumados, afrontava as granadas debatendo-se, como em agonia, ao sopro dos ventos. De repente, das baterias mudas, irrompiam chamas, rolos de fumo bufavam e tremendamente os estampidos atroavam os ares.

O forte parecia ter vida própria, era como um corpo animado que operava por si, sem auxílio estranho, batendo-se contra os outros fortes que se achavam no recosto das montanhas, abrigados, enquanto que ele livre, solitário no mar vasto, dardejava de espaço a espaço, com a violência desesperada de um sitiado. Respondia e remergulhava no silêncio e sobre ele, ululando, caiam as balas com estrondo, aluindo muros, levantando no ar uma poeirada de ouro.

Algumas balas explodiam no espaço deixando, a pairar, um froco de fumaça; outras afundavam no mar levantando colunas d'água, mas pouco depois, de novo, o forte insulado detonava atestando a vida misteriosa e heróica que circulava nos seus alvéolos, feita com a coragem, com a abnegação, com a temeridade dos marinheiros que haviam cavado luras na areia para resguardarem-se nas horas de mais renhido combate.

Fora uma tarde ao Flamengo ver o bombardeio. Havia gente como para um espetáculo. Justamente quando chegava, o Aquidabã, seguindo lentamente, tomava o rumo da barra, mas parou diante de Gragoatá. Os fortes enevoaram-se; nuvens de fumo espoucaram do morro que fica a cavaleiro de S. João, atroaram os estampidos, mas o couraçado flamejou, um grande fogo correu pelas baterias de Villegagnon como em rastilho e os ribombos repercutiram longamente.

O couraçado, imóvel, parecia desafiar os fortes; fez-se, porém, silêncio e já a noite escurecia os mares quando Santa Cruz atirou de novo. O couraçado, sobranceiro, voltou e, singrando para o seu ancoradauro, disparou, num relâmpago, o derradeiro tiro.

À luz pálida do holofote Villegaignon surgia nos mares como um grande mausoléu de mármore. A claridade corria visitando as costas, iluminando os navios como, em piedosa romaria, a lâmpada dum monge examinando um campo depois da batalha. Mesmo à noite tiros abalavam a cidade. E o padre falou com entusiasmo da lancha Luci, rápida e terrível, e lamentou tanta desgraça e tanta bravura desperdiçada a serviço de uma causa triste.

Mas descrevendo a marcha dos federalistas, o Padre Bento assomou-se em tal entusiasmo que Amaro observou em tom irônico:

— Homem, parece que vens revoltoso. És capaz de ir confessar os homens do Gumercindo.

O padre acentuou: que não acrescentava uma palavra que ouvira no Rio.

— Os gaúchos vinham em massa abrindo veredas nas matas, arrastando a artilharia por montes e vales. Caminhavam dia e noite, sem descanso: os fortes impeliam os fracos e, onde percebiam rastro de tropas, entrincheiravam-se oferecendo bata1ha em campo limpo ou dispersando os batalhões com surpresas das guerrilhas.

Já deviam estar perto de S. Paulo, para a fronteira do qual seguiam regimentos. Mas que podia fazer o soldado contra essa gente bárbara, conhecedora dos terrenos, que arremetia ferozmente como os tigres, sabendo escapar quando batida, a ponto de atarantar os que a seguiam? No Rio dava-se como certa a vitória de Gumercindo. Amaro indignou-se:

— Isso não! Que direito tem esse estrangeiro de meter-se conosco? Isso não! – E esmurrando a mesa, arregalando os olhos: – Até eu tomo armas, padre! Palavra! Esqueço tudo e apanho uma espingarda para ajudar a bater o gringo.

O padre ouvia espantado e, quando Amaro abrandou, disse serenamente:

— Perdão... mas é brasileiro, é rio-grandense. Até os jornais dizem.

— Rio-grandense!? Onde é que há no Rio Grande esse nome de Gumercindo?

— Isso não prova nada, o Berthet é mineiro e tem nome francês.

— Ora, o Berthet... Berthet não é Gumercindo, seu padre. Então você quer convencer-me de uma coisa que é... absurda? Se nem português sabe.

O padre ficou um momento engrolando a ponta do cigarro, depois, cuspindo-a a um canto, disse-me prazenteiro:

— Olhe que a sua noiva é uma linda moça! Meus parabéns.

D. Senhorinha, que ainda estava à mesa, fez um ar de espanto:

— O senhor é noivo?

— Sim, minha senhora.

Sorrateiramente lancei os olhos à Lavínia: brincava com uma faca picando uma açucena e estava impassível.

D. Senhorinha ficou a olhar-me sem uma palavra, mas Lavínia, levantando-se arrebaladamente, chamou-a:

— Vamos, mamãe?

— Vamos!

E, empurrando a cadeira, ainda repetiu:

— Então é noivo, hein?

Só, com o padre, depois de ouvi-lo sobre mamãe e Anália, não pude fugir a novas descrições de episódios da revolta e, apreensivo, o bom velho, quando o deixei para recolher-me, sussurrou espalmando a mão:

— Eles vencem, o senhor há de ver. E o Gumercindo é brasileiro, disse-me quem sabe, quem o conhece muito, um senhor que andou com ele na escola.

CAPÍTULO XXXVI

RESPLANDECEU, por fim, o sol do meu último dia triste. Domingo, havia missa na capela e a sineta vibrava alegremente como em festa pascoal. Quando deixei o quarto, já aparelhado para essa viagem afortunada que devia restituir ao meu coração a calma consoladora, depois de tão duras e mestas provocações, Amaro, que passeava no corredor, recebeu-me com tristeza, sussurrando, com os olhos cheios d'água – que a filha estava sofrendo. Não dormira um minuto, à noite, chorando, soluçando, desgraçada e abatida. D. Senhorinha lá estava com ela e o bom homem, numa expansão que lhe saiu dificilmente do peito, disse-me: Que a pequena estava que fazia dó.

Em silêncio fomos caminhando para a capela que regurgitava de negros. O padre, já pronto, arranjava as galhetas e sorriu, saudando-me.

Foi como um ofício de finados essa missa dominical e, quando os negros entoaram o Bendito, turvou-se-me o coração de tristeza, prenúncio da saudade que eu havia de ter dessa terra amável e da sua boa gente hospitaleira. Ao almoço mal falamos – éramos três apenas à mesa, porque D. Senhorinha não se arredava da cabeceira de Lavínia, que sofria. Amaro suspirava e o padre, fitando-me com os olhos suaves, disse com pesar:

— Com que então... vai deixar-nos...

Horas antes da minha saída, fui ao quadrado despedir-me dos negros, deixando moedas em todas as senzalas, nos berços das crianças, nos catres dos enfermos, e atirei aos ombros do Pai Quimbande a capa com que atravessara as noites geladas na serra mineira. O negro nem levantou os olhos: regougando apanhou a capa e encolheu-se, contente, agasalhado.

Já os cavalos escarvavam a terra, à cancela do jardim, quando pedi a Amaro que prevenisse D. Senhorinha da minha partida para dizer-lhe adeus. A boa senhora apareceu-me afigurada e triste. Quando me adiantei para falar-lhe, rompeu em pranto, deixando-se cair em uma cadeira e, como eu perguntasse por Lavínia, Amaro disse, para evitar, sem dúvida, que nos víssemos:

— Está agora passando por um sono, coitada!

Abraçamo-nos e, ainda nos apertávamos comovidos, quando o padre

apareceu com uma grande caixa oferecendo-ma como lembrança dos Três Córregos. Eram insetos, mostrou-mos, todos espetados simetricamente em placas de pita, fazendo círculo em torno de uma grande aranha, felpuda e negra, que se esparrimava sobre as pernas. Nos cantos borboletas abriam asas fulgurantes.

Agradeci e o padre fez um embrulho cuidadoso, que entregou ao pajem. Lentamente caminhamos para o jardim. O sol ia alto no céu. Os campos verdes brilhavam.

Toda a gente da casa acompanhou-me à varanda, o jardim encheu-se de negros e, quando me escarranchei na sela, foi um vozeiro de adeuses, bênçãos e louvores. Amaro e o padre – que me ajudou a achar o estribo – pediram-me que escrevesse logo à chegada, contando a impressão dos que me vissem aparecer, gordo e corado, através das balas do meu fuzilamento em Sepetiba.

— Pois sim: quando for para o Rio. Creio, porém, que ainda me demoro em Juiz de Fora com mamãe.

O pajem esporeou o cavalo e o meu animal arremeteu; tive apena tempo de dizer ainda uma vez: que me recomendassem às senhoras, porque já o cavalo galopava para seguir o sendeiro em que ia o pajem com a minha mala e a caixa de entomologia.

"Terras amáveis e fascinadoras, bem grato me seria poder cantar-vos a beleza e o viçor se os dotes de meu espírito não fossem tão mesquinhos. Águas rumorejantes, cerros aveludados, matas veneráveis, se eu vos não tivesse procurado com a alma tão lacerada de angústias, por certo que vos amaria com redobrado sentimento. Ainda assim não é sem pena que te deixo, exílio casto e recatado".

Assim pensando no meu coração, ia pelos caminhos estreitos, por entre cafezais, ouvindo o gemer das rolas.

E toda a vida que vivi durante esses longos meses de homizio passou-me pela memória rapidamente, mas nítida. Uma só mágoa pungia-me acerbamente, como o remorso de um crime – Lavínia, e a dorida exclamação de Amaro: "Coitada!" Coitada, em verdade! Coitada! E eu sentia. Não que a amasse, porque nunca o vulto meigo de Anália consentiu em outro amor dentro do meu coração, mas era-lhe agradecido pela solicitude carinhosa do seu trato, pelas suas vigílias, e ainda pela paixão com que me sorria e falava, abrindo ingenuamente, em confissões de candura, a alma virgem, onde só penetrara esse amor infeliz que a torturava como uma doença.

Tropas que vinham ao longe, guizalhando chocalhos, levaram do meu

espírito esses tristonhos pensares, porque fiquei distraído ouvindo o trovar campestre dos tropeiros que vinham tangendo as mulas carregadas. O pajem desferiu também, à maneira do campo, uns versos amolentados, e fomos com um grande sol até a estação onde o hoteleiro, que me recebera à vinda, acolheu-me sem mostras de reconhecer-me.

O pajem correu a buscar a correspondência e, contente com a gratificação que lhe dei, atirou uma chibatada ao cavalo que me trouxera, metendo a galope pelo estreito carreirinho por onde eu entrara, na tarde azul e melancólica da minha chegada, seguindo o gárrulo "capitãozinho".

CAPÍTULO XXXVII

A ALEGRIA que experimentei ouvindo o silvo do expresso não a sei dizer, nem conheço palavras que a descrevam. Precipitei-me para a plataforma, e, logo que o comboio entrou bufando, imenso, esbaforido como em grande canseira de rodar por serras e vales, impaciente, sem mesmo deixar que parasse, agarrei-me ao ferro da plataforma de um wagon e saltei no estribo. Pouca gente. Isolei-me no fundo do wagon, acendi um charuto, e olhando, não os que ali tinha, diante de mim, mas o que ficara tão longe, senti confranger-se-me o coração. Pobre Lavínia! Um solavanco, e partimos.

Quando o condutor anunciou Juiz de Fora, fiquei num estado de superexcitação difícil de dominar e saí para a plataforma, como se assim me aproximasse mais da cidade onde mamãe esperava-me com o seu grande amor e a sua saudade. E, apesar da marcha rápida do expresso, que ia através de uma nuvem densa de poeira, parecia à minha impaciência que não saíamos do mesmo ponto. Mas apareceram casas, muros alvejando em pomares, cabanas no aclive de colinas e a sineta da máquina entrou a badalar, à proporção que os freios, chiando, iam diminuindo a marcha do comboio.

Agarrado aos ferros da plataforma debrucei-me e, alongando os olhos, vi a estação já perto, apinhada de gente, – e chegamos. Procurando mamãe na multidão, via apenas gente desconhecida, homens, senhoras que se apertavam, espiando curiosamente, devassado os wagons, comentando, rindo, mas de repente avistei-a! E ela procurava como eu, seus olhos erravam aflitos de um carro a outro. Bradei por ela, acenando-lhe com o lenço. A coitada ficou a olhar-me; súbito, porém, reconhecendo-me, veio apartando os grupos e, quando lhe abri os braços, rompeu a chorar e eu sentia-lhe o coração batendo com força no peito inundado de felicidade.

Olhavam-nos; tomei-lhe o braço e fui com ela vagarosamente, até que nos achamos, num momento, sós.

— Ah! meu filho! – murmurou de mãos postas, e os olhos em lágrimas. Mas o sorriso abriu-se-lhe no rosto. – Para que deixaste crescer a barba assim, meu filho? Eu não te reconheceria, palavra! Estás outro!

E a sua alegria, como se não coubesse em palavras, expandia-se-lhe nos olhares divinamente meigos.

E fomos caminhando para o hotel, onde ela instalara as malas e onde me fez a narração miúda e dolorosa da sua vida, desde a madrugada de minha fuga até àquela hora feliz do meu regresso ao seu seio. Só então tive conhecimento do cartão que dera em resultado toda essa série de sofrimentos, fazendo que se extraviassem as cartas que me escreviam. Era um cartão da casa onde eu traçara, dias antes da minha precipitada fuga, nem sei com que intuito, o endereço da fazenda de Antero Mendes, o qual, mais tarde, dizendo que eu nunca aparecera em suas terras, concorreu para que o boato da minha morte ganhasse foros iniludíveis de verdade.

Mas depressa esquecemos esse fato para nos entregarmos, de todo, à ventura das nossas almas. Falamos de Anália e de todos, até do Celestino que lá ficara, ao que diziam, enterrado na areia da praia. E, na manhã seguinte, para que eu readquirisse minha feição antiga, mamãe exigiu que eu deitasse abaixo a barba.

Já agora vale a pena empregar alguns minutos no remate destas páginas, que vão começando a amarelecer como as folhas no outono.

É domingo, um domingo amável de julho, fresco apesar do sol que fulgura, colorindo as minhas rosas e pondo em sobressalto alegre os meus canários. Anália é minha, já usa, com orgulho, o meu apelido e vela pela nitidez dos meus colarinhos.

Foi na véspera de S. João que diante da Lei e da Religião, nos juramos fidelidade eterna.

E eis-me aqui instalado, à sombra das árvores de Luís Farinha, neste sossegado recanto da Gávea onde não chega o bulício da vida que por lá se estorce, nessa cidade tumultuosa e visionária.

Estamos em plena lua-de-mel e minha sogra augura-me uma vida tranqüila pelos meus dias além e, bem merece que o cerquem de solícitos cuidados quem vem, como Ulisses, de tão longa peregrinação à qual não faltou Calipso, que lá se ficou inconsolável dizendo o meu nome às velhas árvores da mata dos Três Córregos.

Pobre Lavínia! Amaro, na última carta que me escreveu, contou-me que, uma noite, em delírio de febre, ela pôs-se a chamar por mim desesperadamente. Mas... que havia eu de fazer? A lei não permite que um homem use, no mesmo dedo, duas alianças. Outro há de apagar-lhe do coração a lembrança que lá deixei.

Do que houve à minha chegada, que foi em fins de março, quando já não

andavam os esbirros farejando casas, nada merece registro nestas páginas; acharam-me gordo e queimado dos sóis. Na Rua do Ouvidor mostravam-me a dedo, chamavam-me O morto, isso ouvi, mais de uma vez, nos cafés e nos bondes, e Brás Taveira, quando me viu, fez uma cara de espanto perguntando se eu não vinha do outro mundo e quis, como S. Tomé, tocar a cicatriz do meu peito.

Julião, no almoço que Luís Farinha ofereceu, sob o toldo versudo do seu caramanchel, recitou uns versos heróicos e fogosos que tinham por título o Redivivo e um jornal noticiou, com pilhéria, que se achava na terra "um dos fuzilados de Sepetiba."

Foi tudo quanto houve comigo, porque, três dias depois do meu reaparecimento, já me tratavam singelamente como se eu tivesse apenas voltado de uma excursão estomacal às águas ou de uma caçada às codornas nos campos gerais.

E, como eu, outros finados quebravam as pesadas lajes dos túmulos e surgiam: uns pedindo reintegração, outros, mais felizes, voltando às suas carteiras, recolhendo os juros das apólices, vascolejando as casas franjadas de teias de aranhas.

O próprio Forjaz, autor de toda a minha desgraça, apareceu-me um dia, queixando-se. Quando o ví lívido, magro, estive para saltar-lhe à gorja, mas dominei-me e abracei-o. Ele pediu-me informações minuciosas e contou-me que o haviam encerrado num cárcere donde, todas as manhãs, retiravam companheiros para o fuzilamento. De cento e tantos só ele saíra vivo e inclinou-se para segredar-me alguma coisa sobre federalistas, mas recuei secamente, sem ouvi-lo... e passamos a outros assuntos. Mary havia partido para Buenos Aires espoliada pelo Vargas, e outros fatos, muitos, vieram e correram por entre espantos e risos. Falando-me, porém, Forjaz em voltar para o escritório, enchi-me de ânimo e disse-lhe que o lugar estava sendo servido por um protegido de Luís Farinha, livrando-me assim desse homem terrível, que até escrevia os sonhos revolucionários, comprometendo uma firma e fazendo com que um indiferente, como eu, que nem sequer se preocupa com eleições, andasse a esconder a vida entre serras.

Só não me apareceu o Celestino. Veio ter comigo, no escritório, a pobre mãe pedindo-me auxílio para poder voltar à sua terra onde queria morrer junto do berço em que criara o filho, olhando os caminhos onde ele brincara. E como eu lhe dissesse que seria bom dirigir uma petição ao governo para que, ao menos, ele acudisse com alguma coisa, a velha mirou-me espantada:

— Eu, meu senhor?! Não! O pão que eu comprasse com esse dinheiro

não me desceria a garganta. Havia de parecer-me sempre que era amassado com o sangue de meu filho. Isso não! Isso não! Antes a fome!

E rompeu a chorar amarguradamente.

A paz! Bendita seja! A vida recomeça docemente nos campos e nas cidades. Vão pelos ares fora as nuvens de fumo da artilharia e o sol brilha em pleno céu sereno. As aves, que emigraram espavoridas com o troar dos canhões, regressam cantando, já as folhas sussurram com o recolher dos pássaros que se aninham.

O semeador vai pelas campinas alegres aproveitando o sulco dos armões para deixar neles o gérmen de novas plantas, as mães trazem os olhos enxutos e já não se estorcem os corações apavorados ao cair das noites trágicas.

A paz! Bendita seja! E, para terminar, duas palavras mais que são a síntese de tudo quanto ficar nestas páginas amarelecidas:

"Na guerra o pior inimigo é o boato. Fugi dele mais depressa do que duma hoste aguerrida e má. Um visionário é capaz de arrancar o mundo dos seus eixos... " Felizmente sobra-me experiência, tenho provação bastante e um seguro de vida para depois da minha morte, porque, infelizmente, está escrito que hei de morrer deveras, mais hoje, mais amanhã, talvez num dia azul e fresco como o de hoje.

É bem possível que ainda me alargasse em considerações mais vastas se Anália me não viesse buscar para o almoço. E termino para não cair em recordações melancólicas. Vou ao regalo da mesa que Luís Farinha abastece com gosto e fartura. Talvez mais tarde acrescente alguma coisa a este escrito. Por enquanto pingo aqui o ponto final para que não esfrie a costela nem fique o molho coalhado.

---

livrosdoexilado.org

Agosto – 2015